



Doina Cioca

## JORNALISTA OU TRADUTOR?

### UM ESTUDO DAS MARCAS CULTURAIS NO CASO DOS ATAQUES TERRORISTAS DE 22 DE JULHO DE 2011 NA NORUEGA

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo, na área de especialização em Jornalismo, orientada pela Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo, apresentada ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

# Jornalista ou Tradutor?

Um Estudo Das Marcas Culturais No Caso Dos Ataques Terroristas

De 22 De Julho De 2011 Na Noruega

## Ficha Técnica:

|                               |  |
|-------------------------------|--|
| <b>Tipo de trabalho</b>       | <b>Dissertação de Mestrado</b>   |
| <b>Título</b>                 | <b>JORNALISTA OU TRADUTOR?<br/>Um Estudo Das Marcas Culturais No Caso Dos<br/>Ataques Terroristas De 22 De Julho De 2011 Na<br/>Noruega</b>                                      |
| <b>Autor</b>                  | <b>Doina Cioca</b>   |
| <b>Orientador</b>             | <b>Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo</b>   |
| <b>Júri</b>                   | <b>Presidente: Doutora Rita Joana Basílio Simões</b><br><b>Vogais:</b><br><b>1. Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo</b><br><b>2. Doutor João José Figueira Silva</b> |
| <b>Identificação do Curso</b> | <b>2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo</b>  |
| <b>Área científica</b>        | <b>Jornalismo</b>  |
| <b>Especialidade</b>          | <b>Jornalismo</b>  |
| <b>Data da defesa</b>         | <b>07-10-2013</b>  |
| <b>Classificação</b>          | <b>16 Valores</b>  |

*À minha família*

*Famíliei mele*

## **AGRADECIMENTOS**

*Este trabalho é o resultado de uma conquista pessoal que nunca teria conseguido atingir sem a ajuda de várias pessoas que cruzaram as suas vidas com a minha.*

*Agradeço profundamente,*

*À minha família, por tudo;*

*Ao meu amigo e companheiro, Rui Duarte, pela paciência e apoio incondicional;*

*À minha orientadora, Professora Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo, pela minuciosa orientação e por todo o contributo;*

*Aos professores do Curso de Mestrado em Comunicação e Jornalismo pelos novos conhecimentos e novos desafios;*

*À Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra pela oportunidade;*

*À Professora Doutora Stela Verega, que sempre apoiou a minha aventura estrangeira;*

*Ao Centro de Língua Portuguesa Camões da Universidade Estatal da Moldóva que possibilitou a aprendizagem da língua portuguesa.*

## Resumo

A presente dissertação centra-se na análise das marcas culturais no âmbito do jornalismo internacional. A base teórica para a nossa pesquisa situa-se nos modelos de Christiane Nord (1991) para a tradução e de Frank Esser (1998) para o jornalismo. A interação dos aportes teóricos aponta para o jornalista como “tradutor” do facto noticioso quando a notícia internacional é “traduzida” para ambientes culturais diferentes. A partir destas considerações, esta pesquisa pretende questionar e demonstrar a presença de marcas culturais num *corpus* de textos comparáveis dos jornais *Diário de Notícias* e *The Guardian*. A análise desdobra-se sobre dois pontos: i) a aplicação dos modelos de C. Nord e F. Esser e, ii) a análise do discurso. Os resultados apontam para uma presença moderada de marcas culturais primordialmente linguísticas, que moldam o discurso jornalístico, onde o jornalista atua como uma ponte entre culturas, não só informando o leitor mas também formando a opinião dele.

**Palavras – chave:** jornalismo, tradução, cultura, funcionalismo.

## **Abstract**

This research project focuses on the analysis of cultural marks present in the international journalism. The theoretical basis for our research includes Christiane Nord's (1991) analysis model for translation and Frank Esser's (1998) model for journalism. The interaction of these theoretical lines points out to the journalist as a "translator" of facts when the news is "translated" into different cultural environments. From these considerations, the present paper aims to question and to demonstrate the presence of cultural marks in a corpus of comparable texts from the newspapers *Diário de Notícias* and *The Guardian*. The analysis comprises two moments: i) the application of C. Nord's and F. Esser's analysis models, and ii) the discourse analysis. The results indicate a moderate presence of cultural marks, primarily linguistic, shaping, in this way, the media discourse and where the journalist acts as a bridge between cultures, not only informing the reader but also forming his opinion.

**Keywords:** journalism, translation, culture, functionalism

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....   | 8  |
| LISTA DE TABELAS .....   | 9  |
| 0 – INTRODUÇÃO .....   | 10 |
| 1– O TERRORISMO E OS <i>MEDIA</i> .....                                      | 13 |
| 1.1 - Definições oficiais do terrorismo .....                                | 13 |
| 1.2 - Tipos e características .....  | 21 |
| 1.3 - Causas do terrorismo .....   | 22 |
| 1.3.1 - Causas políticas .....   | 22 |
| 1.3.2 - Causas económicas.....   | 24 |
| 1.3.3 - Causas ideológicas.....  | 25 |
| 1.4 - Objetivos das ações terroristas .....                                  | 27 |
| 1.5 - O novo terrorismo e os <i>media</i> hoje.....                          | 28 |
| 1.6 - Relação <i>media</i> -terrorismo .....                                 | 29 |
| 2 – A INTERFACE TRADUÇÃO – JORNALISMO .....                                  | 35 |
| 2.1 - A cultura e a tradução .....   | 35 |
| 2.2 - O funcionalismo segundo Christiane Nord para a tradução .....          | 38 |
| 2.3 - A perspectiva funcionalista de Frank Esser na área do jornalismo ..... | 45 |
| 2.4 - Valores-notícia .....  | 49 |
| 2.5 - O jornalista-tradutor.....   | 54 |
| 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TEXTOS .....                                     | 57 |
| 3.1 - Metodologias .....   | 57 |
| 3.2 - Análise dos dados com base nos modelos de Nord e Esser.....            | 65 |
| 3.2.1 - Os fatores externos e o <i>skopos</i> .....                          | 66 |
| 3.2.2 - Os fatores internos .....  | 72 |
| 3.3 - Análise do discurso .....  | 78 |
| 3.3.1 - Enunciados em análise .....  | 80 |
| 3.3.2 - Títulos e <i>lead</i> .....  | 82 |
| 3.3.3 - Macroproposições .....   | 88 |
| 3.3.4 - Imagens e legendas .....   | 89 |
| 4 – CONCLUSÕES.....  | 92 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....   | 97 |

|   |            |
|---|------------|
| <b>ANEXOS .....</b>   | <b>104</b> |
| <b>ANEXO 1 - TÍTULO E LEAD .....</b>                          | <b>105</b> |
| <b>ANEXO 2 - APLICAÇÃO DO MODELO DE CHRISTIANE NORD .....</b> | <b>108</b> |
| <b>ANEXO 3 - CORPUS DIÁRIO DE NOTÍCIAS.....</b>               | <b>119</b> |
| <b>ANEXO 4 - CORPUS THE GUARDIAN .....</b>                    | <b>126</b> |



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Ilustração 1 - Christiane Nord, Translating as a Purposeful Activity: A Prospective Approach.....</b>                            | <b>42</b> |
| <b>Ilustração 2 - Modelo Pluriestratificado Integrado (Esser, 1998) – “metáfora da cebola” (tradução de Zipser, 2002: 25) .....</b> | <b>48</b> |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – O Modelo de Christiane Nord (1991) apud Mazzuti(2011:24) – Tradução de Zipser (2002: 50)..... | 43 |
| Tabela 2 – Títulos .....   | 66 |
| Tabela 3 – Dados referentes ao público leitor .....  | 69 |
| Tabela 4 – N° palavras por notícia .....   | 69 |
| Tabela 5 – Tema.....   | 73 |
| Tabela 6 – Elementos Suprasegmentais .....   | 75 |
| Tabela 7 – Marcas Culturais .....  | 77 |
| Tabela 8 – Léxico disfórico no <i>DN</i> .....   | 83 |
| Tabela 9 – Processos <i>DN</i> .....   | 84 |
| Tabela 10– Léxico disfórico <i>The Guardian</i> .....  | 86 |
| Tabela 11– Processos <i>The Guardian</i> .....   | 87 |
| Tabela 12– Macroproposições .....  | 88 |

## 0 – INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação social têm um papel e um lugar importante na sociedade moderna. De acordo com Cohen (1963:13), os meios de comunicação social podem não ser bem-sucedidos a maior parte do tempo em dizer às pessoas o que pensar, mas são espantosamente eficazes em dizer sobre que temas pensar. Biernatzki (2002:23) afirma que à medida que os *media* têm a grande responsabilidade de “contar” a verdade, deparam-se com a dificuldade em descobrir toda a verdade acerca de alguns atos terroristas. A relação entre os *media* e o terrorismo, descrita no primeiro capítulo do presente trabalho, é complexa, apresentando uma estrutura não – linear. O terrorismo, como tema, encaixa perfeitamente no sistema de valores-notícia dos *media*. A perpetração de atos terroristas por causa do seu valor-notícia implica que os terroristas têm de cometer apenas atos nos quais os *media* estarão interessados, como por exemplo atos que implicam a morte ou ataque às instituições de estado.

Os *media* são parte importante da cultura na sociedade moderna. Os jornalistas produzem as notícias com um determinado objetivo e para um determinado recetor, ou seja para um público leitor alvo. Estamos a viver numa era extremamente informatizada, os leitores, como consumidores de informação, têm acesso aos diversos relatos dos meios de comunicação transmitidos através de diversos suportes: papel, digital, televisão, rádio, obtendo desta forma a procurada informação. A informação praticamente inunda o leitor, mas como saber que leitura é a mais correta, ou mais verdadeira? De acordo com Polchlopek (2005:2) “ [...] existe uma interferência entre o facto e seu relato pela imprensa, gerando diferentes perspetivas de abordagem especialmente quando a notícia tem origem em ambiente internacional [...]”. Ou seja, as múltiplas leituras do mesmo facto ou acontecimento podem apresentar diferenças que resultam da influência da cultura, do estilo e do conhecimento do jornalista, assim como de outros fatores externos ou internos.

Jorge Gallardo Camacho conclui que a criação de grandes grupos de comunicação transnacionais exige a existência de redatores (e jornalistas) preparados para enfrentar (também) a barreira linguística. Mas, na ótica do autor, este facto complica a delimitação de uma linha entre as funções e competências de cada posição. O jornalista-tradutor é uma figura indispensável dentro das redações e grandes empresas de comunicação e a capacidade de poder cobrir duas funções proporciona ao jornalista prestígio no seio da empresa. (Camacho, 2005:78-80)

Tendo em conta esta afirmação levantamos as seguintes perguntas: Como é que os meios de comunicação relatam os acontecimentos estrangeiros? Até que ponto o discurso jornalístico está impregnado de marcas culturais? Que marcas são essas? Como se manifestam?

Visto que o tema da presente dissertação de mestrado tinha sido escolhido com base na nossa licenciatura em Línguas Modernas e Clássicas é com o objetivo de criar uma “ponte” entre a nossa especialização da licenciatura – a tradução e a área de estudo de mestrado – o jornalismo que optamos por escolher dois diários que representassem as duas línguas em que nos especializámos – a língua inglesa e a língua portuguesa. Os dois diários que integram o *corpus* são: *Diário de Notícias online* e *The Guardian online*.

O objetivo central do presente trabalho é identificar as marcas culturais presentes nos dois diários e demonstrar que o jornalista atua como um tradutor de factos e culturas, com base na análise do caso dos ataques terroristas de 22 de julho de 2011 na Noruega. A presente pesquisa está organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo, intitulado *O Terrorismo e os Media* realiza um enquadramento teórico do tema geral presente nos textos do *corpus*: os ataques terroristas de 22 de julho de 2011 na Noruega, apresentando também a relação existente entre os *media* e o terrorismo.

No segundo capítulo, intitulado *A interface Tradução-Jornalismo*, descrevemos a relação existente entre a cultura e a tradução, apresentamos o modelo funcionalista elaborado por Christiane Nord para a tradução e o modelo funcionalista de Frank Esser aplicado ao jornalismo (que servirão de base para uma parte da análise do *corpus* do terceiro capítulo); os valores-notícia e o jornalista-tradutor.

O terceiro capítulo está dividido em duas secções. A primeira secção inclui a apresentação das metodologias aplicadas e a segunda está dedicada à análise do *corpus* baseada nos modelos de Christiane Nord e Frank Esser e à análise de discurso das dez notícias que compõem o *corpus*.

Este trabalho de análise comparada dos *media* sobre os ataques terroristas de 22 de julho de 2011 na Noruega propõe-se averiguar se existem algumas marcas culturais no tratamento de notícias estrangeiras, que tipo de discurso nos é apresentado pelos dois diários escolhidos e como essas marcas são identificadas no discurso. A metodologia a ser usada para a análise das dez notícias dos dois jornais: *Diário de Notícias* e *The Guardian* inclui tanto o

método qualitativo como o método quantitativo. O método quantitativo tem uma aplicação mais reduzida, sendo usado especificamente na primeira parte da análise do corpus, na aplicação da tabela de Nord. A análise de discurso pretende aprofundar de forma qualitativa aquilo que a análise baseada no modelo de Nord e Esser demonstra.

## 1- O TERRORISMO E OS MEDIA

*«O terrorista é perfeição de paranoia. Em primeiro lugar, só ele é justo e apenas a sua causa possui verdade e deve ser acatada. Paranoia é palavra que, na língua helénica, significa “para além do pensamento, da razão”. Um paranoico não é desprovido de razão, mas possui-a em excesso, captando cada ato humano ou divino sob a lógica mais coerente, a que desconhece obstáculos naturais ou de moralidade. Nas suas deduções vai-se das premissas aos resultados, sem passar pelo mundo enquanto resistência. Para ele, não existem outras explicações, outras vontades, outros afetos ou desejos, e também outros pavores, salvo os seus.»*

Roberto Romano

Seguindo a opinião de José Jorge Letria, podemos chamar de atos terroristas “o emprego sistemático da violência para se atingir a um fim político. O terrorismo seria então o conjunto de atos violentos, de atentados, de detenção de reféns civis que uma organização pratica para agitar um país”. (Letria, 2001:15)

Fenómeno difícil de explicar, para o qual não existe uma definição única, o terrorismo desperta fortes respostas emocionais não só nas vítimas, mas também nos próprios “praticantes” do terrorismo. Conforme o Centro de Pesquisa do Terrorismo<sup>1</sup>, várias agências governamentais oferecem diferentes definições operacionais, definindo, contudo, o terrorismo como o uso sistemático de violência física-real ou ameaçada- contra não-combatentes mas, tendo em conta, uma audiência maior do que as vítimas imediatas, com o objetivo de criar um clima de medo entre a população alvo, para obter alguma mudança de ordem política ou social.

### 1.1 - Definições oficiais do terrorismo

Olhando para o passado podemos constatar que os atos de terror estão presentes desde o início da civilização. Surpreendente é o facto de o próprio poder estabelecido ter sido o agente que mais aplicou a força e o terror, ora contra povos inimigos, ora contra o seu próprio povo como forma de repressão. Carr (*apud* Félix, 2004:156) constata que o império Romano utilizou táticas de terrorismo contra os povos dominados com o objetivo de baixar o moral e

---

<sup>1</sup> Terrorism Watch and Warning disponível em <http://www.terrorism.com/2012/10/29/terrorism-faq/>

enfraquecer a resistência das tropas inimigas. O mesmo autor salienta que a expressão utilizada na altura era “guerra punitiva” mais tarde substituída por “guerra destrutiva”.

Carla Sofia Felix acrescenta:

*“o final das Guerras Púnicas, com a implacável destruição de Cartago pelos Romanos, que vitimou crianças, mulheres e idosos, - constituiu a forma de utilização da tática do terror cujo objetivo seria aniquilar o inimigo que, por tanto tempo ousou desafiar o poder de Roma. Este procedimento foi muito comum na Idade Antiga, sendo observado na Grécia, Império Egípcio e nas Civilizações da Mesopotâmia”.*

(2004:156)

De acordo com Sutti e Ricardo *apud* Nogueira (2004:227), o termo terrorismo pressupõe o uso de meios repressivos orientados contra o território de um Estado e a sua população civil com a intenção de atingir certos objetivos, sejam políticos, religiosos, culturais, étnicos etc. por meio de propagação de um clima de terror. Podemos concluir que o terrorismo é um meio “eficaz” de disseminação de violência para atingir determinados objetivos estratégicos.

Biernatzki (2002:3) salienta que a palavra terror teve o seu mais proeminente uso histórico na descrição da política coerciva utilizada pelo governo revolucionário francês em 1790, referindo-se ao terrorismo revolucionário praticado pelo governo entre maio de 1793 e julho de 1794.

O terrorismo é visto como um termo ambíguo e difícil de encerrar numa definição única e global. Vamos apresentar algumas definições estabelecidas por várias entidades e vários autores que trabalharam o assunto.

A Assembleia Geral da ONU, como citada por Koh, define o terrorismo da seguinte forma:

*“Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em pessoas particulares para fins políticos, quaisquer que sejam as considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica e de natureza religiosa que possam ser invocadas para justificá-los.”*

(Koh, 2002:148)

William E. Biernatzki (2002:3) observa que apesar da definição da ONU a ambiguidade permanece, dando como exemplo a limitação do terror a "atos criminosos", que,

na opinião do autor, parecem descartar atos por parte do governo, que é a autoridade que determina quando um ato é "criminoso" e quando não é.

Biernatzki continua a sua observação, acerca da limitação das definições conhecidas do terrorismo, apontando que a definição utilizada pelo FBI (Federal Bureau of Investigation) tem uma semelhante restrição em seu uso da palavra "ilegal": *“Terrorism is the unlawful use of force or violence against persons or property to intimidate or coerce a government, the civilian population, or any segment thereof, in furtherance of political or social objectives.”* (Biernatzki, 2002:3)

Conforme Brian Jenkins *apud* (Alali and Eke, 1991<sup>b</sup>: 8), o terrorismo é o uso da força ou a ameaça de uso da força para trazer a mudança política. Observamos na definição dada por Jenkins uma limitação clara do terrorismo a ações de violência com o único objetivo – mudança política. Walter Laqueur, historiador americano e comentarista político, completa a definição dada por Jenkins afirmando que “o terrorismo é o uso ilegal da força para atingir um objetivo político quando o alvo são pessoas inocentes.” (Laqueur,1976:104, *apud* Farnen,1990:105) Portanto, na visão de Laqueur, para que um ato possa ser considerado uma ação terrorista, tem de implicar pessoas inocentes como vítimas do ato em causa.

Como citado pelo Centro de Pesquisa do Terrorismo, James M. Poland, autor de vários livros que tratam o terrorismo, completa ainda mais a definição do terrorismo afirmando que corresponde ao assassinato e à desordem premeditada, deliberada e sistemática e ameaça das pessoas inocentes para a instigação de medo e intimidação, com o objetivo de ganhar vantagem política ou tática para influenciar as audiências.

O mesmo centro de pesquisa cita o Vice-presidente de Task Force de 1986, que nos dá a seguinte definição do terrorismo: o uso ou a ameaça de uso ilegal de violência contra pessoas ou propriedades para objetivos políticos ou sociais. Normalmente, a intenção é intimidar ou coagir um governo, indivíduos ou grupos a mudarem os seus comportamentos ou políticas.

Jennifer Jane Hocking afirma que o terrorismo é o resultado duma construção social o que torna difícil tratar a “ação” rotulada como terrorismo de uma forma neutra.

*“Replete with implied moral opprobrium, a socially assigned value and meaning, an imputation of illegitimacy and outrage, ‘terrorism’ can never fit the apparently value-neutral typologies much used in the social sciences.”*

(Hocking, 1992:86)



Peter Alan Sproat alerta para o facto de ter muito cuidado com a definição e a utilização do termo “terrorismo” pelos mesmos motivos:

*“The labeling of a particular group that has implemented such actions as terrorist per se is either theoretically impossible because it is the individual acts that are terrorist; oral-embracing, and any organization that has carried out such an act must be called terrorist forever more regardless of its latest activities. Thus, a carefully considered, and universally applied, comprehensive definition of terrorism isurgently required.”*

(Sproat, 1991:27)

Os autores Paletz e Vinson *apud* Biernatzki (2002:4) distinguem entre três tipos de terrorismo:

- *Terrorismo de Estado* – atos terroristas contra a população do próprio país;
- *Terrorismo patrocinado pelo Estado* – atos terroristas contra a população de outros países;
- *Terrorismo insurgente* – atos de terrorismo efetuados por entidades não – Estatais.

William E. Biernatzki, no artigo intitulado “Terrorism and Mass *Media*”, aponta para o facto de todas as definições do termo terrorismo estarem a omitir os atos de terror governamentais – o terrorismo de Estado. O ditado “*one man’s terrorist is another man’s freedom fighter*”<sup>2</sup>, mencionado pelo mesmo autor, pode ser aplicado para afirmações sobre atos terroristas efetuados tanto como pelos governos como pelos *media*. Conforme Mazetto (*apud* Félix, 2004:3), o denominado *Terrorismo de Estado* encontra-se enraizado na história, manifestando-se periodicamente até à atualidade, apesar de nenhum poder estabelecido reconhecer oficialmente a utilização de ações terroristas como recurso estratégico. Este tipo de terrorismo é polémico, porque, como salienta o Mazetto é mais fácil atribuir ou reconhecer o ato terrorista num indivíduo ou organização clandestina.

Recorrendo novamente à História podemos ver que a partir do século VII, a expansão do Islão no Médio Oriente, África do Norte e Europa invocou os princípios da guerra santa ou  *Jihad*<sup>3</sup> para converter os infiéis à nova fé.

---

<sup>2</sup> [nota do tradutor] “O terrorista de um é o libertador de outro”

<sup>3</sup> Jihad- dever sagrado

*“Partindo do Califado de Medina, quando o poder temporal e espiritual estavam unificados sob uma só autoridade, vários povos das regiões conquistadas foram submetidos a um regime de força. O Império Bizantino Cristão sucumbiu aos ataques do Islão, representados pela facção otomana, depois de mais de quatrocentos anos de disputa.”*

(Carr *apud* Félix, 2004:156)

A Idade Média também foi rica em atos de terror, causados principalmente pelo fundamentalismo religioso, cristão e muçulmano incluindo, por vezes, interesses económicos de ambas as partes. A ascensão de grupos religiosos radicais ao poder pode ser especialmente constatada no Médio Oriente. A intolerância religiosa foi talvez, desde sempre, a grande motivação para incrementar ações terroristas do poder estabelecido, seja de um Estado Teocrático e Pseudo-Teocrático ou da própria instituição religiosa.

*«Nas Cruzadas, ocorridas nos séculos XII e XIII (...) não foram poucos os massacres praticados tanto por cristãos como por muçulmanos, cujas principais vítimas eram as populações civis das cidades conquistadas e reconquistadas.»*

(Mazetto *apud* Félix, 2004:157)

Tendo em conta que a religião em si é contra o uso da violência e promove o amor para o próximo e a paz, até que ponto podemos considerar esses grupos terroristas como sendo religiosos?

A Santa Inquisição é um exemplo relevante de terror durante a época medieval. Inúmeros inocentes foram condenados à morte já que qualquer indivíduo podia responder por heresia ao Tribunal do Santo Ofício. O poder unilateral da igreja impunha os seus dogmas e preceitos sem limites.

Como referido por Mazetto *apud* Félix (2004:157), o século XVI, marcado pela conquista da América, conheceu o grande genocídio dos povos indígenas do Novo Mundo. A transferência da riqueza da América para a Europa causou o aparecimento da pirataria no Atlântico que trouxe o medo e o terror entre os marinheiros. De certa forma, as estratégias utilizadas pelos piratas eram parecidas com os métodos terroristas modernos. O principal objetivo era roubar os galeões espanhóis que carregavam ouro e prata extraídos das colónias. Deste modo, destruíam vilas e cidades das colónias portuguesas e espanholas, principais locais de embarque da preciosa carga.

Os ataques-surpresa contra o exército de Napoleão, com posterior recuo, ocorreram com maior relevância em Espanha, denominando-se de *pequenas guerras* ou *guerrilhas*. Para combater os ataques das guerrilhas, as forças armadas do poder estabelecido recorriam frequentemente a táticas de terror como tortura e execução sumária dos não combatentes, acusados de dar apoio aos guerrilheiros. Este cenário pode resultar numa ação de retaliação da guerrilha, utilizando os mesmos métodos, aproximando-se assim das ações terroristas.

O século XX apresenta um número impressionante de atos de terrorismo de Estado, destacando-se os praticados pelo regime nazi e estalinista. No fim da II Guerra Mundial, o lançamento da bomba atômica pelos EUA às cidades de Hiroshima e Nagasaki, pode ser considerado ato terrorista. O sequestro ou o assassinio de pessoas é uma prática muito comum da ação terrorista, frequentemente exercida por organizações clandestinas. Na era da aviação a jato, décadas de 70 e 80 os voos comerciais tornaram-se num alvo fácil para as ações terroristas:

*“Entre os inúmeros casos de aviões sequestrados, destaca-se o de Entebe, no Uganda, local para onde foi desviado o voo TelAviv – Paris da Air France em 1976. Os sequestradores, pertencentes à Frente Popular para a Libertação da Palestina, mantiveram 93 passageiros judeus como reféns, exigindo a libertação de 53 palestinos presos em Israel. A famosa “Operação Entebe”, organizada pelo governo israelita, resgatou os reféns e executou os terroristas.”*

(Mazetto *apud* Félix, 2004:158)

Conforme Mazetto, o sequestro de pessoas seguido de assassinio tem-se tornado prática comum entre os grupos terroristas:

*“O caso mais recente e dramático foi o sequestro de mais de 500 espectadores do teatro Dubrovka em Moscovo. Os terroristas chechenos passaram a torturar e executar os reféns. A ação anti terror do governo russo foi a mais desastrosa possível, resultando na morte de 118 reféns e 50 terroristas, pelo uso inadequado de um gás paralisante.”*

(*apud* Félix, 2004:158)

Félix (2004:158) sublinha que no caso de um sequestro individual o alvo pode representar o poder estabelecido ou fazer parte dele. A mesma autora apresenta dois

exemplos. Primeiro é o caso do sequestro de Patrícia Hearst que ocorreu nos anos 70. Filha do magnata da imprensa americana foi raptada pelo “Exercito Simbionês de Libertação”. O segundo caso foi o sequestro e assassinio do ex-primeiro ministro italiano Aldo Moro, em 1978, pelas Brigadas Vermelhas. Deste modo, a autora afirma que o principal objetivo dos assassinios praticados por terroristas, ligados a grupos organizados ou por ímpeto pessoal, é de atingir o poder estabelecido ou indivíduos que representam ideologias contrárias às do agressor. O seguinte facto, apontado por Mazetto vem ao encontro das afirmações de Félix:

*“O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo, em 1914, pelo terrorista sérvio Gavrilo Princip, teve consequências graves. Foi o estopim da I Guerra Mundial, causadora de mais de 10 milhões de mortos. O episódio histórico mostra como as organizações terroristas já eram atuantes no início do século XX e, também, o envolvimento de governos com essas organizações. O grupo terrorista denominado “Mão Negra” responsável direto pelo atentado de Sarajevo, contou com o apoio do serviço de segurança do Reino da Sérvia para concretizar o assassinato do arquiduque austríaco.”*

(*apud* Félix, 2004:159)

Da mesma forma, cite-se também o governo Líbio, na pessoa do seu líder, o coronel Kaddafi, várias vezes acusado de manter bases de treino e oferecer apoio logístico e financeiro aos terroristas palestinianos, do IRA<sup>4</sup> e da ETA<sup>5</sup>. Outro governo sempre citado como financiador de grupos terroristas foi o de Saddam Hussein no Iraque. Mazetto sublinha que o assassinio em massa da população civil não se restringe somente ao Médio Oriente:

---

<sup>4</sup> Organização nacionalista irlandesa, clandestina e de carácter militar. A sigla corresponde à designação *Irish Republican Army* (Exército Republicano Irlandês). O IRA foi criado na década de 1910 com o objetivo de obter a independência da Irlanda em relação ao Reino Unido. Foi, de facto, à sua ação que se ficou a dever, em grande medida, a abertura do Governo britânico a negociações e, em consequência, a constituição do Estado Livre da Irlanda em 1921. Os seus militantes, todavia, não se conformavam com tratado assinado por Michael Collins, que não garantia completa autonomia à Irlanda e concedia ao Reino Unido a soberania sobre o território do extremo norte da ilha. A independência seria conseguida mais tarde, mas a Irlanda do Norte nunca haveria de se emancipar da Coroa britânica. Por isso, e de mistura com motivações religiosas, o IRA continuou a lutar, recorrendo sempre a ações de violência, designadamente atentados contra os militares britânicos colocados na Irlanda do Norte e altos responsáveis da administração do Reino Unido. Infopédia 2013. IRA [online] [acedido a 11/04/2013]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$ira](http://www.infopedia.pt/$ira)>

<sup>5</sup> A ETA surgiu em 1959 de uma dissensão das juventudes do Partido Nacional Basco, liderada por intelectuais e estudantes que entraram em rutura com a inoperância do Partido Nacional Basco. Nessa altura, o País Basco vivia a sua segunda industrialização, a classe operária e o socialismo passaram a ser uma referência ideológica; por outro lado, os fundadores da ETA foram influenciados pelas lutas de libertação travadas no Terceiro Mundo. (Infopédia. 2013. ETA [online]. [acedido em 12/04/2013]. Disponível em www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$eta](http://www.infopedia.pt/$eta)> )

*“O atentado atribuído à Jeemah Islamyia no Bali provocou a morte de mais de 200 pessoas em Outubro de 2002, na sua maioria composta por turistas australianos e europeus. Neste tipo de acção também se classifica o atentado de Oklahoma em 1995, com 168 mortos (...) praticado por terroristas de extrema-direita. Os atentados contra as Embaixadas dos EUA em Nairobi e Dar es Salaam em 1998, atribuído à Al Qaida, tinham alvos específicos. Mas atingiram grande número de civis, totalizando 258 mortos, entre os quais apenas 12 eram americanos.»*

*(apud Félix, 2004:159)*

Conforme a psicóloga criminal, Félix (2004:159), os denominados “assassínios políticos” podem ser incluídos na lista dos atentados terroristas. São conhecidos os casos de “encomenda” de assassínios por várias figuras políticas praticados pela Máfia em Itália e nos EUA. A autora continua, sublinhando a existência de uma campanha terrorista nos anos 80 e 90, começada pela Máfia em Itália, caracterizada por uma série de assassínios contra juízes que emitiam sentenças condenatórias aos suspeitos de terrorismo.

O dia 11 de setembro de 2001 entrou na história dos EUA e do mundo inteiro como a “terça-feira negra”. Oitenta e dois minutos foi o tempo que durou o massacre e o terror, oitenta e dois minutos de pânico, medo e olhos colados aos ecrãs da televisão. Três mil foi o número que marcou a totalidade das vítimas de um dos mais “mortíferos e danosos casos de terrorismo da história” (Nacos, 2002:33) Ainda no dia 11 de setembro é declarada a “guerra ao terror”, o terror sendo representado por Osama bin Laden e a sua organização Al-Qaeda. A declaração de guerra marcou o início de um novo tipo de guerra, contra um inimigo difuso. Conforme Chomsky “ parece ter sido comumente aceite que o mundo entrou numa nova era, em tudo diferente das anteriores: «a era do terror» ” (apud Pereira, 2005:9) Contudo, conforme as Nações Unidas no Brasil (ONUBR) após 11 de setembro os ataques terroristas continuaram, como por exemplo: os ataques à sede da ONU em Bagdá em agosto de 2003; em quatro comboios em Madrid em março de 2004; num escritório e em apartamentos em Al-Khobar, na Arábia Saudita em maio de 2004; no metro de Londres em julho de 2005; numa zona de litoral e num centro comercial em Bali em outubro de 2005; em vários locais de

Mumbai em novembro de 2008; nos hotéis Marriott e Ritz-Carlton em Jacarta em julho de 2009, e no metro de Moscovo em março de 2010<sup>6</sup>.

Em 2006 foi adotada a Estratégia Antiterrorista Global da ONU que descreve uma série de medidas concretas para combater o terrorismo definido como:

*“Atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos são injustificáveis em qualquer circunstância, independentemente das considerações de ordem política, filosófica, ideológica, racial, étnica, religiosa ou de qualquer outra natureza que possam ser invocadas para justificá-los.”<sup>7</sup>*

## 1.2 - Tipos e características

Woloszyn (2006:10) constata que os tipos do terrorismo são definidos pelos objetivos das ações. Neto *apud* Woloszyn (2006:11) diferencia cinco tipos de terrorismo descritos logo a seguir:

- **Terrorismo Cultural:** tem como principal característica a perseguição a etnias e culturas como por exemplo no caso de muçulmanos e árabes, latinos e africanos nos EUA, a questão dos curdos no Iraque etc.
- **Terrorismo Religioso:** representa o uso de violência contra certos grupos religiosos.
- **Terrorismo de Guerra:** é caracterizado pelo uso de ações como sabotagem, sequestro de comandantes militares e assassinatos de líderes. O objetivo principal é criar um choque psicológico e enfraquecer o inimigo.
- **Terrorismo Político:** tem como objetivo principal destituir um certo regime político, corroer as suas instituições e causar descontentamento na população em relação às políticas de governo. Outro aspeto deste tipo implica a existência de grupos que utilizam o terrorismo para a luta pela libertação do seu país ou a sua emancipação política.

---

<sup>6</sup> Exemplos do site das Nações Unidas de Brasil, “A ONU e o Terrorismo”, acessado em [25/04/2013] disponível em <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-terrorismo/>

<sup>7</sup> Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional, Resolução 49/60 da Assembleia Geral, acessado em [25/04/2013], disponível em <http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-terrorismo/>

- **Ciberterrorismo:** é caracterizado pelo uso da internet como arma de ataque. O principal objetivo é danificar as comunicações, sistemas bancários e financeiros, arquivos e programas de *site* estratégicos, entre outros.
- **Bioterrorismo:** como deriva do nome, BIO - terrorismo utiliza armas biológicas, gases paralisantes e infetantes, também como a transmissão de bactéria ou vírus com objetivos político-económicos.

### 1.3 - Causas do terrorismo

Segundo Hoffman (1998:41), o terrorista não é um ser egocêntrico, pelo contrário, é essencialmente altruísta: acredita que está a lutar para uma causa justa, com a finalidade de alcançar um bem maior para um número mais vasto de pessoas – que o terrorista e a sua organização dizem representar. “A causa do terrorista”, como apontou Stilwell (2004:154), “é uma visão alternativa do mundo, de fundamento ideológico ou religioso, à luz do qual todos os sacrifícios se justificam, inclusivamente os que venham a ser pedidos às populações já de si injustiçadas”, daí que o terrorismo possa ser visto como o último recurso do homem quando todas as outras rotas para a autodeterminação falharam (Davies, 2003:4).

#### 1.3.1 - Causas políticas

O terrorismo é uma forma de ação política. Crenshaw (2005:13) sublinha que o terrorismo não pode ser analisado fora de contextos históricos específicos e que não pode ser tratado como um fenómeno genérico. É importante olhar para o terrorismo como uma estratégia enraizada em descontentamento político, utilizado para o serviço de varias crenças e doutrinas que ajudam a legitimar e defender o uso da violência.

A mesma autora defende que o terrorismo foi, desde sempre, inspirado por várias ideologias associadas ao nacionalismo, à revolução, à religião e à defesa do estatuto quo e que é essencial ver e analisar as oportunidades, os recursos, as intenções e as perceções dos atores para quais o terrorismo é uma ferramenta de intimidação dos oponentes, de comunicação dos objetivos, da publicitação da causa, de recrutamento de seguidores e de mobilização das massas.

A autora continua o seu discurso afirmando que o Terrorismo não é um fenómeno monolítico, pelo contrário, é um fenómeno bastante diversificado, não só em termos de ideologias mas, também, em termos de organização e criação. Algumas das vezes, o terrorismo associa-se com um movimento social ou um partido político que beneficia de apoio popular significativo, em grande parte como resultado das suas atividades não-violentas, tal como o fornecimento dos serviços sociais tão necessários. ( Hamas e Hezbollah exemplos de organizações acima descritas) Este tipo de organizações usa o terrorismo como meio temporário para pressionar o poder.

A relação entre o terrorismo e a democracia é de uma preocupação fundamental. Na visão do jornalista Lapouge (*apud* Félix, 2004:160) o objetivo maior da causa terrorista é a aniquilação dos valores da sociedade democrática. O autor afirma que as causas que motivam as ações terroristas são variadas, como por exemplo: mudanças políticas, ações de vingança, motivos religiosos, expulsão de estrangeiros, a criação de uma imagem de poder, entre outras. É importante perceber que as democracias sólidas, bem estruturadas apresentam poucas probabilidades de sofrer grandes transtornos com os ataques terroristas, contudo, as democracias recentes, ou jovens, estão sujeitas a retrocessos.

Crenshaw (2005:14) aponta que é importante reconhecer que a palavra “democracia” têm um significado abrangente. As democracias não são todas iguais, nem igualmente inclusivas, nem igualmente pluralistas em relação aos direitos das minorias, alias muitas das democracias são limitadas ou parciais. Portanto, na opinião de Crenshaw, a democracia em si não garante imunidade contra o terrorismo e que a democracia e o terrorismo não são de polos opostos. Muitas das democracias liberais com longas tradições de liberdade de discurso e tolerância da dissidência foram alvos tanto do terrorismo interno como do terrorismo internacional, Como exemplos podemos enumerar os Estados Unidos da América, Canada, Grã-Bretanha, Alemanha, França, Espanha, Grécia, Itália, Turquia, Índia e o mais recente caso da Noruega. Os motivos que levaram aos atos terroristas foram variados, incluindo ideias separatistas e de nacionalismo étnico, revolucionarismo de esquerda, religião e extremismo de direita.

Portanto, ao dizer “sim” a democracia não significa dizer um “não” definitivo ao terrorismo. Os motivos que levam ao “ato” terrorista são tanto de ordem interna como de ordem internacional. Crenshaw (2005:15) aponta para o facto que a globalização é um fenómeno que facilita as operações das conspirações transnacionais. A autora continua, afirmando que o avanço das tecnologias aumenta a mobilidade e a capacidade de



comunicação tanto internamente como no palco internacional, aproveitando da fragilidade das fronteiras dos estados e do grande volume de viagens.

Gurr (2005:19) apresenta a Globalização como causa e motivação para terrorismo.

*“A contrapartida para a integração bem-sucedida na economia mundial é o crescimento de "globalizadores fracos" (weak globalisers) que se tornam menos competitivos, cujas populações têm queda ou rendimentos estagnados, e - como resultado – aparece o desemprego crescente, a tensão política e o fundamentalismo religioso. Um certo número de países africanos e muçulmanos têm vindo a "deglobalizar" ao longo dos últimos 25 anos.”*

(Gurr, 2005:22)

Existe uma resistência cultural perante a globalização que é interpretada como “uma infiltração de uma cultura alienígena e corrupta”. Este facto, é utilizado como justificação por nacionalistas e movimentos religiosos radicais que pretendem “limpar” as próprias sociedades e culturas de influências estrangeiras. (Gurr, 2005:22)

Um outro aspeto importante indicado por Gurr é o facto que a globalização alimenta o desenvolvimento de novas minorias, através de emigração e aumenta as oportunidades para os grupos terroristas através da circulação transfronteiriça de ativistas, informação e dinheiro de vários apoiantes (governos, diásporas, simpatizantes).

### **1.3.2 - Causas económicas**

Conforme Abadie e Bjorgo (2005:19) o terrorismo não é um problema que pertence só a uns países, pelo contrário, o terrorismo pode nascer em qualquer ponto do planeta. No mesmo tempo, os autores realçam que a probabilidade de os grupos terrorista se formarem é maior nos países em desenvolvimento, caracterizados por uma rápida modernização, do que nos países ricos ou pobres. Carmon et. al. (2005:19) completa esta ideia apontando que todas as mudanças económicas que um país em desenvolvimento atravessa, criam condições que podem facilmente provocar instabilidade, aparecimento de movimentos militantes e ideologias extremistas.

Quando falamos de causas económicas, além de olhar para o quadro geral que implica a situação económica do país, temos de ver a situação específica, ou seja, olhar para as pessoas que compõem esse quadro geral.

Tentando perceber essa especificidade, veremos que grupos que apoiam e dão origem a movimentos terroristas geralmente são relativamente desfavorecidos por causa de classe, etnia ou divisões religiosas. Os líderes dos movimentos terroristas, por outro lado, têm um nível de educação mais elevado do que a maioria da população. Isso, no entanto, aplica-se a todos os líderes de quase todas as organizações políticas. (Zimmermann et.al. 2005:19)

Um número significativo de ativistas tem um nível de educação relativamente alto, apesar de muitos enfrentam oportunidades de emprego incertas (resultando no que muitos especialistas chamam de “dissonância do estatuto”). Os Recrutados são também provenientes de entre os jovens mais pobres e com um nível de educação baixo - aqueles com a falta de oportunidades para completar o ensino secundário ou superior, ou incapazes de encontrar emprego. (Gurr et al, 2005:20) Os movimentos militantes frequentemente atraem o que chama Bjorgo (2005:20) companheiros de viagem e criminosos - pessoas motivadas por necessidades e pressões sociais e oportunidades de ganho pessoal, em vez de ideologia.

As diásporas podem, também, promover o terrorismo. Vinte e sete de cinquenta das mais ativas organizações terroristas são segmentos de diásporas étnico-nacionais ou religiosas ou são apoiadas por diásporas. Curdos, Palestinos, Sikhs e Tâmeis, e muitos outros povos migrantes são motivados, por discriminação e opressão contra os parentes dentro dos países de origem e no estrangeiro, para organizar e apoiar movimentos violentos, especialmente quando os movimentos políticos não violentos mostram-se ineficientes. O objetivo destes movimentos violentos não é de ganhar, mas, sim de criar oportunidades para reformas. (Sheffer, 2005:20)

### **1.3.3 - Causas ideológicas**

A maior parte dos movimentos terroristas tem como base ideologias extremistas. Bjorgo e Cramon (2005:21) dizem que “as pessoas cujas vidas são abruptamente perturbadas por uma rápida modernização-como por exemplo quando a riqueza de petróleo súbita causa a mudança de uma sociedade tribal para uma sociedade high-tech- são particularmente suscetíveis às ideologias extremistas.”

Sheffer e Gunning (2005:21), em *Addressing the Causes of Terrorism, The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism* afirmam que existem vários tipos de ideologias

com várias funções que podem ser usadas para justificar as aspirações nacionalistas, chamadas para revolução, purificação cultural etc.

Nem sempre o terrorismo tem que ter como base uma ideologia. Um desejo individual ou coletivo de vingança contra atos de repressão pode ser um motivo suficiente para gerar um ato terrorista. Igualmente, grupos criminais como cartéis de droga colombianos envolveram-se em atos terroristas para impedir extradições para os Estados Unidos da América sem ter por base alguma ideologia. (Schmid, 2005:21)

O extremismo islâmico, conforme alguns autores, representa uma forma de luta contra a ocidentalização do mundo árabe. Fundado no séc. VII por Maomé, o Islamismo aparece como uma religião monoteísta. Os fiéis do Islamismo que pertencem aos diversos povos são guiados e impulsionados pelo Alcorão, agindo de uma forma coesa e expandindo as suas influências e territórios até ocidente, situação que perdurou por 14 séculos. (Woloszyn, 2006:6)

Para Huntington (*apud* Félix, 2004:160), o crescimento do fundamentalismo religioso é apontado como fator de instabilidade no mundo atual. O autor ressalta a tensão causada pela intolerância das religiões monoteístas, que oscilam de acordo com a evolução histórica.

Contudo, o Islamismo não é a única religião implicada em atos de terror. Desde a década de 80 do século passado, o terrorismo envolveu elementos de todas as maiores religiões do mundo, mas também pequenas seitas e cultos. O perigo que estes grupos representam é inimaginável. Isto porque, nos grupos religiosamente motivados, a violência é considerada como um “ato sacramental” ou um “dever divino” (Hoffman, 1998:88), executados em “resposta direta a qualquer exigência ou imperativo teológico” (Hoffman *apud* Nacos, 2002:24).

No “*Addressing the Causes of Terrorism, The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*” (2005:28), os membros do grupo de debate sobre a religião, concordaram que é importante ver que não há uma única religião que detenha o monopólio sobre a violência. Todas as religiões podem ser usadas para justificar atos de destruição e violência. Esta característica do absolutismo torna possível para ativistas religiosos de identificar como inimigos inteiras tradições culturais, assim suprimindo a distinção secular entre combatentes e inocentes.

## 1.4 - Objetivos das ações terroristas

Conforme “*A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century*” (2007:2) as motivações e os objetivos das organizações terroristas diferem da região para região e variam de atos terroristas regionais, individuais até ao radicalismo transnacional.

Uma ação psicológica realizada através de violência ou ameaça de uso de violência, o terrorismo e as estratégias usadas para alcançar certos objetivos é direcionado a espaços públicos com o objetivo de captar a atenção dos *media* e de despertar o medo e o caos entre a população.

Após a observação sistemática do fenômeno, os especialistas europeus determinaram que os atos terroristas têm quatro características básicas: a sua natureza indiscriminada, a imprevisibilidade e arbitrariedade, a gravidade dos atos junto com as suas consequências, tal como: a destruição, a violência, o pânico e o grande número de mortes, e o caráter amoral. (Woloszyn, 2006:12)

A doutrina Brasileira de Inteligência, preconizada pela Escola de Inteligência subordinada a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) apresenta a seguinte posição em relação aos objetivos gerais:

*“Em caráter geral, o objetivo dos atos e ações são de criar um clima de insegurança e temor generalizado para demonstrar inconformismo contra um sistema seja político, econômico, social, étnico ou religioso e facilitar o desenvolvimento de um processo de mudanças pretendidas.”*

(Woloszyn, 2006:9)

“*A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century*” (2007) aponta que os objetivos e os fins das ações terroristas classificam-se em quatro categorias motivacionais, descritas logo a seguir:

- **Separatista:** o principal objetivo é a separação das entidades (território) existentes. Os membros que pertencem a este tipo de grupos perseguem a justiça social, a resistência contra a ocupação ou conquista por uma potência estrangeira e têm uma visão anti-imperialista;
- **Etnocêntrico:** para os membros deste grupo, a etnia é vista como uma característica definitiva da sociedade, como a base da coesão. Promovem a ideia de superioridade de um grupo particular com base na etnia ou características de etnia;

- **Nacionalista:** caracterizado por devoção e lealdade a uma nação ou cultura. O objetivo é criar uma nação nova ou separar uma parte de uma nação existente para junta-la a uma outra nação que partilha a mesma identidade;
- **Revolucionário:** exige a substituição do governo existente por uma estrutura política ou social nova. Comumente está associado a ideologias comunistas ou outros movimentos políticos.

### 1.5 - O novo terrorismo e os *media* hoje

O terrorismo tem sido praticado ao longo da toda a história, mas assumiu características especiais, nas últimas décadas, principalmente devido a sua interação com os meios de comunicação modernos, continuando ser uma das mais sérias ameaças do mundo pós-Guerra Fria. Hoffman (1998:197) afirmou que “a ameaça de uma guerra total [entre as duas superpotências da Guerra fria] desvaneceu. Mas foi substituída por novos desafios securitários de carácter potencialmente mais amorfo, menos quantificável e talvez mais ominoso, que podem também ser mais difíceis de resolver”.

Rogeyro considera que desde 1993 a “violência terrorista adquiriu uma nova dimensão, transformando a sua realidade e mudando o mundo”. Os vários ataques, “carnificinas”, nas suas palavras, tiveram elementos comuns: buscaram “um lucro máximo em baixas”; uniram-se “na rejeição – doméstica e internacional – do chamado “modelo americano”, do “mundo unipolar”, do “espírito do ocidente”, e, de maneiras diferentes usaram o nome do Islão como a alma da derrota”. (Rogeyro. 2004:484)

A “nova dimensão” do terrorismo traduz-se no surgimento, a partir do século XXI, de grupos terroristas sem a vertente político-ideológica como ocorria anteriormente com o Exército Republicano Irlandês (IRA) na Irlanda do Norte, o Euzkadi Askatasuna (ETA) na Espanha, ou Baader-Meinhof na Alemanha.

Woloszyn (2006:5) afirma que “o desenvolvimento destas organizações terroristas, denominada de “Novo Terrorismo”, é caracterizado por elevado grau de fanatismo e extremismo religioso onde em alguns casos, o objetivo é difuso, inexistente causa definida e as ações são de extrema violência e radicalismo, fruto de uma visão parcial e distorcida da religião islâmica, aspetos que veremos em um item específico logo adiante.” O mesmo autor

sublinha que o exemplo do “Novo Terrorismo” são os grupos radicais como a Brigada dos Mártires de Al Aqsa, a Al Qaeda no Afeganistão, a Al Fatah, o Hamas ou a Jihad Islâmica na Palestina, extremistas como o Hezbollah (Partido de Deus) no Líbano, o Gama a al Islamiyya no Egito.

A conhecida organização de bin Laden contribuiu para o surgimento de Novo Terrorismo Internacional (NTI) denominado, também, de “hiperterrorismo” ou um “terrorismo catastrófico”, que adota como bases essenciais da sua estratégia “os princípios da proliferação dos atos e da exportação do “exemplo”. (Rogeyro, 2004:86) O chamado terrorismo tradicional, que, por norma, ambiciona “uma base social de apoio” e apresenta “reivindicações sociais e nacionais visíveis”, o NTI corporiza “uma forma “absoluta” de conflito de rejeição global e ideológica de uma ordem político-económica, encontrando no pretexto religioso o veículo ideal de propagação e consumação” (Rogeyro, 2004:489). O Novo Terrorismo Internacional é servido por cada vez mais sofisticados meios tecnológicos, que exploram as próprias necessidades e limitações da sociedade mediática.

Após os sangrantes ataques de 11 de setembro de 2001, para uma grande parte das pessoas, as palavras “terrorismo” e “árabes” se tornaram quase que uma só coisa, o que gerou o início da “Guerra contra o Terrorismo”. O historiador John Lewis Gaddis define o 11 de setembro como a data de início de uma nova era, „A Era do Terror“, uma era que apareceu como consequência dos ataques de 11 de setembro de 2001- o momento que mudou para sempre o mundo e a visão sobre o terrorismo.

## 1.6 - Relação *media*-terrorismo

*“Estamos numa guerra. E mais de metade desta guerra é disputada no campo de batalha que são os media”.*

Ayman al-Zawahiri<sup>8</sup>, Julho de 2005

Ao longo da última década os *media* sofreram mudanças quase revolucionárias. Ignacio Ramonet, editor de *Le Monde Diplomatique* e professor de Teorias de comunicação da *Université Denis-Diderot*, descreveu estas mudanças que invadiram o mundo jornalístico. A televisão tornou-se o meio jornalístico com mais peso e maior popularidade, facto causado

---

<sup>8</sup> *Apud* Faria (2007:156)

pela cobertura instantânea, ao vivo e muito emocional que este meio permite. Ramonet (*apud* Biernatzki, 2002:5) diz que “estamos num ponto de viragem na história da informação” onde as notícias televisivas “estabeleceram uma nova equação para notícias, que pode ser resumida deste modo: se as emoções que sentes olhando as imagens da notícia televisiva são verdadeiras, então a notícia é verdadeira”. Biernatzki (2002:5) afirma que este facto levantou a ideia que toda a informação pode ser simplificada, reduzida, convertida em imagens e decomposta em segmentos de emoção. O apelo à emotividade ganhou forma e vida por causa da ideia que o ser humano possui uma “inteligência emocional”. Conforme Ramonet *apud* (Biernatzki, 2002:5) “a inteligência emocional, se existe, seria a justificação para permitir, sempre, que todo o material noticioso fosse possível de condensar, simplificar e transformar em poucas imagens. Em detrimento real da análise profunda, que aborrece as audiências.”

A amplitude informativa na cobertura do atentado terrorista de 11 de Setembro deve-se ao carácter inédito do acontecimento e à sua dimensão catastrófica que suscitou a tal Inteligência Emocional.

*“A catástrofe, nas suas múltiplas formas de que pode revestir-se, acentua a dimensão trágica da condição humana. A sua imprevisibilidade, bem como a carga negativa que encerra em si, levam o ser humano a confrontar-se com a ideia de finitude e de mortalidade que os rituais do quotidiano, com as suas celebrações e mitos, tentam arredar do horizonte das suas preocupações correntes”.*

(Letria, 2001:25)

No mundo contemporâneo, as ameaças terroristas são notícias recorrentes na imprensa, “para a maior visualização do terrorismo mundial, os *media* exercem um papel fundamental. Mas é evidente que também cria um sensacionalismo em torno dos terroristas [...] os *media* ajudam a justificar a legalidade e a necessidade de ações antiterroristas que, muitas vezes, levam adiante banhos de sangue e violações aos direitos humanos que atingem mais a população civil do que os próprios terroristas” (Silva, 2005:398-399).

Óscar García Luengo, teórico espanhol, fala em “benefício mútuo”. Letria (2001:14) reitera que a cobertura dos atos terroristas é um momento de trabalho informativo, onde as imagens e as palavras “são a mais poderosa das denúncias do horror.” O mesmo autor realça que é este o objetivo das organizações terroristas – ter uma grande cobertura dos atos para garantir a eficácia do ato de destruição.

Jenkins *apud* (Alali e Eke, 1991:8), afirmou categoricamente que o terrorismo “é um produto da liberdade, especialmente a liberdade de imprensa”. Nacos (1994:8) reconheceu que a busca avida da atenção dos meios da comunicação e do público em geral é o objetivo principal do terrorismo moderno e a violência é cada vez mais chocante.

Fátima Faria, jornalista da RTP e Auditora do Curso de Defesa Nacional 2005/2006, afirma:

*“Os grupos terroristas têm outras estratégias de envolvimento da comunicação social. Alguns têm os seus próprios canais de televisão e estações de rádio e usam os vários suportes tecnológicos para produzir informação sobre si próprios. É o caso dos vídeos com mensagens dos líderes dos grupos terroristas ou com imagens de reféns, que tentam fazer circular nos media. Além disso, já não se limitam aos tradicionais meios de comunicação e usam cada vez mais os novos media, em particular a Internet.”*

(2007:157)

Devemos realçar que “a existência de uma relação estreita entre o terrorismo e os meios de comunicação é um dado que une o consenso da maioria dos investigadores que tem estudado as características deste tipo de violência. São muitos os autores que, no âmbito da sua análise, põem o acento tónico no elemento propagandístico” (Domínguez, 1999:111).

O especialista em terrorismo Jenkins *apud* Faria (2005:160) dizia, já há 30 anos, que “os terroristas querem muita gente a ver e muita gente atenta, mas não uma grande quantidade de gente morta”. A conclusão desta afirmação é que os terroristas estão mais interessados na publicidade dos seus objetivos, ideologias e requerimentos do que nos assassinatos próprios. Este facto pode ser visto como a essência do terrorismo.

A jornalista Faria (2005:159) sublinha que a perceção da importância dos *media* não é um facto recente e que a organização Al-Qaeda já tinha descoberto, muito antes de 11 de setembro, as grandes potencialidades da televisão por satélite e, posteriormente, da Internet. A mesma autora, afirma que Bin Laden terá dito que “a retórica e a propaganda por satélite podem estar em pé de igualdade com os bombistas e os mísseis cruzeiro”. Conforme F. Faria, a organização terrorista investiu de uma forma criativa na propaganda e nos *media*, tornando-se ainda mais importantes após a perda da sua base no Afeganistão, e aí Al-Qaeda se transformou numa organização mais “virtual”.



Como conclui Marc Lynch (*apud* Faria, 2005:159), “a estratégia mediática da Al-Qaeda é inseparável da sua estratégia política, com o terrorismo e a sua ação a trabalharem a par do objetivo de potenciar a identidade islâmica e de confrontar essa identidade com a do Ocidente”.

A relação existente entre os *media* e o terrorismo é muito complexa e há várias opiniões acerca da complexidade desta relação. Numa amostragem de publicações de ciências sociais da década de 1970 e 80, como anotado por Signorielli e Gerbner (1988 :201-219), as seguintes opiniões foram indicadas:

- Os *media* são o fornecedor, para os grupos terroristas, das ferramentas necessárias para a organização da propaganda e da guerra psicológica típica. Yonah Alexander (1978).
- O efeito psicológico de um ato de terror particular pode ter mais peso do que o ato em si, e, que, este efeito pode ser, em grande parte, resultado do discurso mediático. M. Cherif Bassinouni (1981).
- A relação *media*-terrorismo é uma simbiose, onde a cobertura jornalística difunde o efeito de um ato de violência dentro de um espaço limitado para um público largo J. Bowyer Bell (1978)
- O terrorismo é visto como um género retórico, cuja violência dá acesso aos *media*. Ralph E. Dowling (1986)
- O melhor caminho para o reconhecimento público é através do apelo aos valores tradicionais dos *media*: o drama, o conflito e a tragédia, que são, alimentados pela competição entre os meios da comunicação social. Walter B. Jaehning (1978)
- A retórica do terrorismo está dependente da cobertura mediática para criar o impacto desejado. Patricia R. Palmerton (1983, 1985).

Portanto, podemos deduzir que a relação que se estabelece entre os *media* e o terrorismo conduz a um aproveitamento de parte a parte, um “benefício mútuo” como afirma o teórico espanhol Óscar García Luengo.

Schmid e Janny de Graaf (*apud* Biernatzki, 2002:6) distinguiram certos elementos dos *media* ocidentais que incentivam o uso da violência e podem até certo ponto, causar a resposta dos leitores à notícias sobre terrorismo. A chave para o sucesso ou fracasso de um ato terrorista pode ser medido por sua cobertura mediática. “Uma vez que um evento de terror é lançado em frente da câmara, o drama, por definição, é um sucesso”. (Bell *apud* Biernatzki,

2002:6) Embora os meios de comunicação constituem uma parte importante do ambiente em que os terroristas operam, não há nenhuma evidência científica credível que estabelece “uma relação de causa-efeito entre a cobertura mediática e a propagação de terrorismo” (R. G. Picard e M. Rodrigo *apud* Biernatzki, 2002:6)

Rodrigo (*apud* Biernatzki, 2002:6) vai mais longe, dizendo que não só não pode ser cientificamente demonstrado o facto de que os *media* são a única fonte do complexo fenómeno do terrorismo, mas que nem pode ser mostrado que o terrorismo é “fundamentalmente” um ato de comunicação. Ele baseia essa última posição, alegando que, apesar do facto que alguns atos terroristas são claramente feitos com a intenção de buscar publicidade, outros são feitos sem essa intenção, e alguns, até são feitos em segredo.

Barnhurst *apud* Biernatzki (2002:6-7) distinguiu dois modelos da relação *media*-terrorismo:

- **O modelo dos *media* culpáveis** – representa uma ligação de causalidade que apela a regulamentação. Quando os *media* realizam a cobertura do terrorismo, incitam mais terrorismo, o que produz mais cobertura mediática. Portanto, os *media* encontram-se num círculo vicioso. Existe um segundo dilema descoberto por este modelo que inclui um certo círculo de controlo “em caso em que o governo ou os *media* censurarem a cobertura, os controles tendem a prejudicar a credibilidade do governo e / ou dos meios da comunicação e aí os terroristas podem recorrer a um nível de violência ainda maior.” (Barnhurst, 1991:125)
- **O modelo dos *media* vulneráveis** – apresenta os meios de comunicação como vítimas e não causa do terrorismo. “Qualquer controlo da cobertura vai ser ineficiente, porque os terroristas podem mudar para outras formas de comunicação, atacando outros pontos vulneráveis na infraestrutura das sociedades liberais...embora os meios de comunicação estão envolvidos, eles não apresentam fuga do terrorismo.” (Barnhurst, 1991:126)

Nelson Traquina lança a seguinte questão:

*“O que têm em comum os seguintes acontecimentos, que conquistaram o consenso da comunidade jornalística nacional e, no terceiro caso, o consenso da comunidade jornalística mundial: a queda da ponte Entre-os-Rios, o assassinato de seis empresários portugueses no Brasil e o ataque ao World Trade Center de Nova Iorque e ao Pentágono? A resposta é simples: a morte. Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia*

*fundamental para esta comunidade interpretativa, e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas dos jornais ou nos ecrãs da televisão”.*

(Traquina, 2002:187)

A morte é o “truque” usado pelos terroristas para atrair toda a atenção possível e focar as suas ideologias, exigências, políticas e pedidos. A “criação” da morte é a solução que encontraram para chamar a atenção e para lutar com o assim dito “inimigo”. Portanto, onde há terroristas há morte, onde há morte há jornalistas, onde há jornalistas há acesso aos mais altos níveis de poder e audiências globais. Conclusão: onde há terroristas há jornalistas / acesso ao público-alvo desejado.

## 2 – A INTERFACE TRADUÇÃO – JORNALISMO

Neste capítulo vamos apresentar algumas linhas teóricas para a área da tradução e para a área do jornalismo, tanto como definir qual é o lugar da cultura nestas duas áreas. Outro ponto que vai ser apresentado na presente parte da dissertação é o traçamento teórico sobre quem é o jornalista-tradutor.

### 2.1 - A cultura e a tradução

*“Eu falo espanhol com Deus, italiano com as mulheres, francês com os homens e alemão com o meu cavalo”*  
*Imperador Charles V, 1500*

A teoria de Sapir-Whorf<sup>9</sup> é uma das primeiras observações modernas acerca da relação existente entre língua e cultura. Esta noção propõe uma visão determinista, apontando que a estrutura linguística é necessária para produzir pensamentos. Assim sendo, a língua e as suas categorias-gramática, sintaxe e vocabulário, são as únicas categorias pelas quais podemos experimentar o mundo. A língua influencia e molda a forma como as pessoas percebem o mundo e a sua cultura. A hipótese de Sapir-Whorf acrescenta que a linguagem e o pensamento co-variam. Isto é, a diversidade da estrutura e das categorias linguísticas conduz a diversidade cultural no pensamento e percepção do mundo.

De sua parte, a tradução atua como ponte necessária para ultrapassar as numerosas barreiras linguísticas que o plurilinguismo não é capaz de evitar. Ambos são componentes necessários de uma sociedade pluralista.

*“Os principais desequilíbrios nos fluxos de tradução em escala mundial refletem as assimetrias globais na representação das culturas, povos e línguas. Os dados compilados no Index Translation mostram que 55% de todas as traduções de livros correspondem a obras escritas originalmente em*

---

<sup>9</sup> Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941) linguísticos e antropólogos norte-americanos que formalizaram as noções de que o pensamento seria dependente da linguagem. A “hipótese de Sapir-Whorf” diz que sem as palavras e sem os conceitos que elas trazem, nem sequer seria possível pensar.

*inglês, contra 6,5% de obras traduzidas para este idioma. A hierarquia entre as línguas majoritárias e minoritárias determina os fluxos de tradução.”<sup>10</sup>*

Ao analisar os dados do relatório da UNESCO, observamos que a tradução vem a desempenhar um papel importante na promoção da cultura e que é importante pensar na proteção da diversidade linguística, porque as línguas fazem parte da cultura mundial da humanidade. Portanto a tradução contribui para a continuação da existência do multilinguismo e da multiculturalidade.

*“Levando em consideração o importante papel que a tradução tem na promoção da diversidade cultural, existem argumentos a favor da formulação de uma política sobre tradução em escala mundial. Em geral, as políticas e a planificação linguística somente desde há pouco têm levado em consideração as transformações sociais dos últimos decênios do século XX. Para assegurar a contínua viabilidade das línguas mundiais, torna-se necessário encontrar os meios de, não somente salvaguardar a diversidade linguística, protegendo e revitalizando as línguas, mas também de promover o multilinguismo e a tradução, por meio da criação de políticas nacionais que encorajem o uso funcional de todas as línguas da sociedade.”<sup>11</sup>*

No sentido mais amplo, tradução significa uma interpretação e compreensão transcultural:

*“A teoria da tradução apresenta duas suposições acerca do uso linguístico. O conceito instrumental da língua, que vê a língua como um modo de comunicação de informação objetiva, expressivo do pensamento e significado, onde significado representa uma realidade empírica ou abrange uma situação pragmática. O conceito hermenêutico da língua realça a interpretação, que consiste de pensamentos e significados, onde os significados moldam a realidade e a interpretação de valores criativos é privilegiada.”*

(Venuti, 2000:5)

---

<sup>10</sup> Relatório Mundial da UNESCO, *Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural* disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>

<sup>11</sup> Relatório Mundial da UNESCO, *Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural* disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>

Alguns veem a tradução como um ato natural, sendo a base da comunicação intercultural que desde sempre caracterizou a existência humana. Esta abordagem enfatiza a uniformização e universalidade da experiência humana e as semelhanças das línguas e culturas, que no primeiro momento parecem ser diferentes. Em contraste, existe a visão de que a tradução não é natural, visto o desenraizamento e transplante dos significados frágeis do idioma de origem. A tradução é vista como um "ato de traição". As diferenças culturais são enfatizadas e a tradução é vista como ponto de chegada à "alteridade" por "resistência" ou "estrangeirismo" nas traduções, que enfatiza a diferença e a estranheza do texto.

Venuti (1995:20) afirma que, em certas situações, a tradução implica a interrupção dos códigos culturais da língua-alvo. Isto acontece quando se usam palavras estrangeiras no texto alvo. Este método procura "...coibir a violência etnocêntrica da tradução e é uma intervenção... contra nações hegemônicas falantes de Inglês e contra as trocas culturais desiguais".

Agra (2007<sup>b</sup>:4) constata que "do ponto de vista da prática da tradução, a cultura manifesta-se sempre como espaço de interculturalidade e intersubjetividade, como espaço de busca do outro, da alteridade perdida ou recalcada." Esta ideia pode ser encontrada num tratado de Umberto Eco sobre semiótica, onde se diz "[...] que a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação e comunicação e que a humanidade e a sociedade só existem a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação" (Eco, 1975:36)

Agra (2007<sup>b</sup>:3) sublinha que "a cultura permite intuir, reconhecer, experimentar ou investigar os hábitos linguísticos e extralinguísticos, as idiossincrasias e os mecanismos inconscientes que podem estar por detrás da produção e receção do texto de partida e do texto de chegada."

Portanto, o texto não é meramente uma amalgamo de palavras arranjadas numa certa ordem com o objetivo de transmitir uma mensagem concreta, é uma estrutura complexa de sentidos edificada com base na identidade cultural e social do autor do texto fonte.

A tradução não é meramente a transmissão de uma mensagem da língua A para língua B, é uma forma de promover a diversidade linguística. Como? Atuando como uma ponte entre culturas, facilitando a comunicação internacional e assegurando a existência e a prosperidade de todas as línguas existentes. No mesmo tempo, a tradução é uma forma de evitar a hegemonia de uma língua em particular, como por exemplo a tendência da língua Inglesa de dominar o mundo. É importante promover o plurilinguismo que inclua a educação na língua materna porque representa um modo de salvaguardar as línguas autóctones ameaçadas. No

plano internacional, conforme o Relatório Mundial da UNESCO, “Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural” (2009:15) isso traduz-se numa dupla perspectiva. Primeiro “preservar a diversidade linguística mundial como condição necessária da diversidade cultural” e segundo “promover o multilinguismo e a tradução (nomeadamente nos domínios administrativo, educacional, dos meios de comunicação e do ciberespaço) de modo a fomentar o diálogo intercultural.”

Na visão de Eco *apud* Agra (2007<sup>a</sup>: 10-12) a cultura, enquanto exercício de intersubjetividade, é o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, e, também, a capacidade de se por no lugar do outro, constantemente. Ou seja, o tradutor-jornalista tem que ser capaz de se distanciar do texto e olhar para a mensagem a ser comunicada da perspectiva do outro.

Podemos concluir que a tradução é o elo cultural que contribui à promoção da comunicação intercultural. Além de contribuir ao desenvolvimento mundial da economia, política, ciência e arte, a tradução evite a implementação da hegemonia duma língua, como por exemplo a língua inglesa, o uso de qual cresceu drasticamente durante as últimas décadas.

## **2.2 - O funcionalismo segundo Christiane Nord para a tradução**

Christiane Nord, é autora do livro “*Text Analysis in Translation theory, methodology and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*”, onde propõe o modelo funcionalista de análise textual voltada à tradução. O funcionalismo segundo C. Nord baseia-se numa sistematização das ideias dos funcionalistas Hans J. Vermeer e Katharina Reiss. O modelo desenvolvido pela autora é composto por fatores extratextuais e intratextuais para conseguir um verdadeiro inter-relacionamento de todas as características do texto.

Conforme Nord (1997:12) o funcionalismo, desenvolvido inicialmente por Veermer e centrado na ideia de *escopo* (*Skopostheorie*), é contemplado como uma comunicação intercultural, onde o texto de partida e texto de chegada pertencem a sistemas culturais distintos, causando a necessidade de analisar as funções do texto separadamente de uma forma pragmática.

O processo de análise textual envolve três figuras principais: o Emissor, o Tradutor (geralmente visto como o mediador entre culturas) e o Recetor (o leitor final). O recetor dos textos de partida e chegada é um dos princípios determinantes do escopo da tradução, visto

que um texto é um ato comunicativo que só se completará no momento da recepção. O tradutor é um produtor de texto que, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo (Nord, 1991:11). Para a autora,

*“A tradução é vista como ação. Não há nada de estático em tradução, seja no processo, seja no seu resultado: enquanto processo, o tradutor gerência uma série de variáveis e realiza sua tarefa com os olhos voltados ao seu recetor, a partir das diretrizes de uma tarefa determinada anteriormente; enquanto resultado, o texto traduzido só adquire um sentido e se realiza concretamente no momento da recepção (ativa) por parte do destinatário.”*

(Nord, 1988:276)

Conforme Mazzuti (2011:20) não podemos falar de tradução sem pensar na cultura, uma vez que o recetor de um texto traduzido (TT) sempre estará vinculado à cultura de um determinado lugar, evidenciado no trabalho de Nord como um dos pilares da teoria do funcionalismo.

Zipser (2002) sublinha que é importante perceber o que se quer dizer com a palavra “cultura”. Christiane Nord descreve deste modo o conceito de cultura:

*“Entendo por „cultura” uma comunidade ou grupo que se diferencia de outras comunidades ou grupos por formas comuns de comportamento e ação. Os espaços culturais, portanto, não coincidem necessariamente com unidades geográficas, linguísticas ou mesmo políticas.”*

(Nord apud Zipser, 2002:37)

O segundo conceito é o apresentado por Mary Snell-Hornby citada por Azenha (1964), com base no conceito do etnologista americano Goodenough:

*“A cultura de uma sociedade consiste de tudo o que precisamos saber ou em que precisamos acreditar a fim de agirmos de modo aceitável para os membros de uma sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitariam para qualquer um de si. [...] a cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é, antes, uma organização dessas coisas. Cultura são as formas das coisas que as pessoas têm na cabeça, os modelos que elas usam*



*para perceber, relacionar e também interpretar essas coisas. Assim, as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais ou eventos, são produtos ou subprodutos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas a perceber e a lidar com as circunstâncias. [...]”.*

(Goodenough *apud* Azenha, 1999:28)

Estes dois conceitos da cultura realçam a importância do conhecimento profundo, por parte do tradutor, das duas culturas implicadas no processo tradutório para transmitir completamente e de forma precisa a mensagem, especialmente quando se trata de textos jornalísticos. Como foi anteriormente mencionado o processo tradutório é composto por vários conceitos como o conceito da cultura e o conceito da função. Cada texto e respetivamente cada tradução têm, desde o início, uma função comunicativa.

Christiane Nord explica a noção da função da seguinte forma:

*“O ponto de partida teórico-textual para uma teoria funcional de translação é o reconhecimento de que os textos são instrumentos de comunicação inseridos numa situação comunicativa e constituem, assim, parte integrante de um „jogo comunicativo“. Além dos elementos linguísticos e/ou não linguísticos, portadores de informações, fazem parte deste jogo comunicativo os próprios interlocutores [„comunicadores“], que trazem consigo a experiência e as expectativas de outros textos, sempre marcadas culturalmente, além de seu conhecimento de mundo, hábitos de comportamento, sistema de valores, intenções comunicativas etc. A „ação“ de elaborar um texto, portando, não termina com a elaboração de um texto (a ser transmitido por meio da oralidade ou no ambiente da escrita), mas somente no momento da receção pelo destinatário. O emissor tem uma certa intenção comunicativa, que ele expressa no texto, mas o fato de essa intenção atingir ou não seus objetivos depende da „colaboração“ do recetor.”*

(Nord *apud* Zipser, 2002:44 )

Portanto, a tradução está sempre influenciada não só pela mensagem carregada pelo criador do texto a ser traduzido, mas, também, está marcada culturalmente pela experiência do tradutor. O tradutor atua como uma ponte que une, por um lado, o emissor e, por outro lado, o recetor. Zipser (2002:47) sublinha que o “processo tradutório é um processo de negociação” dupla: negociação no momento de estabelecer orientações para o trabalho de tradução em

função do destinatário e negociação no momento de definir o grau de distanciamento em relação ao texto-fonte.

Descrevendo a sua teoria do funcionalismo, Nord *apud* Mazzuti (2011:22-23) refere as quatro funções principais da linguagem que têm como objetivo facilitar e ajudar o tradutor no processo da tradução.

- *Função referencial*: é objetiva e trata os fenômenos do mundo. É expressa através dos itens lexicais do texto e esta correlacionada com a compreensibilidade do texto. Inclui as seguintes subfunções: instrutiva, didática, informativa, meta-textual, metalinguística, etc.
- *Função expressiva*: é subjetiva e implica a expressão das emoções por parte do emissor perante os fenômenos do mundo. Pode ser transmitida pelos adjetivos emotivos, mas que depende dos valores e das conotações que esses adjetivos têm de cada cultura. Subfunções: emotiva, avaliativa, irônica, etc.
- *Função apelativa*: tem por base a experiência e os conhecimentos prévios do recetor. Convida a pensar e refletir em concordância com o objetivo do autor. Os indicadores diretos são os imperativos ou as questões retóricas. As subfunções são: publicitária, persuasiva, imperativa, ilustrativa, pedagógica, etc.
- *Função fática*: estabelece, mantém e finaliza o contato (social) entre o emissor e o recetor. Está em dependência direta dos itens linguísticos para criar contato. No entanto, a forma de estabelecer o contacto depende de cada cultura, porque o que é convencional em uma cultura pode não ser em outra. Subfunções: saudação/despédida, estabelecimento de uma relação social entre os comunicantes, etc.

As quatro funções estão representadas na Ilustração 1. Podemos observar que existe uma conexão em triângulo entre as funções, o emissor e o recetor.

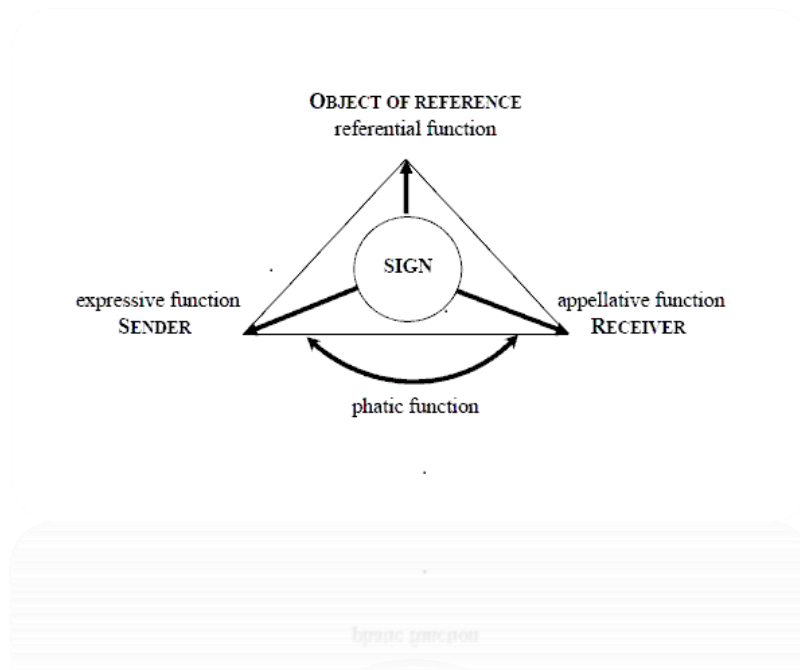


Ilustração 1. Christiane Nord, *Translating as a Purposeful Activity: A Prospective Approach*

O modelo de análise textual de Nord é dividido em duas grandes partes. A primeira parte analisa os fatores extratextuais (FE) e a segunda parte da análise trabalha os fatores intratextuais (FI). Os fatores extratextuais se referem a situação na qual o texto é produzido e incluem o emissor do texto, o recetor, o meio pelo qual o texto é transmitido, o tempo e o local da comunicação, também como, o motivo para a produção do texto e a sua função. Quando falamos dos fatores intratextuais, referimo-nos ao texto em si, mas, também ao estilo, tema e conteúdo do texto, macro e microestrutura e os elementos não-verbais, tal como o léxico, estrutura frasal e fonologia. (Leal, 2005:33).

A respeito dos fatores extratextuais e intratextuais, Zipser e Polchlopek fazem a seguinte consideração:

*“Estes fatores pressupõem uma relação de interdependência e uma atuação em caráter de dinâmica constante, ou seja, qualquer modificação por parte do tradutor em um desses níveis, afeta de forma inevitável os outros, e é justamente esse caráter de recursividade que permite ao tradutor avaliar cada passo e decisão tomada ao longo do processo como um todo.” (2007: 6)*

Portanto, existe uma forte interdependência entre os fatores extratextuais ou externos e os fatores intertextuais ou internos que não pode ser omissa por parte do tradutor. Nord *apud*

Mazutti (2011:24) sugere uma sistematização para a análise destes fatores que envolvem e compõem o texto. Analisando o modelo de Nord, apresentado na figura 2, observamos que os textos carregam uma marca cultural e trazem consigo as experiências e as expectativas do texto e/ou cultura-fonte. Este facto é possível porque existe uma relação interativa que acontece na situação de comunicação entre duas culturas. Tendo por base a comunicação intercultural, podemos analisar os fatores externos e internos o que nos permitirá a identificação dos elementos do texto fonte e do texto traduzido.

Apresentamos a seguir o modelo de Christiane Nord, que vai ser aplicado aos textos do nosso *corpus*:

|                           |                     |                    |
|---------------------------|---------------------|--------------------|
| TEXTO 1: TEXTO 2:         |                     |                    |
| TEXTO FONTE: PORTUGUÊS    | QUESTÃO DE TRADUÇÃO | TEXTO-META: INGLÊS |
| FATORES EXTERNOS AO TEXTO |                     |                    |
| Emissor                   |                     |                    |
| Intenção                  |                     |                    |
| Recetor                   |                     |                    |
| Meio                      |                     |                    |
| Lugar                     |                     |                    |
| Tempo                     |                     |                    |
| Propósito (motivo)        |                     |                    |
| Função textual            |                     |                    |
| FATORES INTERNOS AO TEXTO |                     |                    |
| Tema                      |                     |                    |
| Conteúdo                  |                     |                    |
| Pressuposições            |                     |                    |
| Estruturação              |                     |                    |
| Elementos não-verbais     |                     |                    |
| Léxico                    |                     |                    |
| Sintaxe                   |                     |                    |
| Elementos suprasegmentais |                     |                    |
| Efeito do texto           |                     |                    |

**Tabela 1. O Modelo de Christiane Nord (1991) apud Mazzutti(2011:24) – Tradução de Zipser (2002: 50).**

O modelo criado por Christiane Nord representa um quadro amplo do texto a ser traduzido. Mazutti (2011:25) nota que a interação dos fatores externos e internos pode ser expressa pelo conjunto de perguntas identificadas em inglês como WH-questions e que estas

perguntas retomam os princípios da Lei de Lasswell<sup>12</sup>, aplicada nos estudos da área de jornalismo. Araújo (2001:123) diz que “trata-se de um modelo que problematiza – e soluciona – a questão apontando que “uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Em que canal? Para quem? Com que efeito?” Esse modelo permaneceu durante muitos anos como uma verdadeira «teoria da comunicação»”.

Posteriormente, os princípios desenvolvidos para o jornalismo foram retomados e apresentados por Nord (1991:36), para o âmbito da tradução. O princípio funcionalista do “texto-em-situação” está bem representado pela ordem das perguntas a ser feitas na análise e tradução de um texto. Nord sublinha que as perguntas devem ser feitas em forma decrescente, ou seja, do mais genérico para o mais específico. Segue a transcrição das perguntas, como especificado por Nord *apud* Polchlopek (2005:23-25):

- *Who transmits?* Quem transmite?
- *To whom?* Para quem?
- *What for?* Para quê?
- *By which medium?* Por qual meio?
- *Where?* Onde?
- *When?* Quando?
- *Why?* Por quê?
- *(A texto) Whith what function?* (Um texto) Com qual função?
- *On what subject matter does he say?* Sobre qual assunto Ele/Ela diz
- *What?* O quê?
- *What not?* O que não?
- *In what order?* Em qual ordem?
- *Using which non-verbal elements?* Usando quais elementos não-verbais?
- *In which words?* Em quais palavras?
- *In what kind of sentences?* Em qual tipo de frases?
- *In which tone?* Em qual tom?
- *To what effect?* Para qual efeito?

---

<sup>12</sup> Princípios da Lei de Lasswell. Harold Dwight Lasswell (1902-1978), jornalista, cientista político e teórico da comunicação. O autor afirma que a mensagem a ser transmitida produz em cada indivíduo sensações diferentes e que o receptor deixa de ser um sujeito abstrato e passa a ser também objeto de análise na teoria funcionalista. (Wikipedia.org)

Conforme apontado por Nord *apud* Mazzuti (2011:26) “as características do léxico usado em um texto representam uma parte importante em todas as abordagens da tradução orientada para a análise de textos”, acrescentando que “a escolha lexical em um texto é determinada por ambos os fatores extratextuais e intratextuais”.

O tema e o conteúdo da matéria são dois dos mais importantes fatores intratextuais, afirmam Nord *apud* Mazutti (2011:26) especificando que dependendo do assunto a ser tratado, determinadas palavras terão necessariamente que ser usadas.

Zipser (2002:57) conclui que a interação entre os fatores externos e internos determina a função ou o *Skopos* de um texto. Quando ocorre alguma mudança em um desses fatores aparece um deslocamento, alguma modificação na função do texto.

O fio condutor do modelo desenvolvido por Nord é a função comunicativa do texto. No presente trabalho, o nosso texto fonte é um facto noticioso que está inserido num determinado espaço cultural (português e inglês). É do nosso interesse, analisar a função comunicativa e a angulação dada ao mesmo acontecimento do ponto de vista das ambas as culturas. Os resultados da análise dos textos com base no modelo de Christiane Nord podem ser encontrados no terceiro capítulo da presente dissertação.

### **2.3 - A perspetiva funcionalista de Frank Esser na área do jornalismo**

Frank Esser nasceu na Alemanha em 1966. Estudou jornalismo na *City University* em Londres e fez mestrado e doutorado na *Johannes Gutenberg-Universität de Mainz*. Atualmente é professor de *International & Comparative Media Research* na Universidade de Zurique. O trabalho de investigação realizado por Frank Esser enquadra-se nos estudos transnacionais sobre jornalismo e comunicação política. É autor de várias publicações que se encontram em várias categorias como, por exemplo:

Estudos sobre a *mediatização* da política; Estudos sobre notícias em diversas culturas e tradições jornalísticas diferentes nos sistemas mediáticos ocidentais; Estudos sobre a profissionalização da publicidade política (“*spin doctoring*”) e “*metacoverage*”.

A tese de doutorado, defendida na Universidade de Mainz, foi transformada em livro, com o título: *Die Kräfte hinter den Schlagzeilen. Englischer und deutscher Journalismus im Vergleich*<sup>13</sup>

O modelo pluriestratificado integrado de Frank Esser, apresentado neste trabalho, baseia-se na tradução por Zipser<sup>14</sup>. Por meio da comparação do jornalismo inglês e alemão, Frank Esser criou um modelo de estudo do jornalismo em ambiente internacional. Este modelo trabalha o ponto de confronto entre duas culturas, ou seja, a interculturalidade. O modelo desenvolvido permite entender a dinâmica do jornalismo e as várias influências que dirigem o fazer jornalístico nas suas várias instâncias, identificando desta foram, fatores que conferem ao jornalismo uma identidade nacional e cultural próprias do país em que se encontra inserido.

Esser define sua pesquisa com as seguintes palavras:

*“Não se trata de um postulado voltado à comprovação, mas ao desenvolvimento de uma teoria. Só as teorias assim desenvolvidas, quer dizer, que são voltadas ao objeto, constituem a etapa preliminar para as teorias gerais, formais. O presente trabalho, desenvolvido justamente no âmbito do jornalismo, não pretende dar o segundo passo, antes de ter dado o primeiro [...] [e] se define como um „primeiro passo“ e emprega um modelo de jornalismo voltado ao objeto. Ela se utiliza principalmente da lógica dos sistemas para uma ordenação sistemática de resultados empíricos.”*

(*apud* Zipser, 2002:19)

Conforme Esser *apud* Zipser (2002:18), o início do trabalho de pesquisa é o reconhecimento de que “o jornalismo de cada país é marcado pelas condições emoldurais sociais gerais, por fundamentos históricos e jurídicos, limitações económicas, bem como por padrões éticos e profissionais de seus agentes.”

Lima *apud* Zipser (2002:21) afirma que o jornalismo “é uma arte verbal; é uma arte verbal em prosa; é uma prosa de apreciação; é uma apreciação dos acontecimentos. Tudo o que não estiver dentro desse quadrilátero será jornalismo em sentido negativo... mas não

---

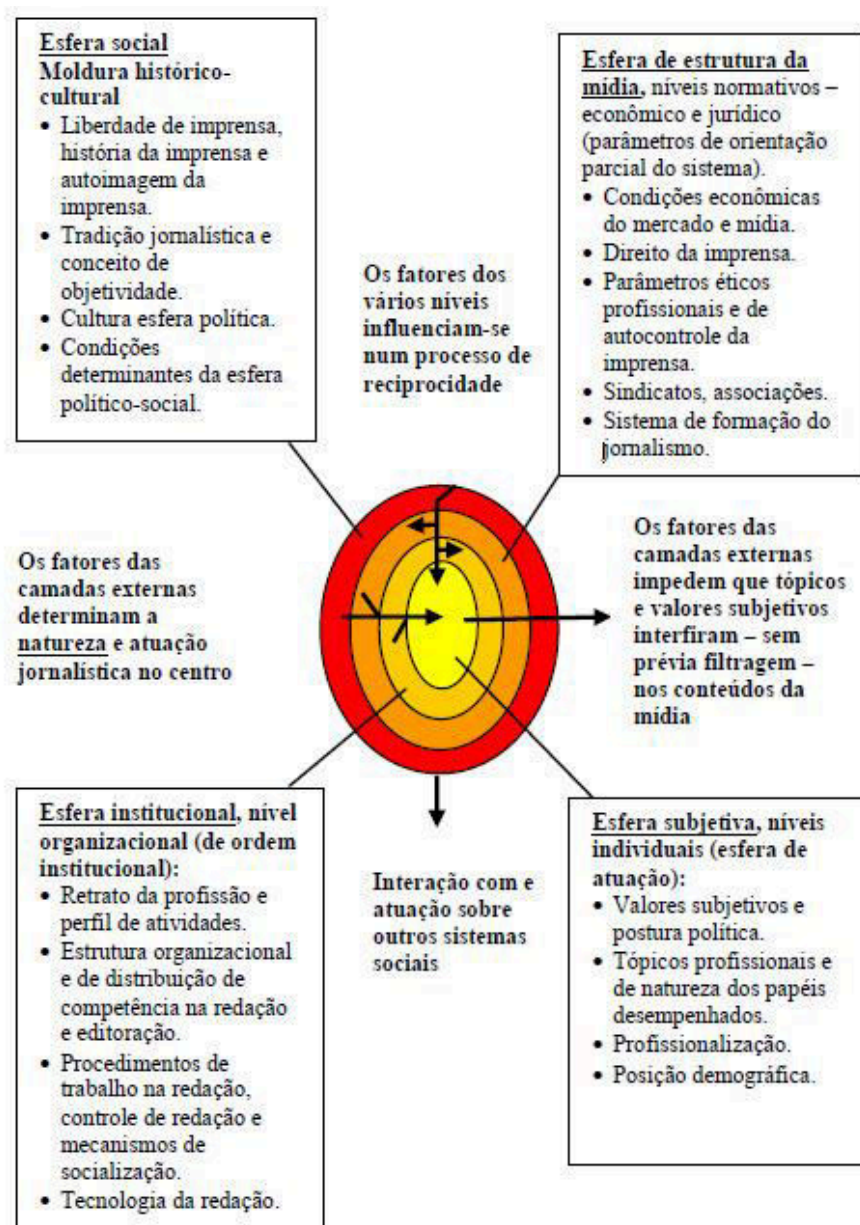
<sup>13</sup> The Powers Behind the Headlines: British and German Journalism Compared]. Freiburg: Alber.

<sup>14</sup> Devido a obra de Frank Esser estar disponível só em alemão, todas as citações deste teórico serão baseadas no trabalho de Zipser M.E. (2002), traduzidas do alemão para o português pela autora.

jornalismo em sentido próprio, como nem tudo o que está em verso é poesia, nem tudo o que é ficção é romance, nem tudo o que se leva à cena é teatro...”

Lima continua a sua reflexão sobre a função do jornalismo afirmando que a “...*função informativa é, pois, o primeiro e precípua fim do jornalismo. É para isso que o jornalista tem de estar a par das coisas, estar bem informado para poder informar. É para isso que ele tem de viver no meio dos acontecimentos, em pleno fluxo vital.*” (apud Zipser, 2002:21). A principal função do jornalismo é de formar a opinião pública e informar sobre a verdade.

Continuando, observamos que o estudo do jornalismo está subordinado a várias condicionantes, facto que aproxima o jornalismo do funcionalismo na tradução. Esser sistematiza a sua pesquisa através do Modelo Pluriestratificado Integrado, esquematizado através da “metáfora da cebola” apresentada a seguir:





Sobre o modelo, o próprio Esser comenta: “*Os vários níveis encontram-se numa estreita relação de interação, influenciam-se reciprocamente, nenhum fator atua isoladamente, mas desenvolve a sua influência só em conjunto com as outras forças. As quatro esferas moldam o trabalho jornalístico.*” (Esser *apud* Zipser, 2002:27)

Ao analisar a *Metáfora da Cebola* observamos que está composta por quatro esferas que, como mencionou Esser, trabalham em conjunto. Esta ideia vai ser importante e reforçada pelos resultados da análise do *corpus*.

- *Esfera social*: é a moldura histórico-cultural para todos os fatores que influenciam e atuam sobre a atividade jornalística, ou como o próprio Esser *apud* Zipser (2002:25) a denomina “o horizonte de orientação global de todo o sistema”. Fazem parte questões relacionadas à liberdade de imprensa, história e natureza, tradição jornalística, a cultura política e as condições que determinam a esfera político-social;
- *Esfera estrutural dos media*: é a segunda camada do modelo e tem um caráter normativo. É influenciada pela economia do mercado dos *media*, direito da imprensa, padrões éticos, sindicatos e associações e o sistema de formação do jornalista. Esser (*ibid.*) denomina esta esfera de “horizonte de orientação parcial do sistema”;
- *Esfera institucional*: a terceira esfera é a camada que inclui fatores de nível organizacional. O autor chama esta camada de “ordenações institucionais”. (*ibid.*) Aspectos práticos do fazer jornalístico, retrato da profissão e tecnologia de redação;
- *Esfera subjetiva*: é a camada interna do modelo (centro), chamada por Esser (*ibid.*) de “constelação de agentes” e inclui os fatores de ordem individual e subjetiva que atuam na produção jornalística.

## 2.4 - Valores notícia

Os valores-notícia são um dos componentes essenciais da noticiabilidade e Golding e Elliott definem-nos como “*qualidades dos acontecimentos, ou da sua construção jornalística, cuja presença ou cuja ausência os recomenda para serem incluídos num produto informativo*” – “*quanto mais um acontecimento exhibe essas qualidades, maiores são as suas possibilidades de ser incluído*” (1979:102).

Os valores notícia são um elemento fundamental da cultura profissional. Funcionam de forma complementar ao longo de todo o processo de produção das notícias – na recolha, na seleção, na elaboração e na apresentação da informação. (Correia, 1997:137; Wolf, 2003:196; Sousa, 2000:102).

Os valores/notícia operam de uma maneira específica:

*“A seleção das notícias é um processo de decisão e de escolha realizado rapidamente [...]. Os critérios devem ser fácil e rapidamente aplicáveis, [...] flexíveis para poderem adaptar-se à infinita variedade de acontecimentos disponíveis; [...] e relacionáveis e comparáveis, dado que a oportunidade de uma notícia depende sempre das outras notícias igualmente disponíveis. [...] existem critérios relativos ao acréscimo ou à supressão de notícias, que podem definir-se como inclusivos ou exclusivos (inclusionary / exclusionary). Os critérios devem também ser facilmente racionalizados [...] Finalmente, [...] os critérios são orientados para a eficiência, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro.”*

(Gans apud Wolf, 2003, 87)

Segundo Traquina (2002:202), a perceção do jornalista quanto ao valor-notícia dos acontecimentos pode ser influenciada ou até distorcida pelo contacto permanente entre os jornalistas e as fontes. Como consequência, os critérios de noticiabilidade do jornalista passam a basearem-se “em esquemas de interpretação com origem nos funcionários das instituições (...) às quais os jornalistas dão cobertura” – um facto que nutre os que argumentam que os *media* são um instrumento de propagação da ideologia dominante.

Galtung e Ruge (1965:61-73) – foram os primeiros a isolar e listar os valores notícia. Os autores criaram uma lista de 12 fatores que influenciam o fluxo das notícias, que são: a frequência; a amplitude do evento; a clareza ou falta de ambiguidade; a significância; a

consonância; o inesperado; a continuidade; a composição; a referência a nações de elite; a referência a pessoas de elite; a personalização; a negatividade.

Conforme Nelson Traquina (2005:94) “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham. Servem de “óculos” para ver o mundo e para construir.” Portanto, os valores notícia são a base na construção da notícia, e, respetivamente, na construção da mensagem a ser transmitida. Wolf (1999:89) aponta que os valores/notícia derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas: às características substantivas das notícias; ao seu conteúdo; à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo; ao público; à concorrência. Foi Wolf (1999) quem sublinhou o facto de os valores-notícia estarem presentes ao longo de todo o processo de produção jornalística, tanto na seleção dos acontecimentos como na construção da notícia.

Traquina (2005:77-93) elaborou a sua própria lista de valores-notícia. É uma lista completa e abrangente, dividida em valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Os valores-notícia de seleção foram divididos em dois subgrupos: um é constituído pelos critérios substantivos, os que estão relacionados com a avaliação direta do acontecimento a transformar em notícia; o outro é constituído pelos critérios contextuais, relacionados com o contexto de produção da notícia e não com as características do acontecimento em si.

No grupo constituído pelos critérios substantivos entram os seguintes valores-notícia:

- *A morte* – é um dos valores-notícia com mais destaque e importância no mundo jornalístico. Onde há morte há notícia. Esse valor-notícia será amplificado se a ele for acrescentada a “notoriedade” (nome e posição) do protagonista do acontecimento.
- *A proximidade* – seja geográfica seja cultural é outro valor-notícia fundamental. Golding e Elliott *apud* Pereira (2005:78), sublinham que a distância geográfica é distorcida pelo mecanismo de recolha de informações. Traquina (2005:80) afirma que no caso de desastres, usa-se a Lei McLurg que estabelece a proporção entre o número dos mortos e a distância geográfica para avaliar a sua noticiabilidade.
- *A relevância* – refere-se à preocupação de informar o público dos acontecimentos importantes, que têm impacto sobre a sua vida – “a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de incidência do acontecimento sobre essas pessoas, sobre as regiões, sobre os países” (Traquina, 2005:80).
- *A novidade* – afinal, o principal para um jornalista é o que um acontecimento ou problemática apresentam de novo. Daqui se depreende que o mundo jornalístico se interessa muito pela primeira vez. (Traquina, 2005:81)

- *O tempo* – ou a atualidade, representa um “news peg” (cabide) para justificar a noticiabilidade de um acontecimento que já teve lugar no passado, mas no mesmo dia. (Traquina, 2005, 81) Por exemplo, no dia 11 de setembro de cada ano passa a notícia sobre os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 dos EUA.
- *A notabilidade* – Traquina (2005:82) descreve este valor-notícia como a qualidade de ser visível, tangível, o que sublinha o facto de o campo jornalístico ser mais virado para a cobertura de acontecimentos do que problemáticas. Segundo Golding e Elliott *apud* Traquina (ibid.), a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve é também um registo de notabilidade: maior for o número de pessoas envolvidas - mais importância é conferida pelos jornalistas, um efeito ampliado quando estão envolvidos nomes importantes.
- *O Inesperado* – outro valor notícia importante na comunidade jornalística, é aquilo que irrompe e surpreende os jornalistas. Traquina cita Tuchman, quando diz que o Inesperado é conhecido como componente de um mega-acontecimento que provoca um “caos na redação”.
- *A referência a algo negativo* – “Quanto mais negativo, nas suas consequências, é um acontecimento, mais probabilidades tem de se transformar em notícia”. (Galtung e Ruge *apud* Pererira, 2005:79)

O subgrupo de critérios contextuais dos valores-notícia de seleção entra os seguintes valores-notícia:

- *A disponibilidade* – implica saber “quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais; se já está estruturado de modo a ser facilmente coberto; se requer grande dispêndio de meios para o cobrir” (Golding e Elliott *apud* Pereira, 2005:80).
- *O equilíbrio* – a noticiabilidade de certos acontecimentos está relacionada com a quantidade de notícias sobre este acontecimento.
- *A visualidade* – isto é, se há elementos visuais, como fotografia ou filme, facto particularmente importante no jornalismo televisivo. (Traquina, 2005:89) Na televisão, este critério de noticiabilidade pode explicar a maior presença de notícias sobre acidentes (Gans *apud* Pereira, 2005:80)
- *A concorrência* – a notícia exclusiva, sobretudo entre jornais do mesmo segmento torna-se uma peça importante para o sucesso.
- *O dia noticioso* – é o último dos valores-notícia deste subgrupo. Os académicos Molotch e Lester *apud* Traquina (2005:90) sublinharam que “os acontecimentos estão

em concorrência com os outros acontecimentos. Como Traquina aponta, existem dias ricos em acontecimentos e dias pobres em acontecimentos. O autor nos dá o exemplo do mês de agosto em Portugal quando as fontes estão de férias, está aberto o conhecido “*silly season*”, quando acontecimentos com pouca noticiabilidade conseguem estar na primeira página dos noticiários, o que normalmente não seria possível numa outra época do ano.

Outro grupo de valores notícia elaborado por Traquina (2005:91-92) é composto pelos valores notícia de construção, tal como:

- *A simplificação* – diz respeito a necessidade de simplicidade e falta de ambiguidade que os textos jornalísticos requerem, para serem acessíveis ao público. Por isso, os textos jornalísticos requerem o uso dos clichés, dos estereótipos ou das frases feitas.
- *A amplificação* – é outro valor notícia de construção, referido também por Galtung e Ruge *apud* Traquina (ibid.), que pode ser explicado da seguinte forma: quanto mais amplificado um acontecimento, mais probabilidade tem de ser reparado e lembrado. Precisamente a amplificação explica os títulos hiperbólicos das notícias que encontramos em vários jornais/noticiários.
- *A relevância* – cada notícia ganha mais peso e importância para as audiências se o acontecimento for relevante para as pessoas.
- *A personalização* – é um valor notícia de construção fundamental devido a natureza do discurso jornalístico, aponta Traquina. Para que o acontecimento/notícia tenha mais valor e importância é importante acentuar o fator humano, o que permite ao jornalista ter um discurso de um certo nível em que um público largo composto de não profissionais é capaz de entender.
- *A dramatização* – “por dramatização entendemos o reforço dos aspetos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual”. (Traquina, 2005:92)
- *A consonância* – é o último valor notícia de construção e pressupõe que a notícia deve ser interpretada num contexto já conhecido, respondendo assim as expectativas do recetor. Implica a inserção do novo facto num velho contexto.

Traquina reforça que os valores notícia de construção estão em relação direta com o público leitor ou ouvinte e contribuem para o “sucesso da peça jornalística”. O jornalista atua no seu trabalho como um *tradutor de factos*, que aplica o conceito de funcionalismo quando constrói a mensagem, pensando em primeiro lugar no seu *target* ou seja, no público a quem se destina o produto jornalístico.

Mas, afinal, o que é notícia?

Alsina (1996:185) define as notícias como “uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente que se manifesta na construção de um mundo possível”. As notícias são o produto final de um processo complexo que começa numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas (Hall et al., 1993:224). Conforme Mitchell Stephens *apud* Traquina (2005:95), “as qualidades douradoras” do que é notícia ao longo do tempo são: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. Traquina (*ibid.*) continua dizendo que “as definições do que é notícia estão inseridas historicamente e a definição da noticiabilidade de um acontecimento ou de um assunto implica um esboço da compreensão contemporânea do significado dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional.” O sociólogo francês Pierre Bourdieu, sublinhou que as diferenças mais evidentes escondem semelhanças profundas: os produtos jornalísticos são “*muito mais homogêneos do que se pensa.*” (*apud Traquina ibid.*)

“A triagem e a organização do material que chega à redação constituem o processo de conversão dos acontecimentos observados em notícias” (Golding - Elliott, *apud* Wolf, 1999:109). Conforme Wolf (1999), existe uma regulamentação do afluxo do material para seleção e esta regulamentação é provocada pelos modos, os processos e os hábitos, que na soma formam uma primeira forma importante de seleção. Esta é congruente com o conjunto dos valores-notícia que têm por objetivo tornar possível a parte restante da seleção dos acontecimentos. Wolf afirma que:

*“Os valores/notícia [...] não sobrevivem apenas no momento da seleção mas um pouco durante todo o processo produtivo, inclusive nas fases de feitura e de apresentação das notícias, quando são postos em destaque precisamente os elementos de relevância que determinaram a newsworthiness no momento da seleção. Muitas vezes, a escolha de um acontecimento coincide com a individualização de uma «feição» particular ou de um ponto de vista segundo o qual esse acontecimento pode ser relatado, noticiado.”*

(1999:109)

Portanto, esse ponto de vista representa, conforme o Erbolato (1985) o “ângulo” da notícia etc. Traquina conclui que “À pergunta «O que é notícia?» podemos responder que a resposta dos membros da tribo jornalística não é científica, aparece como instintiva, e

permanece quase como uma lógica não explicitada [...] mas que os critérios de noticiabilidade existem, duradouros a longo dos séculos”. (2005:96)

## 2.5 - O jornalista tradutor

Jorge Gallardo Camacho<sup>15</sup> autor do artigo intitulado *El redactor-traductor en los grandes medios de comunicación con mercados multilingües: caso CNN*, conclui que a criação de grandes grupos de comunicação transnacionais exige a existência de redatores (e jornalistas) preparados para enfrentar a barreira linguística. Mas, na ótica do autor, este facto complica a delimitação de uma linha entre as funções e competências de cada posição. (Camacho, 2005:78)

As empresas, nas suas buscas de rentabilidade prescindem de uma das posições e descobrimos a existência de um novo nível de perda de objetividade informativa. Numa empresa com uma multitude de áreas e canais em vários idiomas, a tradução ganha um papel importante e essencial para exercer qualquer função dentro da empresa. Jorge Gallardo Camacho (2005:79) dá o exemplo de CNN, onde uma série de reportagens em inglês sobre “A chegada do Euro a Europa” foi traduzida na íntegra para os telespectadores de CNN em espanhol (destinado a público latino-americano) e CNN+ (para Espanha).

Portanto, “o papel do correspondente pode limitar-se a mera tradução da reportagem existente. As fontes da notícia são adquiridas pelo repórter que assina a reportagem e um outro jornalista faz a tradução ou interpretação, portanto limita-se ao ato tradutório”. (Camacho, 2005:80) Na opinião do mesmo autor, o redator-tradutor é uma figura indispensável dentro das redações e grandes empresas de comunicação e a capacidade de poder cobrir duas funções proporciona ao jornalista prestígio no seio da empresa, mas esta situação gera uma série de vantagens e desvantagens. (ibid.)

### ➤ Desvantagens em relação ao jornalista:

- Eliminam-se lugares de emprego (um jornalista espanhol pode, também, fazer o trabalho de um departamento em inglês).
- A contratação de tradutores profissionais é quase simbólica (os jornalistas fazem essa função por eles).

---

<sup>15</sup> Investigador do grupo de investigação LABCOM da Universidade de Málaga e apresentador e editor de Informativos Localia Jaen.

- O conhecimento de línguas pesa mais do que a capacidade jornalística do trabalhador. O autor pergunta: “Então, neste caso, o que pesa mais? As suas capacidades jornalísticas ou a habilidade de fazer reportagens em vários idiomas?”
- O uso de estrangeirismos na linguagem jornalística, causado pela convivência do jornalista com dois ou mais idiomas. Na opinião do autor, o Inglês é o idioma que mais “contamina” as outras línguas.
- Não conhecendo a realidade de perto e afastando a deontologia do tradutor, o jornalista converte-se em um “mediador”. A tradução é um meio para exercer a sua profissão diariamente.
- O jornalista analisa e compreende globalmente o texto para depois relatar a sua “versão” traduzida para a língua desejada.
- A tradução indireta, um procedimento “problemático em muitos sentidos” (Fernandez *apud* Camacho, 2005:81) aparece quando algumas reportagens são solicitadas para departamentos de inglês (por exemplo quando reportagens do departamento de espanhol são solicitadas para a língua inglesa).

➤ Vantagens para o jornalista:

- O jornalista adquire a função de por em “contexto de situação” ao expetador.
- O jornalista tradutor adiciona aos conteúdos mais riqueza cultural enquanto que “além do facto de ser bilingue possui uma visão “bicultural” ” (Hatim e Mason *apud* Camacho, 2005:82)
- Os “intermediários” ou tradutores são eliminados. O comunicador adquire mais poder através da dupla subjetividade.

Zipser (2002) estabelece um novo conceito para a tradução em interface com o jornalismo que é “a tradução como representação cultural” e o jornalista como “tradutor do facto”. Portanto, o papel do jornalista-tradutor consta em fazer com que o texto final, a reportagem impressa, funcione culturalmente para o seu público leitor.

Conforme Zipser, existe um filtro na mediação entre o facto ocorrido e aquele veiculado pela imprensa, especialmente quando as notícias são traduzidas para outros ambientes culturais. Segundo a autora, esse filtro caracteriza “o processo de constituição de sentidos dos textos, entendidos estes últimos, em sua aceção, mais ampla [...] Tal processo nada mais é do que um correlato, no universo da imprensa, das leituras desse mesmo fato”. (Zipser, 2002:3).

Jorge Gallardo Camacho (2005:82) afirma que a tradução é como o jornalismo: não existe nada objetivo. Assim sendo, no papel jornalístico de contar algo a partir da tradução das



notícias de várias agências ou de uma reportagem já realizada nos deparamos com uma dupla carga de subjetividade: por um lado, partindo da base de que o comunicador tenta aproximar-se da realidade, e, por outro lado, a subjetividade vinda do mero facto de traduzir textos que contem informação a ser contada. O que se conta é subjetivo e também a tradução das fontes é subjetiva. Conforme o autor, “essa capacidade manipuladora” dá ao jornalista uma dupla dose de poder.

Bucci apresenta a seguinte ideia em relação à ilusão da neutralidade jornalística:

*“O relato, qualquer que seja ele, é um discurso e, como tal, é inevitavelmente ideológico: mesmo quando sincero e declaradamente não opinativo, o relato jornalístico é encadeado segundo valores que obrigatoriamente definem aquilo que se descreve. A objetividade perfeita nunca é mais que uma tentativa bem-intencionada”.*

(2000:51)

Conforme Zipser, “existe também uma certa aceitação de que o jornalista, como indivíduo produtor de sentidos, deixa suas marcas em seu trabalho.” (2002:30) Ao citar a orientação do Manual de redação e estilo de O Globo, Bucci (2002) reafirma essa postura:

*“Todo jornalista, de repórter ao editor, seleciona e dá peso diferente aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável – pois não há outra maneira de trabalhar – e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspeto da realidade será apresentado à opinião pública. A primeira questão ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder. É inaceitável que o processamento da informação seja posto a serviço de fins políticos, ideológico e pessoais.”*

(apud Zipser, 2002:31)

Zipser (ibid.) conclui que a contribuição de F. Esser constitui uma “bússola dentro desse universo tão complexo que é o jornalismo”. Os parâmetros propostos por Esser condicionam a avaliação e interpretação dos factos pelos profissionais do jornalismo e esses mesmos parâmetros deveriam nortear o trabalho do tradutor de textos jornalísticos.

### 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS TEXTOS

O presente capítulo está destinado à discussão dos resultados obtidos pela análise do *corpus* selecionado, com base nas linhas teóricas definidas no primeiro e no segundo capítulo, e nos procedimentos descritos na secção Metodologias. O objetivo desta análise e discussão é de validar a nossa pesquisa, que tem como hipótese inicial a existência de filtros ou marcas culturais nos textos jornalísticos, e pretende identificar o ponto de interseção entre a tradução e o jornalismo, levando em consideração a cultura/língua em que estão inseridos.

Para este efeito, é importante realçar que os textos jornalísticos analisados não são traduções propriamente ditas, mas antes traduções do mesmo acontecimento noticioso sob o ponto de vista da realidade cultural e jornalística portuguesa e inglesa.

#### 3.1 - Metodologias

Antes de proceder para a análise e a discussão dos resultados, vamos descrever a metodologia utilizada na análise do nosso corpus, um breve historial dessas publicações, os objetivos e os critérios da análise.

A presente pesquisa, orientada pela conexão existente entre a tradução e o jornalismo, representa um trabalho de análise comparada da imprensa sobre os ataques terroristas de 22 de julho de 2011 na Noruega. O trabalho procura demonstrar a hipótese preliminar de a cultura atuar como um filtro que dita os ângulos de tratamento das notícias e que o jornalista completa o papel do tradutor, não só de línguas, mas também de culturas.

Baseada na teoria funcionalista de Nord<sup>16</sup> e no modelo da análise do jornalismo de Esser<sup>17</sup>, a presente pesquisa defende que as diferenças entre os textos das notícias dos dois

---

<sup>16</sup> Conforme Nord, o funcionalismo é contemplado como uma comunicação intercultural, onde o texto de partida e o texto de chegada pertencem a sistemas culturais distintos, causando a necessidade de analisar as funções do texto separadamente de uma forma pragmática. O modelo de análise textual proposto por C. Nord envolve três figuras principais: o emissor, o tradutor (geralmente visto como o *mediador* entre culturas) e o recetor (o leitor final). O recetor é um dos princípios determinantes do escopo da tradução, visto que um texto é um ato comunicativo que só se completará no momento da receção. O tradutor é um produtor de texto que, produz, na cultura de chegada, um novo instrumento comunicativo (Nord, 1991:11)

<sup>17</sup> O modelo pluriestratificado de Frank Esser é composto por quatro esferas: esfera social, esfera estrutural dos *media*, esfera institucional e esfera subjetiva. O modelo desenvolvido permite entender a dinâmica do jornalismo e as várias influências que dirigem o trabalho jornalístico nas suas várias instâncias, identificando, desta forma, fatores que conferem ao jornalismo uma identidade nacional e cultural próprias do país em que se encontra inserido. Para mais detalhes, veja-se o segundo capítulo do presente trabalho.

jornais analisados são resultado de um processo tradutório (linguístico e cultural), uma vez que cada diário está direcionado a culturas e públicos distintos. O principal objetivo do presente trabalho é analisar os diferentes ângulos de abordagem do mesmo acontecimento, tendo por base o critério linguístico e o critério cultural.

Após uma breve pesquisa da imprensa inglesa e portuguesa, decidimos optar pelo *Diário de Notícias* e por *The Guardian*, dado que os dois diários são conhecidos como pilares da imprensa em cada um dos países que representam, com mais de 140 anos de história que contribuíram e continuam a contribuir para a formação da opinião dos seus leitores.

O *corpus* aqui analisado é composto por um conjunto de 10 textos que tratam o ataque terrorista de 22 de julho de 2011 na Noruega, assim distribuídos: 5 textos são notícias escritas em português e os outros 5 textos são notícias escritas em inglês, publicados em diários. As notícias em português foram publicadas no *Diário de Notícias online* e as notícias em inglês no *The Guardian online*.

A seguir apresentamos um breve historial dos dois diários que compõem o nosso *corpus*.

*The Manchester Guardian*, criado por John Edward Taylor, foi publicado, pela primeira vez, no dia 5 de maio de 1821 com o principal objetivo de promover os interesses liberais na sequência do Massacre de Peterloo<sup>18</sup>, e de revogar as Leis do Milho (Corn Laws) que tanto floresceram em Manchester durante este período. Conhecido como um semanário até 1836 passou, depois, a ser publicado todas as quartas-feiras e todos os sábados, até que em 1855 começou a ser editado como diário.

Em 1872, *The Manchester Guardian* conheceu o seu novo editor na pessoa de CP Scott que promoveu a independência e a liberdade do diário declarando: “*Comment is free, but facts are sacred...The voice of opponents no less than that of friends has a right to be heard*”<sup>19</sup> Após a sua morte, CP Scott entregou o controlo do diário aos seus dois filhos, John Russel Scott e Edward Taylor Scott. Posteriormente, em junho de 1936, JR Scott passou a propriedade do *The Manchester Guardian* para os curadores do *The Scott Trust*, assegurando a continuidade da sua tradição editorial.

---

<sup>18</sup> The Peterloo Massacre- no dia 16 de agosto de 1819, na zona conhecida hoje como St Peter’s Square em Manchester, aconteceram confrontos entre manifestantes pro democratas que protestavam contra a pobreza e a polícia. Na consequência, morreram 18 pessoas e outras 700 foram feridas. The Peterloo Massacre, [online] acedido em [22.05.2013], disponível em <http://www.peterloomassacre.org/history.html>

<sup>19</sup> Tradução nossa – O comentário é livre, mas os factos são sagrados... Tanto a voz dos oponentes como a voz dos amigos tem o mesmo direito de ser ouvida. *History of the Guardian*. [online]. Acedido em [23.05.2013]. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/gnm-archive/2002/jun/06/1>

Em 1944, AP Wadsworth tornou-se o novo editor e foi confrontado com uma série de problemas, entre quais a falta de recursos financeiros, dificuldade que continuou até 1976, quando o investimento na impressão, na mudança para escritórios melhores em Londres e no início do programa de expansão que presumia a reformulação do *Guardian Weekley* para incluir o conteúdo tanto do *Washington Post* quanto do *Le Monde*, contribuíram para a consolidação da posição do *Guardian*.

Em 1988, foi feita uma tentativa ousada e inovadora para reafirmar a posição do diário na *Fleet Street*, com uma enorme mudança de *design*, facto que contribuiu para o começo do período moderno, de sucesso, na história do *Guardian*. Em 1994-95, começaram a ser publicados artigos do diário no espaço virtual. A rede de sites *The Guardian Unlimited* foi lançada como um todo unificado, em janeiro de 1999 e, em 2008, mudou o nome para *guardian.co.uk*.<sup>20</sup>

Peixinho de Cristo (2010:128) sublinha que conforme Tengarrinha a criação do *Diário de Notícias* em dezembro de 1864, é um evento simbólico que marca a elevação da imprensa portuguesa a uma nova fase de desenvolvimento. Fundado por Thomaz Quintino e Eduardo Coelho, o *Diário de Notícias* nasceu baseado na credibilidade, qualidade, isenção e rigor.<sup>21</sup> No seu conhecido *Álbum das Glórias*, Bordalo Pinheiro sob o pseudónimo de João Rialto comenta o surgimento do *Diários de Notícias* da seguinte forma:

*“Depois do código fundamental da monarquia, o Diário de Notícias é a criação mais significativa que no meio século decorrido tem visto a luz no solo português. No seu persistente trabalho de sapa, nos últimos quinze anos, aluiu pela base, quase sem ninguém dar por isso, todos os velhos costumes, todas as velhas tradições, todos os velhos ídolos.” (Pinheiro apud Peixinho de Cristo, 2010:129)*

Inicialmente, o objetivo principal do *Diário de Notícias* era captar todas as classes, ser acessível e compreensível a todo tipo de inteligência.

*“À data do aparecimento do Diário de Notícias, o panorama jornalístico português era caracterizado, fundamentalmente, pela existência de jornais de opinião, de cariz doutrinal, que traduziam as batalhas travadas no*

---

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> *Diário de Notícias*. Em Infopédia [online]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. Acedido em [23-05-2013]. Disponível em [www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$diario-de-noticias](http://www.infopedia.pt/$diario-de-noticias)>]

*domínio político e, por outro lado, por jornais de especialidade nos mais diversos ramos”*

*(Miranda apud Peixinho de Cristo, 2010:129)*

Tendo sido o primeiro jornal de venda ambulante nas ruas, o jornal hospedou artigos de vários nomes conceituados, como por exemplo o caso de Eça de Queirós, com a sua celebre narrativa sobre o canal Suez, publicado em 1870. O diário propunha-se publicar notícias de todos os dias, de todas as especialidades e de todos países. Em 1900, sob a direção de Alfredo Cunha, o *Diário de Notícias* iniciou uma nova fase, marcada pela colaboração de artistas plásticos que comentavam os acontecimentos da atualidade e as figuras públicas.<sup>22</sup> Conforme Cunha *apud* Peixinho de Cristo (2010:131), o sucesso do diário é relatado pelo número crescente de exemplares vendidos: ao fim de um ano de existência, a tiragem quase que duplica, passando dos 5000 exemplares para os 9600.

O caráter inovador e ousado do *Diário de Notícias* é realçado quando o diário decide acolher nas suas páginas *O Mistério da Estrada de Sintra*<sup>23</sup>: experiência “(...) ousada pelo seu cariz provocatório, inovadora também pela forma como, utilizando o suporte de imprensa e jogando com a credibilidade de um jornal junto do seu público, construiu uma mistificação na fronteira entre jornalismo e literatura.” (Peixinho de Cristo, 2010:404)

A entrevista a Adolf Hitler, publicada em novembro de 1930, marcou um momento importante na história do jornal. Só dez anos depois, foi inaugurada a sede histórica do diário, situada na Avenida da Liberdade em Lisboa. Em 1991, sob o governo de Cavaco Silva e no quadro da sua política de liberalização da comunicação social, deu-se a reprivatização da EPNC, a empresa pública a que pertencia o Diário de Notícias. Os títulos do grupo foram adquiridos por cerca de 42 milhões de euros pelo consórcio da Lusomundo, liderado pelo tenente-coronel Luís Silva, que também adquiriu na mesma altura o *Jornal de Notícias* do

---

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> O Ministério da Estrada de Sintra “É , como tantas outras obras do século XIX, um romance que, antes de vir a lume numa edição em livro, foi publicado ao longo de dois meses em contexto jornalístico. Este tipo de publicação era muito comum na época e os próprios jornais organizavam a sua disposição gráfica em função da presença de textos literários de índole muito diversificada. Para isso, contavam com um espaço, geralmente no rodapé da primeira página, denominado de folhetim que, tornou-se um dos meios de sustento de muitos escritores e, simultaneamente, constituiu-se como um meio de angariar leitores e conseqüentemente aumentar o número de assinantes do jornal” (Peixinho de Cristo, 2010:408)

Porto. Em 2005, enfim, o Grupo Controlinveste adquiriu a Lusomundo Serviços, que entretanto havia sido comprada pela PT Multimédia do grupo Portugal Telecom em 2000.<sup>24</sup>

Em 1995, o *Diário de Notícias* começa a colocar a sua edição na internet. Em 2001 o *Diário de Notícias* lança um novo *design* do seu *site*<sup>25</sup>. O ano de 2009 marca uma nova etapa na história de *DN online*, o novo *site* remodelado e atualizado é lançado, tendo como objetivo ser o maior site de informação em português de Portugal. A nova categoria - *Jornalismo do Cidadão* permitiu ao jornal ter uma maior interação com o público leitor, um aspeto importante para a política do jornal. O *DN* está presente nas redes sociais, intensificando a sua presença no meio digital, permitindo uma comunicação direta e criando uma grande envolvência com os seus leitores. Também no meio digital o lançamento do *e-paper* e das aplicações para mobile, *iPad*, *iPhone* e *Android*, permitem ao leitor o acesso à informação a qualquer hora e em qualquer lugar. O *site* ganhou vários prémios, como *Prémio FWA 2011 para site, mobile e aplicações iPhone/iPod*; *Prémio Meios&Publicidade Design 2009 - categoria de Design Editorial*, revelando o *site* do *Diário de Notícias*, o *Melhor Site de Informação*.<sup>26</sup>

A presente análise pretende identificar o ponto de interseção entre a tradução e o jornalismo, tendo por base a ideia de interculturalidade presente no trabalho tanto do tradutor como do jornalista. Analisando como cada diário tratou o atentado terrorista de 22 de julho de 2011 na Noruega, pretendemos demonstrar que o jornalista, especialmente aquele que está em permanente contacto com notícias recebidas de agências noticiosas internacionais, atua como tradutor de culturas e de factos. Outro objetivo da nossa pesquisa será analisar o impacto que o filtro cultural tem sobre a produção final de notícias e colocar em discussão o conceito de “neutralidade” na redação das notícias.

A primeira etapa dos procedimentos metodológicos foi a escolha dos diários. Seguimos para o levantamento dos textos de análise. Para enquadrar a presente análise, efetuamos uma revisão bibliográfica sobre o terrorismo, a tradução, a cultura e o jornalismo. Prosseguimos para a seleção dos textos de análise de equivalente temática em ambos os diários. Com o objetivo de demonstrar a influência de condicionantes culturais sobre o *corpus* aplicamos a tabela proposta por Nord<sup>27</sup> aos textos para investigar a presença de marcas

---

<sup>24</sup> Diário de Notícias. Em Wikipedia [online]. Disponível em [\[http://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio\\_de\\_Not%C3%ADcias\\_\(Portugal\)\]](http://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_de_Not%C3%ADcias_(Portugal))

<sup>25</sup> *Os media portuguesas na Internet*, 2002. Disponível em [\[http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm\]](http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm)

<sup>26</sup> *Mediakit Diário de Notícias* [online]. Acedido em [25/06/2013] Disponível em <http://www.controlinveste.pt/storage/ng2327303.pdf>

<sup>27</sup> O Modelo de C. Nord representa uma sistematização de fatores internos ao texto e fatores externos ao texto que permitem efetuar uma análise ampla e comparativa de dois textos. Veja-se a ilustração 1 pag. 42

culturais, assim como a predominância de esferas de influência do modelo pluriestratificado proposto por Esser<sup>28</sup>. A próxima etapa inclui a discussão e a sistematização dos resultados obtidos através das análises. Por último, elaboramos as conclusões finais e sugerimos algumas sugestões para futuros trabalhos.

Antes de começar a análise propriamente dita das notícias estabelecemos os critérios de análise que permitirão atingir os objetivos propostos. Portanto, definimos que as notícias devem pertencer ao mesmo veículo de comunicação em ambas as línguas: diários *online*. As notícias a ser analisadas devem ainda corresponder ao mesmo período temporal e devem, por último, tratar do mesmo acontecimento. As notícias serão analisadas aplicando o modelo de Nord e de Esser, contudo, decidimos focar a análise nas escolhas lexicais dos jornalistas.

As 10 notícias que constituem o *corpus* do terceiro capítulo foram divididas em enunciados a serem analisados da seguinte forma: Títulos, *Lead*, Fotografias e Legendas. Os Títulos e os *Lead* formam o cabeçalho da notícia que, segundo van Dijk (1985: 86-87), é o ponto de cruzamento de super e de macroestrutura e que representa o sumário do discurso da notícia. Van Dijk (1985: 86-87) acrescenta que, em relação ao *layout* gráfico, os Títulos e os Leads são publicados “em cima”, “no início”, impressos em letras grandes em negrito, mas estas regras de apresentação podem diferenciar de cultura para cultura e de periódico para periódico.

As Fotografias e as Legendas constituem o paratexto<sup>29</sup> - elemento fundamental para a notícia no âmbito *on-line*. Dalmonte comenta que “conforme a etimologia de origem, tal prefixo indica: algo que se coloca perto de, ao lado de; a ação de receber ou apanhar qualquer coisa das mãos de alguém. Pode ser usado para exprimir a ideia de tempo, duração. Algo que acontece paralelamente a outra coisa. Ao compor a nova palavra, sinaliza uma organização textual que se coloca ao lado de uma outra, com a qual mantém uma relação direta; não de dependência, mas de continuidade.” (2009:115)

Genette (1987:7) considera que os elementos do paratexto exercem uma dupla ação sobre o texto: envolvem-no e prolongam-no. Pavlik *apud* Dalmonte (2009:126) ressalta que os novos meios de comunicação reconfiguram as técnicas narrativas, oferecendo à audiência uma cobertura informativa mais contextualizada, por meio da qual o leitor pode navegar. As imagens, os vídeos, as legendas, o texto representam modalidades comunicacionais interativas

---

<sup>28</sup> O Modelo Pluriestratificado Integrado de Esser, conhecido também por Metáfora da Cebola, sistematiza as quatro esferas principais que influenciam o jornalismo e que trabalha o ponto de confronto entre duas culturas, ou seja, a interculturalidade. Veja-se a ilustração 2, pag. 48

<sup>29</sup> A palavra paratexto é composta com o auxílio do prefixo grego *para*, designando uma modificação da palavra *texto* (Bailly *apud* Dalmonte, 2009:115).

que atraem o leitor e oferecem a possibilidade de participação através de comentários, *links* etc.

Buscamos encontrar uma forma de comparação entre as duas línguas que permitisse a seleção dos dados. Portanto, foi aplicada a análise do discurso ao nível de léxico, de processos e de atores sociais. Nogueira (2001:22) conclui que “a Análise do Discurso implica, simultaneamente, modos conceituais de pensar o Discurso e de tratar os dados do Discurso”, deste modo, a Análise do Discurso é uma alternativa às perspectivas tradicionais da metodologia, mas também uma alternativa às concepções em que essas perspectivas metodológicas assentam. (Wood e Kroeger *apud* Nogueira, 2001:22) Há vários tipos e métodos de realizar a análise de discurso, no entanto, na presente dissertação, aplicaremos a Análise Crítica do Discurso. Conforme Wood e Kroeger *apud* Nogueira (2001:27), a Análise Crítica de Discurso procura padrões dentro de contextos mais amplos, associados a questões da sociedade ou com a cultura. As principais influências são representadas pelas perspectivas provenientes do estruturalismo e pós-estruturalismo francês e dos trabalhos de Foucault que se preocupou, essencialmente, com as relações entre poder e conhecimento.

Interessa-nos analisar as escolhas lexicais dos jornalistas e identificar como o contexto cultural influencia a produção da notícia e o léxico da mesma. Sabe-se que as escolhas lexicais determinam o estilo do autor e do texto e carregam consigo sentidos e mensagens específicas. O léxico é composto por palavras, vejamos a definição de palavras por Bakhtin *apud* Mazutti (2011:16) “*A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de Signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social.*” Portanto, a palavra é composta por signos. O mesmo autor descreve o signo verbal como “*Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.*” Bakhtin *apud* Mazutti (2011:16)

Para Jakobson *apud* Mazutti (2011:18), cada palavra carrega em si diversos signos e no momento da tradução nem sempre a palavra corresponde no outro idioma/cultura e nem sempre carrega os mesmos signos do texto-fonte, ou ainda, a mesma palavra pode não ser comum às duas línguas/culturas. Assim sendo, o ato da tradução vai muito além da tradução da palavra. Deve-se pensar nos filtros culturais, nos signos da língua e/ou cultura fonte para uma recodificação na língua e/ou cultura alvo. A análise das escolhas lexicais representa uma forma de completar o resultado obtido através da aplicação da tabela proposta por Nord.



Segundo Chafe (1979) e Borba (1996) *apud* da Silva et al (2010:3), os verbos podem ter quatro classificações sintático-semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Os verbos de processo, foco deste trabalho, são aqueles que expressam um ou mais eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. Pode ser, ainda, que o sujeito de um verbo de processo desempenhe o papel semântico de beneficiário. Há enunciados em que o verbo de processo apresenta um segundo argumento, que sintaticamente funciona como objeto direto. Os verbos de processo podem ser divididos nas seguintes categorias: processos materiais, processos mentais, processos verbais e processos relacionais. Os processos materiais dizem respeito a verbos de ação, ao mundo físico. Os processos mentais referem-se a verbos de cognição e percepção e de sentimento. Os processos verbais, por sua vez, são realizados por verbos que indicam fala. Os processos relacionais são representados por verbos de ligação que estabelecem atributos, identificação e/ou posse entre duas entidades.

A análise dos atores sociais tem por base a proposta teórico-metodológica de van Leeuwen (1997). Conforme van Leeuwen, a presença dos atores sociais num discurso evidencia as intenções do autor, os quais *“podem ser inclusivos ou excludentes para servir aos interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirige”* (Van Leeuwen *apud* Gerhardt, 2009:64)

A inclusão do ator social no discurso acontece quando se aplica a ativação, ou seja, quando o indivíduo é representado ativamente no discurso, como, por exemplo, no cabeçalho do jornal. A exclusão, de outra maneira, é identificada pelo uso da passivização para ocultar um facto e, assim, excluir um ator que realizou uma determinada ação. Apresentamos outras categorias de representação social descritas por van Leeuwen. A indeterminação ocorre quando os atores são anônimos para o público. A determinação, ao contrário, especifica o ator social, tornando-se visível para o público. A especificação ocorre através de nomeação, funcionalização e identificação. A nomeação é realizada através de nomes próprios, indicando a valorização do ator social dentro do discurso. A nomeação pode ser formal (através de sobrenome e títulos), semiformal (nome e sobrenome) ou informal (o primeiro nome). A funcionalização acontece quando no discurso, o ator social é mencionado através da atividade que desempenha ou pela posição que ocupa. A identificação é caracterizada pela referência do ator social no texto pelo que ele (o ator) é, mais ou menos permanentemente.

Outras categorias de representação dos atores sociais são a abstração e a objetivação. A abstração ocorre quando o ator social é representado através de qualidades dadas a ele. A objetivação é a representação do ator social através de um lugar com que está associado ou pela atividade em que está implicado.

Sendo traçadas as principais linhas da metodologia seguimos para a discussão dos resultados da análise.

### 3.2 - Análise dos dados com base nos modelos de Nord e Esser

No presente item vamos prosseguir para a análise do *corpus* com o objetivo de determinar o *skopos*<sup>30</sup>. Com base no modelo de análise textual desenvolvido por Nord, e no modelo das esferas de influência no jornalismo, da autoria de Esser, apresentamos a discussão dos dados obtidos.

O modelo de Nord deve a sua estruturação ao facto de ter um uso didático, o que não quer dizer que não possa ser alterado em função da tipologia textual e das intenções da pesquisa. Tendo isto em consideração, decidimos eliminar a categoria Sintaxe da tabela, uma vez que não está nos objetivos desta pesquisa analisar as notícias ao nível sintático, pois privilegiamos a análise lexical. Quanto as esferas de influência de Esser, são essas que determinam os filtros / influências culturais impregnadas nos textos. Tanto os fatores descritos por Nord como as esferas de influência da “Metáfora da Cebola”<sup>31</sup> de Esser influenciam-se mutuamente, moldando a forma e o conteúdo do texto.

A análise dos textos conforme o modelo de Nord organizado em tabelas encontra-se em Anexo. Os textos do *corpus* estão distribuídos da seguinte forma (a coluna abreviatura refere-se ao modo como os texto serão denominados ao longo da análise):

| Diário          | Título  | Abreviatura* |
|-----------------|---|--------------|
| <i>DN</i>       | Suspeito dos ataques de Oslo identificado como Anders Behring Breivik | T1P          |
| <i>Guardian</i> | Norway Attaks: at least 92 killed in Oslo and Utoya island            | T1I          |
| <i>DN</i>       | Manifesto de Breivik vai ser peça de teatro                           | T2P          |
| <i>Guardian</i> | Danish Theater adapts Anders Behring Breivik manifesto                | T2I          |
| <i>DN</i>       | Breivik considerado criminalmente responsável                         | T3P          |
| <i>Guardian</i> | Norway massacre suspect Anders Behring Breivik is not “insane”        | T3I          |
| <i>DN</i>       | Relatório diz que ataque de Breivik podia ser evitado                 | T4P          |
| <i>Guardian</i> | Anders Behring Breivik could have been halted – report                | T4I          |

<sup>30</sup> Para Nord (1991:8) *Skopos* é “Uma descrição mais ou menos explícita da situação-alvo em potencial”. O escopo deriva das instruções dadas pelo *initiator* (o iniciador), onde o *initiator* é a pessoa para quem o tradutor está a traduzir. Podemos dizer que o *skopos*, é, na prática, o conteúdo pragmático das instruções do *initiator*.

<sup>31</sup> A “Metáfora da Cebola” é o Modelo Pluriestratificado Integrado desenvolvido por Esser, traduzido para português pela Zipser (2002:25). Veja-se a ilustração 2 na pag. 48 do segundo capítulo .

|                 |  |     |
|-----------------|--|-----|
| <i>DN</i>       | Breivik condenado à pena máxima de 21 anos de prisão                       | T5P |
| <i>Guardian</i> | Anders Behring Breivik's 21 year jail term closes Norway's darkest chapter | T5I |

Tabela 2. Títulos\*T1P- Texto 1 Português; T1I- Texto 1 Inglês

### 3.2.1 - Os fatores externos e o *skopos*

O tema central das notícias analisadas – os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega – representa características e valores em comum ao contexto português e inglês. Quanto aos valores notícia<sup>32</sup>, constatamos que o tema responde aos seguintes valores:

- A Morte – um dos valores- notícia com mais destaque e importância no mundo jornalístico. O impacto deste valor notícia está amplificado através da identificação do protagonista do acontecimento (Anders Behring Breivik).
- O Inesperado – a brutalidade e o tamanho dos ataques constituíram uma “surpresa” não só para os noruegueses, mas, também, para o mundo inteiro, uma vez que a Noruega era um país conhecido como estável e seguro, com um nível de vida elevado.
- A Novidade – o incomum, pois é muito raro ler/ouvir/ver notícias sobre ataques terroristas nos países nórdicos, mas também é a primeira vez que os ataques terroristas no mundo ocidental têm como propósito a luta contra o Islamismo, a imigração e o multiculturalismo.
- A Visualidade – a presença de fotografias e vídeos é essencial no jornalismo *online*, que tem como objetivo tornar o suporte mais atrativo e usável, mas também faz parte da estrutura do ambiente informacional digital que tem como foco acrescentar informação através de multimedialidade.

O facto de os dois diários terem em comum os valores acima mencionados sugere uma tendência unificadora e globalizante no jornalismo, contudo, não descarta a possibilidade de encontrar pontos de enfoque de carácter cultural ou ligados ao veículo de imprensa que noticia o facto. Para demonstrar ou negar essa tese prosseguimos para a análise propriamente dita dos fatores.

Os fatores externos ao texto, parte do modelo de análise desenvolvido por Nord são: o emissor, a intenção, o recetor, o meio, o lugar, o tempo, o propósito (motivo) e a função textual. Cada fator responde a uma pergunta, na seguinte ordem, Quem? Para quê? Para quem? Por qual meio? Onde? Quando? e Porquê? Respondendo a essas perguntas chegamos a

<sup>32</sup> Veja-se o Segundo Capítulo.

determinar qual é a função textual. Portanto, a função de um texto está influenciada pela situação comunicativa do texto e pela sua situação real de produção e receção.

O Emissor, o primeiro fator situacional do modelo proposto por Nord, permite determinar quem assina as notícias, ou seja, quem é o tradutor do facto. No caso do *The Guardian*, o emissor é facilmente reconhecido, uma vez que todas as notícias são assinadas por jornalistas importantes dentro do diário como Helen Pidd<sup>33</sup>, autora do T3I, editora do *The Guardian*, Mark Townsend<sup>34</sup>, autor do T5I, detentor de vários importantes prémios na área de jornalismo como: *British Environmental Journalist of the Year*; *Press Gazette Specialist of the Year*, *Commission for Race Equality Race in the Media Awards*, entre outros; jornalistas que escrevem para *The Observer*,<sup>35</sup> como Peter Beaumont<sup>36</sup>, autor do T1I, e outros jornalista que trabalham em regime *freelance*.

No caso do *Diário de Notícias*, poucas das peças analisadas são assinadas por jornalistas, outras são assinadas por agências noticiosas como *Lusa*, enquanto a maior parte está assinada por *DN.pt*. Dado que todas as notícias analisadas sobre os ataques de 22 de julho de 2011 aparecem na secção *Globo* de *DN.pt*, concluímos que o diário dispensa jornalistas para cobrirem factos internacionais, recorrendo, antes, à exportação de notícias das agências noticiosas como, por exemplo, AFP (*Agence France Presse*).

Este aspeto permite-nos demonstrar que a tradução aplicada não foi a tradução clássica fiel à letra, mas a tradução como reelaboração do facto, que traz consigo marcas culturais. Este aspeto vai ser tratado com mais pormenor na parte de análise dos Títulos. No que diz respeito ao emissor de *The Guardian*, o facto de cada notícia ser assinada por um jornalista atribui ao texto um tom mais pessoal e característico indicado pelo uso frequente de pronomes pessoais, enquanto nos textos de *DN*, detetamos mais nomes próprios que conferem um tom impessoal e objetivado. Os jornalistas precisam das fontes para construir a notícia. Sabemos que no jornalismo as fontes são portadores de informação. Como já referimos anteriormente as fontes principais de *DN* para o nosso caso são representadas pelas agências noticiosas, enquanto os jornalistas de *The Guardian* citam fontes como os sobreviventes, o primeiro-ministro, agentes da polícia etc.

---

<sup>33</sup> <http://www.Guardian.co.uk/profile/helenpidd>

<sup>34</sup> <http://www.Guardian.co.uk/global/2008/oct/22/mark-townsend>

<sup>35</sup> *The Observer* é conhecido como o irmão do *The Guardian*. O mais antigo jornal de domingo do mundo, foi comprado pelo *The Guardian* em 1993 e pública as suas matérias aos domingos no [observer.Guardian.co.uk](http://observer.guardian.co.uk). Partilha os mesmos escritórios que *The Guardian*.

<http://www.Guardian.co.uk/gnm-archive/2002/jun/06/2>

<sup>36</sup> <http://www.Guardian.co.uk/profile/peterbeaumont>

A pergunta para quê permite-nos perceber qual é a Intenção do emissor. De acordo com Nord (1991:47-48) a Intenção está relacionada com o ponto de vista do Emissor. A este nível, atua a esfera subjetiva do modelo de Esser. No caso do tratamento de fontes internacionais, que funciona como uma tradução do acontecimento, concluímos que há sempre um enfoque dado aos dados, determinado pelo carácter do público leitor e pelo estilo do jornalista e do veículo a que pertence. Após a confrontação dos textos, observamos que a principal Intenção do Emissor é a de informar. Contudo, no caso dos textos assinados por jornalistas de *The Guardian*, observamos que, além do objetivo de informar sobre o desenvolvimento dos acontecimentos relacionados com os ataques de 22 de julho de 2011, existe a intenção de questionar e de investigar mais profundamente os factos, para construir um esqueleto mais complexo da notícia. Por exemplo, enquanto o T8P relata: o resultado da comissão acerca da investigação dos ataques; a crítica direcionada à polícia pela lentidão da resposta; a confissão do Breivik e a data quando a sentença será conhecida; o T8I, além de descrever com detalhe as conclusões do relatório da comissão de investigação, cita as declarações do primeiro-ministro, do especialista em gestão de crises, fala sobre a demissão de vários chefes de departamentos, o que parece a dar mais peso ao conteúdo da notícia, preocupando-se em credibiliza-la com fontes e focalizando aspetos da situação interna da Noruega. Concluímos que a intenção dos jornalistas de *The Guardian* é a de aproximar os leitores da realidade interna na Noruega.

O emissor trata os factos com a intenção de atingir um Recetor. Os dois diários que compõem o *corpus* desta pesquisa pertencem ao ambiente *online*, em que o recetor não está limitado por fronteiras geográficas, porém, o principal recetor é representado pelo público leitor de Portugal e do Reino Unido. O perfil dos leitores pode ser encontrado na secção *audience-profile* no *site* de *Guardian.co.uk* e no *mediakit* de *DN* disponível *online*. Um confronto entre o perfil do público leitor dos dois jornais está apresentado na seguinte tabela:

| <i>DN</i> <sup>37</sup>   | <i>The Guardian</i> <sup>38</sup>   |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• 58% Homens</li> <li>• Classe média baixa (36%)</li> <li>• Está na faixa etária de 25-34</li> <li>• Da região Gr. Lisboa (30%)</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• 56 % Homens</li> <li>• Classe média alta 40 %</li> <li>• Está na faixa etária de 16-34</li> <li>• 71 % tem estudos superiores</li> </ul> |

<sup>37</sup> Os dados foram obtidos através do *Mediakit* do *Diário de Notícias* disponível em <http://www.controlinveste.pt/storage/ng2327303.pdf>

<sup>38</sup> Informação retirada do *site* de *The Guardian* disponível em <http://www.Guardian.co.uk/advertising/advertising-demographic-Guardian-user-profile>

|  |   |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• O Grupo ocupacional principal é representado por empregados de serviços, comerciais e administrativos.</li> <li>• 1,1 milhões de leitores <i>online</i> (2011)</li> <li>• 336 mil leitores que vistam o site uma vez por dia (2011)</li> <li>• 168 mil leitores acedem o site através de <i>smartphones</i> ou <i>tablets</i>.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• 40% tem filhos</li> <li>• Criador de conteúdo digital</li> <li>• Viaja muito</li> <li>• Influyente e com uma boa rede de contactos</li> <li>• Apreciador da arte (música e filme)</li> <li>• Gasta a maior parte do dinheiro <i>online</i></li> <li>• Difícil de alcançar (publico único que é dificilmente atingido por outros sites de noticias qualitativos)</li> </ul> |
|--|---|

**Tabela 3. Dados referentes ao público leitor**

Observamos claramente que *The Guardian* é um jornal segmentado, enquanto o *DN* é um jornal de massas. O facto de o *The Guardian* segmentar o seu público leitor permite que as peças realizadas tenham um tom mais pessoal e voltado mais para o interesse do recetor que sabe o que quer ler e que está sempre à procura de satisfazer o seu interesse pela informação. Quanto ao *DN*, a categorização de jornal de massas está realçada pelo facto de as notícias serem um resumo dos acontecimentos, sem grande aprofundamento, facto demonstrado também pelo número de palavras de cada peça, demonstrado na tabela seguinte:

|                    | <i>DN</i> | <i>The Guardian</i> |
|--------------------|-----------|---------------------|
| <b>Nº palavras</b> | 120       | 969                 |
|                    | 323       | 322                 |
|                    | 216       | 415                 |
|                    | 231       | 606                 |
|                    | 300       | 1149                |

**Tabela 4. Nº palavras por notícia**

O Meio está influenciado pelos dois fatores o Lugar e o Tempo que atuam sobre a produção do texto. O lugar, no caso em análise é Portugal e Reino Unido. A proximidade existente entre o Reino Unido e a Noruega, definida pela contiguidade geográfica e pelo sistema político – ambos países são monarquias constitucionais – influencia a forma como o jornalista-tradutor encara os factos, tratando o acontecimento com um tom mais pessoal, tentando também estabelecer pontes entre o Reino Unido e a Noruega através da inclusão na notícia de citações referentes a Reino Unido como podemos ver no Ex.1.

Ex.1 “Gjorv said the commission had “become fascinated” with the way Britain<sup>39</sup> concentrated much of its counter-terrorism expertise and prevention strategies in the office of the prime minister [...]”<sup>40</sup>

Em relação à data da publicação das notícias, evidenciamos que a notícia do T2P foi publicada 3 dias após a notícia do T2I. Os outros textos apresentam a mesma data de publicação, com a diferença que *The Guardian* indica também a hora da publicação. As semelhanças de teor jornalístico entre os textos explicam-se pelo facto de usarem, provavelmente, fontes de informação relativamente iguais.

Todos os fatores analisados até agora se conjugam para determinar o Propósito, ou com outras palavras, o motivo do texto, no nosso caso do texto jornalístico. O objetivo principal dos textos jornalísticos é de informar, de relatar o facto de forma objetivada, clara, simples e resumida. O Propósito é influenciado pelo Recetor e, de acordo com Lage (2003), os conteúdos devem ser compreensíveis e atraentes e pensados para um público extenso e disperso:

*“O jornalismo procura grau distinto de precisão, determinado pela amplitude de seu público, que é extenso e disperso. O texto jornalístico traduz conhecimento científico em informação jornalística científico-tecnológica, procurando tornar conteúdos da ciência compreensíveis e atraentes. Clareza, simplicidade e compreensibilidade são virtudes que se esperam dos jornais e que os fazem ser lidos mesmo por cientistas, que geralmente nada reclamam quando não se trata de assunto de sua especialidade”. (Lage, 2003:123)*

Observamos a atuação e a influência das 3 esferas, a subjetiva, a social e a institucional, presentes na “Metáfora da Cebola” de Esser, que influenciam a forma como o jornalista percebe, estrutura e lança o texto. Portanto, o Propósito do *DN* e de *The Guardian* é o de informar os seus leitores sobre a forma como a Noruega lidou com os ataques terroristas e de mostrar que o ataques dirigidos por Anders Breivik representam um ponto de exclamação que devia despertar as atenções em relação ao crescente movimento de extrema-direita, ideia fundamentada nos seguintes exemplos:

---

<sup>39</sup> Sublinhado nosso

<sup>40</sup> Tradução proposta: “Gjorv declarou que a comissão ficou fascinada com a maneira de o Reino Unido concentrar a sua perícia e os seus métodos de prevenção na luta contra o terrorismo no gabinete do primeiro - ministro [...]”

Ex1: “O assassino de Utoya advoga uma série de ideias comuns à extrema-direita europeia.”(T2P)

Ex2: “[...] a peça «quer demonstrar que o quadro mental e cultural em que Breivik se movimenta é comum a muitos outros».” (T2P)

Ex3: “Foi um ataque político. Agora temos que nos concentrar para evitar que isto aconteça no futuro.”<sup>41</sup> (T9I)

A Função é o último dos fatores extratextuais que influenciam a produção do texto. É o fator mais importante para onde convergem todos os fatores anteriores. Conforme Nord (1991:70) a função fica completa quando o texto é produzido/recebido (lido) e representa um fator crucial nas análises de texto sob o enfoque da tradução. O nosso *corpus* é formado por textos jornalísticos de gênero - notícias. A principal função do texto jornalístico é de narrar de forma objetivada os acontecimentos de uma certa importância que precisam ser partilhados. São textos informativos, que procuram informar o leitor sem opinião.

As principais funções que podem ser atribuídas aos textos que pertencem ao *DN* e ao *Guardian* são apresentadas a seguir, começando pelo *DN*:

- Referencial – informativa. Informa sobre o nome e a idade do autor dos ataques terroristas de 11 de julho de 2011 na Noruega; o número das vítimas; os resultados do julgamento e outras informações referentes aos ataques de 11 de julho de 2011.
- Apelativa – apela às emoções dos leitores através dos depoimentos das vítimas em relação ao acontecimento.

As principais funções dos textos provenientes de *The Guardian* são:

- Referencial – informativa. Informa sobre o número das vítimas, o nome e o retrato do suspeito dos ataques de 11 de julho de 2011 na Noruega, os resultados das avaliações psiquiátrica, os resultados do julgamento etc.
- Expressiva – emotiva. Desperta certas emoções e reações no público leitor através dos depoimentos de Breivik, especialmente em relação às vítimas e dos relatos das experiências e das emoções dos sobreviventes.
  - Avaliativa – subfunção da categoria da função expressiva, avalia o impacto dos ataques sobre o país (Noruega).

---

<sup>41</sup> “It was a political attack. Now we can focus to avoid this in the future.”



- Apelativa – apela ao conhecimento prévio do leitor; instiga o leitor a questionar-se em relação à segurança pública na Noruega, facto que cria no subconsciente do leitor inglês uma linha de comparação com o próprio país.

Como podemos observar tanto os textos de *DN* como os textos de *The Guardian* apresentam duas funções em comum: a função referencial e a função apelativa. Contudo, temos de sublinhar que um texto pode incluir todas as três funções principais combinadas, mas há sempre uma ou outra função que atua como dominante. Nord (2006:138-139) afirma que normalmente, os textos não têm o propósito de revelar uma única função e que no contexto intercultural é muito importante para o tradutor perceber a função do texto fonte e encontrar formas adequadas para transmitir esta função para a cultura alvo.

### 3.2.2 - Os fatores internos

Os fatores internos ao texto são: tema, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não-verbais, léxico, elementos suprasegmentais e efeito do texto. Segue-se, então, uma breve análise de cada fator discriminado.

O primeiro fator externo estipulado na tabela de Nord é o Tema que tem o objetivo de desvendar o que é proposto pela narrativa. Conforme van Dijk (2005:41) os temas ou os tópicos definidos como “macroestruturas semânticas” são expressos frequentemente nos títulos e nos lead. Polchlopek (2005:92-93) afirma que o fator tema tem uma importância elevada para o jornalista – tradutor e que o mesmo tema que domina o texto inteiro é um indicativo de coerência, revela o contexto cultural de chegada tendo em vista o leitor. De acordo com Nord (1991:86) o tema revela pistas ao tradutor sobre o conteúdo e terminologia do texto e também proporciona informação sobre a função do título e do subtítulo que varia de cultura para cultura. Ao analisarmos os 10 textos em comparação observamos que estes apresentam temas em comum, facto demonstrado na tabela seguinte:

|           |   |
|-----------|---|
| T1P       | O suspeito dos ataques de Oslo Anders Behring Breivik |
| T1I       | Os ataques na Noruega                                 |
| T2P e T2I | O manifesto de Breivik                                |
| T3P e T3I | O resultado da avaliação psiquiátrica                 |
| T4P e T4I | O resultado do relatório da comissão independente     |
| T5P       | O veredito do tribunal de Oslo                        |

|     |   |
|-----|---|
| T5I | O veredito do tribunal de Oslo e o debate sobre multiculturalismo |
|-----|---|

Tabela 5. Tema

Como podemos ver na tabela, os textos 2,3 e 4 tratam do mesmo tema, enquanto os textos 1 e 5 apresentam algumas diferenças, nomeadamente os textos do *The Guardian* que são mais complexos e acrescentam mais detalhe ao tema central.

A seguir analisaremos os fatores Conteúdo e Estruturação em conjunto, uma vez que a estrutura do texto é relevante para a coerência do conteúdo. Nord (1991:90) define o conteúdo como a referência do texto a fenómenos e objetos numa realidade extralinguística<sup>42</sup> e acrescenta que esta referência é expressa através da semântica das estruturas lexicais e gramaticais. A informação contida num texto pode ser factual (baseada na realidade) ou ficcional (que se refere a um mundo inventado pelo autor, separado da realidade do ato comunicativo). (Nord, 1991:93)

O conteúdo do nosso *corpus* revela informação factual, baseada na realidade *imediate* do acontecimento descrito nos textos, que tem como propósito informar e reproduzir as verdades sobre os principais temas abordados pelos jornalistas. Tanto os textos de *DN* como os textos de *The Guardian* são notícias, seguindo a estruturação da pirâmide invertida com títulos e lead declarativos. O corpo da notícia está dividido em parágrafos. Os textos de *DN* têm uma média de 4 parágrafos, enquanto os textos do *The Guardian* apresentam uma média de 15,2 parágrafos, facto que acentua que o *DN* é um diário de massas, generalista que condensa a informação, enquanto *The Guardian* aborda os acontecimentos de uma forma extensa, pormenorizada, pensando no leitor que está interessado em saber todas as faces do assunto. No que diz respeito ao conteúdo, os temas e subtemas abordados são praticamente iguais, com algumas diferenças, nomeadamente no *The Guardian* que inclui subtemas adicionais que completam o tópico principal e oferecem aos leitores um quadro informativo mais amplo, facto demonstrado nos exemplos seguintes:

- [T2P] trata da relação entre os ataques terroristas e a cultura; apresenta as reações perante a decisão do grupo teatral de encenar o Manifesto de Breivik<sup>43</sup>; a opinião do diretor do Café Teatret sobre os ataques na Noruega e sobre o interesse no Manifesto de Breivik.

<sup>42</sup> “The reference of the text to objects and phenomena in an extralinguistic reality” (Nord, 1991:90)

<sup>43</sup> O Manifesto de Breivik conhecido como “2083- An European Declaration of Independence” é um conjunto de ideias que serviu de base para as ações terroristas de Breivik na Noruega. O texto do manifesto pode ser encontrado aqui <http://www.breiviksmanifesto.com/>

- O [T2I] trata todos os subtópicos do [T2P] mais as opiniões de políticos acerca da decisão de encenar o Manifesto.
- [T5P] trata do veredito avançado pelo tribunal de Oslo; a pena; a reação de Breivik; a reação dos noruegueses.
- [T5I] trata do veredito avançado pelo tribunal de Oslo; a pena; o comportamento de Breivik no processo; a reação dos noruegueses; cita opiniões de várias pessoas; fala sobre multiculturalismo, imigração racismo e impacto sobre a Noruega.

Polchlopek (2005:99) afirma que tanto o conteúdo como a estruturação são os fatores que caracterizam o perfil do jornalista e o modo de trabalho nas redações, a forma como a informação foi filtrada para hierarquizar os eventos a serem publicados, tendo em conta fatores como valores notícia, o perfil e o conhecimento prévio dos leitores.

O conhecimento prévio do leitor é caracterizado pelas Pressuposições que representam “o conjunto de conhecimentos culturais tácitos que dão significado ao discurso” (Van Dijk, 2005:171). Quando falamos de notícias temos de ter em conta que o jornalista, visto como o tradutor de factos e culturas pode tomar a decisão de incluir, explicitar ou eliminar certos factos dependendo do perfil do público leitor. Este tipo de ajustamento acontece especialmente quando se noticia eventos estrangeiros, em que os fenómenos e os objetos da cultura fonte diferem dos objetos e dos fenómenos da cultura alvo, sendo necessário, conforme Nord (1991:98) ajustar o nível de explicitação ao conhecimento (pressuposto) do público leitor.

No presente *corpus* as pressuposições referem-se ao facto de o leitor ter acompanhado o caso desde o início e estar familiarizado com certos detalhes do acontecimento, tanto como a familiarização do leitor com certos termos como: radicalismo de extrema-direita, xenofobia, Nazi, esquizofrenia paranoide, marxistas culturais, *Knights Templar*, “traidores de Noruega”. O principal objetivo das pressuposições é de criar uma conexão entre o *background* do leitor e a nova informação captada através do texto lido. Podemos afirmar que o jornalista atua como uma ponte entre culturas da mesma forma como acontece com o tradutor quando transcodifica os textos.

Como já tínhamos referido o *corpus* aqui analisado inclui as versões digitais dos diários *DN* e *The Guardian*. Os Elementos não-verbais presentes nos textos são característicos do webjornalismo, apontando para a multimedialidade e a interatividade que este tipo de

jornalismo oferece. Tanto os textos do *DN* como os textos do *The Guardian* incluem os seguintes elementos não-verbais: fotografias; vídeos; ferramentas como: partilhar por *email*, nas redes sociais; opção imprimir, comentar e contactar o diário; contabilização de visualizações, impressões, comentários e envios. De acordo com Lévy (1999:63), quando a informação é apresentada em mais de um suporte (como por exemplo, texto, imagem e áudio) podemos falar de uma informação multimodal que emprega mais do que um sentido humano. Portanto, “esta estrutura narrativa exige uma maior concentração do utilizador na notícia, mas esse é precisamente o objetivo do webjornalismo: um jornalismo participado por via da interação entre o emissor e o recetor”. (Canavilhas, 1999:4) A multimedialidade está ligada a uma forte interatividade existente no âmbito virtual através das opções de partilha para redes sociais, *email*, espaços para comentários e facilidade com que se pode contactar o jornal. Para Recuero (2009:25) a interatividade é a interação entre as pessoas, a troca social na rede; os nós da rede representam cada indivíduo e as suas conexões e laços sociais que compõem os grupos. Uma vez que na Análise de Discurso vamos analisar as imagens e as legendas, decidimos não as interpretar nesta secção.

Na opinião de Nord (1991:108) os elementos não-verbais ajudam o autor, no nosso caso o jornalista ilustrar, desambiguar, ou até intensificar a mensagem do discurso. Os Elementos suprasegmentais, mesmo sendo uma categoria aparte e diferente complementam os objetivos dos elementos não-verbais. Conforme Nord (1991:80) a função deste fator é de sublinhar ou focalizar algumas partes do texto enquanto abafa as outras. Na tabela seguinte, encontramos uma seleção dos principais elementos suprasegmentais.

| <i>DN</i>                     | <i>The Guardian</i>                                  |
|-------------------------------|--|
| Fonte da letra (maior, menor) | Fonte da letra (maior, menor)                        |
| Negrito                       | Negrito  |
| Cor                           | Cor  |
| Aspas                         | Aspas  |
| Itálico                       | Hiperligações (indicadas pela cor azul das palavras) |
| Parenteses                    | Travessão  |

**Tabela 6. Elementos Suprasegmentais**

Observamos que tanto *DN* como *The Guardian* destacam os títulos sendo escritos em fonte maior com negrito. O objetivo é de enfatizar a mensagem e de captar a atenção dos leitores. As aspas são usadas para citações, como, por exemplo: “A Paradise Island has been

transformed into a hell,” Stoltenberg told news conference on Saturday morning”.<sup>44</sup> [T11] Desta forma o texto torna-se mais credível. As parenteses predominantes no *DN* são usadas para informação adicional ou explicações por exemplo em T4P: “[...] a polícia foi criticada pela sua lentidão (passaram três horas entre o atentado e a detenção) [...] ”. Um aspeto importante detetado no *The Guardian* e no *DN* não, é a presença de hiperligações diretamente no corpo das notícias através das palavras de cor azul, ou seja a hipertextualidade está fortemente presente facilitando a interação dos leitores com a informação.

Outro fator interno evidenciado por Nord é o Léxico, uma categoria bastante ampla, influenciada conforme Nord (1991:112) pelos fatores extratextuais e intratextuais. Crystal e Davy (1969:81) afirmam que, em qualquer texto, as características estilisticamente significativas do léxico refletem os fatores extratextuais da situação em que o texto é usado, tanto como os participantes que o usam para comunicar. Conforme Van Dijk (2005:125) o léxico está influenciado pelo género do discurso, contexto pessoal, contexto social ou contexto sociocultural. A este nível atua a esfera estrutural dos *media* e a esfera subjetiva do modelo de Esser. De acordo com a análise, o vocabulário do corpus é relativamente simples, uso constante de substantivos, nomes próprios, verbos transitivos e linguagem indireta intercalada com linguagem direta. Tanto no *DN* como no *The Guardian* observamos uma ascensão gradual depreciativa em relação ao autor dos ataques, Anders Breivik; - se nas primeiras notícias estava nomeado de “homem armado”, “autor dos ataques”, “autor do massacre”, no T5P e T4I Breivik é chamado, respetivamente, de “assassino” e “terrorista de extrema de direita”.

As escolhas lexicais de *DN* são influenciadas pela natureza de jornal de massas, facto sublinhado também pelo número reduzido das palavras por notícia, e pela intenção de informar o leitor através do resumo dos acontecimentos. Portanto, o campo lexical é mais reduzido do que o campo lexical do *The Guardian*, que usa mais palavras para oferecer uma informação exaustiva. Observamos que *The Guardian* tem uma lexicalização polarizada em relação ao terrorismo acentuada pela associação com o Islamismo, por ex. “Anti-Muslim”, “islamic terror”, “Islam”, “invasion of muslims”. Detetamos um total de sete palavras com a raiz “terror” nos textos de *The Guardian*, enquanto no *DN* detetamos só duas. *DN* apela aos eufemismos como “xenofobia” em vez de racismo, “atentado bombista” e “ataques” em vez de “ataques terroristas”, tentando desta forma suavizar o discurso para não chocar o leitor.

---

<sup>44</sup> “A ilha paradisíaca foi transformada num inferno”, disse Stoltenberg na conferência de imprensa no sábado de manhã.

O último fator interno do modelo de Nord é o Efeito do texto sobre o leitor, ou seja, sobre o recetor. Segundo a autora “o efeito que um texto exerce sobre o recetor é o resultado (provisório ou definitivo) do processo de comunicação”. (Nord, 1991:130) Os fatores externos e os fatores internos influenciam-se reciprocamente, mas, em dependência do tipo do texto e da mensagem que se quer transmitir, algum dos fatores pode pesar mais no efeito do texto. Enquanto *DN* cumpre o seu papel de informar e satisfazer a curiosidade do leitor em relação aos acontecimentos, *The Guardian* vai mais longe e desperta sentimentos de solidariedade através das várias declarações das vítimas inseridas no corpo das notícias e mostra o Anders Breivik como o “monstro” responsável pelas “cenas de horror e pânico”, pelo “caos total”, e pelo “capítulo mais negro da história recente da Noruega”.

Ao finalizar esta primeira parte da análise do *corpus*, apresentamos uns exemplos de *marcas culturais*, ou seja, indicadores da cultura e da língua em que foi escrito o texto, no nosso caso, da cultura portuguesa e inglesa.

|  |   |
|--|---|
| T1P  | T1I   |
| “Além da estação de televisão, outros meios de comunicação social noruegueses divulgaram fotografias do suspeito, <u>um loiro de olhos azuis, de 32 anos [...]</u> ” | “The killings, it now seems clear, were carried out by <u>a 32-year old Norwegian, named by local media as Andres Behring Breivik</u> ”   |
| T2P  | T2I   |
| “Neste dia, Breivik <u>fez explodir</u> uma bomba [...]”   | “On 22 July 2011, Breivik <u>set off</u> a car bomb [...]”  |
| T3P  | T3I   |
| “[...] <u>é criminalmente responsável</u> , concluiu uma nova avaliação psiquiátrica divulgada hoje ”  | “[...] <u>is not criminally insane</u> , according to a psychiatric assessment issued on Tuesday which contradicts an earlier assessment.”  |
| T4P  | T4I   |
|  | “Gjorv said the commission had ‘become fascinated’ with <u>the way Britain concentrated much of its counter-terrorism expertise and prevention strategies in the office of the prime minister [...]</u> ” |
| T5P  | T5I   |
| “O tribunal de Oslo decidiu assim que Breivik <u>teve plena consciência</u> do massacre [...]”   | “An Oslo court found that Breivik, whose twin assault killed 77 people, <u>was sane</u> [...]”<br>“In a final <u>parting shot</u> , clearly designed to offend, Breivik [...]”                            |

Tabela 7. Marcas Culturais

Observamos que os textos de *The Guardian* apresentam mais marcas culturais do que os textos de *DN*. Isto reforça outra vez a ideia que *The Guardian* é um jornal orientado para um determinado público leitor e que tende oferecer um discurso com um toque mais pessoal, onde as escolhas do jornalista influenciam diretamente o efeito do texto e a forma como o receptor percebe a informação. Em relação ao primeiro par de textos [T1P]/ [T1I], a marca cultural ressalta a presença do estereótipo da pessoa nórdica: loira, de olhos azuis. No segundo par de textos [T2P/T2I] a marca cultural está presente através do uso do *phrasal verb* “*set off*”, uma vez que os *phrasal verbs* são característicos da língua inglesa. Nos textos [T3P/T3I] observamos a oposição das culturas marcada pelo uso da afirmação no texto português e o uso da negação no texto inglês. Chamamos a atenção para o par [T4P/T4I] onde detetamos a marca cultural só no texto em inglês que faz referência a Grã-Bretanha e a sua luta contra o terrorismo, aproximando desta forma o leitor inglês da realidade da Noruega. O jornalista atua como uma ponte entre culturas. Nos últimos dois textos, [T5P/T5I], a forma diferente de expressar a mesma ideia aponta outra vez para o facto que todo texto está influenciado pelas escolhas lexicais e indica a presença da esfera subjetiva de Esser. O texto inglês está também marcado culturalmente pelo uso da expressão idiomática “*parting shot*”- o jornalista insere subtilmente uma remarca irónica dentro do texto, uma vez que “*parting shot*” é uma expressão metafórica que faz alusão ao tiro das armas.

Evidenciamos que os fatores externos e internos ao texto representam também uma marca cultural, uma vez que o jornalista percorre o caminho do emissor até ao efeito do texto para transmitir ao receptor a informação “filtrada” através da sua bagagem de conhecimentos, da sua visão do mundo, do seu domínio da língua que posteriormente influencia as escolhas lexicais.

### **3.3 - Análise do discurso**

Nesta parte da análise *do corpus* vamos recorrer à análise do discurso que é um tipo de análise textual que estuda a relação existente entre o sentido e a linguagem, bem como o impacto desta relação sobre a sociedade. De acordo com Fairclough (1992:63-64) o discurso é um modo de ação e um modo de representação que tem uma relação dialética com a estrutura social. Nogueira (2001:22) conclui que “a Análise do Discurso implica, simultaneamente,

modos conceptuais de pensar o Discurso e de tratar os dados do Discurso”, deste modo, a Análise do Discurso é uma alternativa às perspectivas tradicionais da metodologia, mas também uma alternativa às concepções em que essas perspectivas metodológicas assentam. (Wood e Kroeger *apud* Nogueira, 2001:22) Há vários tipos e métodos de realizar a análise de discurso, no entanto, na presente dissertação, aplicaremos a Análise Crítica do Discurso. Conforme Wood e Kroeger *apud* Nogueira (2001:27), a Análise Crítica de Discurso procura padrões dentro de contextos mais amplos, associados a questões da sociedade ou com a cultura. As principais influências são representadas pelas perspectivas provenientes do estruturalismo e pós-estruturalismo francês e dos trabalhos de Foucault que se preocupou, essencialmente, com as relações entre poder e conhecimento. A ACD procura não só descrever as estruturas linguísticas usadas no discurso, mas também explicar que essas escolhas são contextualmente condicionadas (contexto político, social e cultural), bem como mostrar que elas representam a ideologia dos emissores e influenciam as identidades entre os emissores e os recetores.

Fairclough e Wodak (*apud* van Dijk, 2005:20) resumiam os postulados principais da Análise Crítica do Discurso de seguinte modo:

- a ACD trabalha os problemas sociais;
- as relações de poder são discursivas;
- o discurso constitui a sociedade e a cultura;
- o discurso tem um funcionamento ideológico;
- o elo de ligação entre texto e sociedade é *mediado*;
- a análise do discurso é interpretativa e explicativa;
- o discurso é uma forma de ação social.

Portanto, tendo em conta os postulados principais da ACD e o pressuposto que o jornalista atua no seu trabalho como um tradutor de factos, bem como uma ponte entre culturas, procuramos analisar as estruturas mais significativas, ao nosso ver, das notícias que são: os títulos e os leads, as fotografias e as legendas.

O principal objetivo da presente análise é de verificar se realmente o jornalista atua como um tradutor de factos e culturas e determinar que marcas culturais estão presentes no seu discurso.



### 3.3.1 - Enunciados em análise

Dada a complexidade das estruturas textuais e das notícias em particular decidimos restringir a nossa análise a títulos e *lead*, macroproposições, fotografias e legendas. O Título e o *Lead* formam o cabeçalho da notícia que, segundo van Dijk (1985: 86-87), é o ponto de cruzamento de super e de macroestrutura e que representa o sumário do discurso da notícia. O mesmo autor, sublinha que os tópicos do discurso, definidos como “macroestruturas semânticas”, têm um papel importante na comunicação, representando “aquilo sobre que versa o discurso, globalmente falando, e explicam a coerência global do texto e da fala.” (van Dijk, 2005:41) Os tópicos estão presentes nos títulos que têm o papel de anunciar os textos jornalísticos que encabeçam e de cativar o leitor. Os títulos são diretamente ligados ao *lead*, uma vez que condensam a informação incluída no lead que normalmente dá o tom da notícia. Precisamente no lead está descrita a informação mais importante que a notícia pretende dar ao leitor. Em relação ao *layout* gráfico, os Títulos e o *Lead* são publicados “em cima”, “no início”, impressos em letras grandes em negrito, mas estas regras de apresentação podem diferenciar de cultura para cultura e de periódico para periódico, acrescenta Van Dijk (1985: 86-87).

As Fotografias e as Legendas constituem o paratexto<sup>45</sup> - elemento fundamental para a notícia no âmbito *on-line*. Dalmonte comenta que “conforme a etimologia de origem, tal prefixo (para-) indica: algo que se coloca perto de, ao lado de; a ação de receber ou apanhar qualquer coisa das mãos de alguém. Pode ser usado para exprimir a ideia de tempo, duração. Algo que acontece paralelamente a outra coisa. Ao compor a nova palavra, sinaliza uma organização textual que se coloca ao lado de uma outra, com a qual mantém uma relação direta; não de dependência, mas de continuidade.” (2009:115) Genette (1987:7) considera que os elementos do paratexto exercem uma dupla ação sobre o texto: envolvem-no e prolongam-no. Pavlik *apud* Dalmonte (2009:126) ressalta que os novos meios de comunicação reconfiguram as técnicas narrativas, oferecendo à audiência uma cobertura informativa mais contextualizada, por meio da qual o leitor pode navegar. As imagens, os vídeos, as legendas, o texto representam modalidades comunicacionais interativas que atraem o leitor e oferecem a possibilidade de participação através de comentários, *links* etc.

---

<sup>45</sup> A palavra paratexto é composta com o auxílio do prefixo grego *para*, designando uma modificação da palavra *texto* (Bailly *apud* Dalmonte, 2009:115).

Para a análise dos enunciados aqui descritos recorreremos as seguintes ferramentas de análise: léxico, atores, processos e retórica. Segundo van Dijk (1997:105-168) “a seleção dos significados das palavras – feita através da lexicalização – é provavelmente, a dimensão primordial de um discurso controlado por ideologias.” Bakhtin *apud* Mazutti (2011:16) sublinha que “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” e a palavra – a base do léxico- é composta por signos, portanto recorrendo à palavra e à análise da palavra podemos determinar a presença das ideologias, dos códigos e das marcas culturais. Ao nível de léxico vamos analisar os substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, e observar se apresentam um tom positivo ou negativo. O resultado desta análise fica completo só quando é cruzado com a análise dos atores, dos processos e da retórica.

A análise dos atores sociais tem por base a proposta teórico-metodológica de van Leeuwen (1997) que propõe uma classificação dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados no discurso e que tipo de escolhas lexicais nos apresenta a língua para nos referirmos a certas situações e pessoas. De acordo com o mesmo autor, as categorias propostas devem ser vistas como pan-semióticas, uma vez que cada cultura tem a sua própria forma de representar o mundo social, bem como as próprias formas de representar as diferentes semióticas. (van Leeuwen, 1997:171) De acordo com van Dijk (2005:56) “os atores representam categorias constituintes das situações sociais e desempenham vários papéis comunicativos. Pretendemos perceber se os atores sociais ocupam posições tópicas, se são agentes ou pacientes nos processos, se são inclusivos ou excludentes. Desta forma é possível perceber como as notícias constroem identidades através do discurso e como influenciam o leitor a perceber o mundo social de uma determinada forma.

Segundo Chafe (1979) e Borba (1996) *apud* da Silva et al (2010:3), os verbos podem ter quatro classificações sintático-semânticas: ação, processo, ação-processo e estado. Os verbos de processo, foco deste trabalho, são aqueles que expressam um ou mais eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. Pode ser, ainda, que o sujeito de um verbo de processo desempenhe o papel semântico de beneficiário. Há enunciados em que o verbo de processo apresenta um segundo argumento, que sintaticamente funciona como objeto direto. Os verbos de processo podem ser divididos nas seguintes categorias: processos materiais, processos mentais, processos verbais e processos relacionais. Os processos materiais dizem respeito a verbos de ação, ao mundo físico. Os processos mentais referem-se a verbos de cognição e percepção e de sentimento. Os processos verbais, por sua vez, são realizados por

verbos que indicam fala. Os processos relacionais são representados por verbos de ligação que estabelecem atributos, identificação e/ou posse entre duas entidades.

A retórica define o estilo do texto que conforme van Dijk (2005:68) é “o resultado textual das escolhas entre modos alternativos de dizer mais ou menos a mesma coisa usando palavras diferentes ou uma estrutura sintática diferente.” O mesmo autor sublinha que as escolhas estilísticas, no nosso caso as figuras de retórica, carregam marcas sociais e ideológicas uma vez que assinalam frequentemente as opiniões do jornalista sobre os atores da notícia e mostram a dimensão cultural da linguagem das notícias.

### **3.3.2 - Títulos e lead**

Começamos a discussão da análise pelos textos que pertencem ao *DN*. Para percebermos quem é o sujeito do discurso que nos é dado pelo *DN*, devemos responder às seguintes perguntas: Quem fala? A quem fala? Por que fala? Como fala? Quem ouve? No nosso caso notamos que só duas notícias são assinadas por jornalistas, respetivamente T4P e T5P, enquanto o T1P e o T3P têm como identificação [por Lusa] e o T2P [por *DN.pt*]. Ou seja, só nas últimas duas notícias conseguimos identificar o sujeito, enquanto nos outros o sujeito é representado pela agência noticiosa. Este facto remete para a ideia de o veículo da comunicação social ter uma voz mais forte e no mesmo tempo mais anónima. Esta anonimidade do sujeito que cita fontes e que fala para um leitor “sem opinião” remete para a alegoria Lusa/*DN.pt* = voz informativa da nação portuguesa/ o grande jornalista de Portugal. A quem fala? Fala para o público geral, uma vez que o Diário de Notícias é categorizado como um jornal de massas, realçado pelo facto de as notícias serem um resumo dos acontecimentos, sem grande aprofundamento, demonstrado também pelo número de palavras de cada peça. Por que se fala? O conteúdo oferecido pelo discurso é de carácter informativo, trata-se de dizer aos leitores O que se passou? Por que motivos? Como? Por quem? E quais são as consequências.

Os 5 títulos analisados apresentam um padrão comum – a predominância da nominalização e da voz passiva. Os títulos são declarativos, claros e diretos, resumem a informação do lead e do corpo da notícia. Como podemos observar dos seguintes exemplos: “Suspeito dos ataques de Oslo identificado [...]”, “Breivik considerado[...]”, “Breivik condenado[...]”, optou-se pela elipse do verbo “ser” para tornar o título mais condensado e

apelativo, facilitando a ativação na memória do leitor do conhecimento necessário para a receção da nova informação.

Curiosamente, o principal ator dos textos do *corpus*, Anders Behring Breivik, aparece na posição tópica só no T3P e no T5P. Não tendo voz própria, Anders Behring Breivik, é representado através da nomeação semiformal (nome próprio completo ou incompleto “Breivik”). Outros atores presentes estão identificados através da indeterminação, ou seja, não são devidamente especificados dentro do discurso, ficando anónimos para os leitores, como por exemplo “77 pessoas”; “um grupo de teatro da capital da Dinamarca”; “uma comissão independente”. A voz dos especialistas predomina no discurso, como podemos ver dos seguintes exemplo: “[...] televisão pública da Noruega [...]”; “[...] concluiu uma nova avaliação psiquiátrica hoje[...]”; “[...] relatório diz [...]”; “[...] uma comissão independente [...] criticou hoje [...]”. Os especialistas tornaram-se uma presença constante nos *media*, tendo-se constituído como uma grande voz de autoridade – quase todos os temas são cobertos por um número extremamente limitado de especialistas que aparecem e reaparecem. Sobretudo nos assuntos de política externa, um leque bastante reduzido de especialistas do tema e de segurança cobrem grande parte do terreno. (Ginneken *apud* Pereira, 2005:147)

Como fala? Sabemos que no mundo contemporâneo, as ameaças terroristas são notícias recorrentes na imprensa, “para a maior visualização do terrorismo mundial, os *media* exercem um papel fundamental. Mas é evidente que também cria um sensacionalismo em torno dos terroristas [...] ” (Silva, 2005:398-399). Detetamos que, as escolhas lexicais, exemplificadas na tabela Léxico Disfórico, criam o tom negativo, facto intimamente ligado a questão do terrorismo, uma vez que os ataques na Noruega – tema central dos textos do *corpus*, forma classificados como terroristas.

|              |   |
|--------------|---|
| Substantivos | Ataques, atentado, tiroteio, morte, massacre, psicose, bombista, crimes, pena, prisão, cadeia |
| Verbos       | Sofre, criticou, evitado  |
| Advérbios    | Criminalmente, não  |
| Adjetivos    | Psiquiátrica, travado, evitados, condenado, alta (segurança).                                 |

**Tabela 8. Léxico disfórico no DN**

Os topónimos, presentes sempre no lead, situam a “ação” no mapa geográfico do mundo, ativando na memória do leitor o conhecimento necessário para um melhor processamento da nova informação. A presença da aposição no lead, como podemos ver nos

exemplos a seguir, tem o objetivo de transmitir uma informação exaustiva para os leitores, uma vez que o tema principal das notícias gira em volta de um acontecimento externo publicado na secção *Globo* do diário.

[T1P] “A NRK, *televisão pública da Noruega* [...]”;

[T2P] “Um grupo de teatro da capital da Dinamarca, *Copenhaga* [...]”;

[T3P] “O autor dos ataques de julho de 2011 na Noruega, *Anders Behring Breivik* [...]”.

Em relação aos processos, enumerados na Tabela 9. Processos *DN*, observamos a predominância dos processos verbais, facto que remete para o papel de intermediador exercitado pelo *DN*. Ou seja, os jornalistas atuam como ponto de ligação entre a fonte original que produziu a notícia e o leitor, construindo o discurso através da voz passiva. Este facto prova um dos postulados da ACD que afirma que existe uma *mediação* entre o texto e a sociedade, que neste caso é o veículo de comunicação social, o *DN*, através da voz dos jornalistas.

A conclusão é que os textos de *DN* do presente *corpus* não são originais, não são fruto de uma investigação própria, mas de uma consulta das agências noticiosas, ou de veículos de comunicação estrangeiros, como podemos observar do [T1P]: “*A NRK, televisão pública da Noruega, identificou hoje como Anders Behring Breivik o suspeito do atentado bombista e do tiroteio de sexta-feira em Oslo que provocou a morte a, pelo menos 17 pessoas.*” Se no caso do T1P há a indicação de uma tradução direta ou indireta (através da citação da televisão pública da Noruega), nos outros quatro textos não encontramos marcas nítidas de tradução, mas podemos pressupor que se trata de tradução, seja da língua inglesa, francesa (T4P - notícia assinada por Leonor M. Ferreira com AFP) ou norueguesa.

| <b>Tipo de Processo</b> | <b>Verbo</b>  |
|-------------------------|---|
| Material                | Provocou, encenar                                     |
| Mental                  | Sofre, podiam, cumprir                                |
| Verbal                  | Concluiu, diz, criticou, afirma, avançou, identificou |
| Relacional              | É, ter, foi, ser (x2)                                 |

**Tabela 9. Processos *DN***

Continuamos a análise com os textos de *The Guardian*. Observamos que todas as notícias do presente *corpus*, pertencentes ao *Guardian* são assinadas por jornalistas, portanto o sujeito, ou quem fala é o jornalista devidamente identificado. Perguntamo-nos qual é o

papel que o sujeito assume ao elaborar o seu discurso de uma dada forma? Do jornalista - intermediário entre o acontecimento e o leitor? Do crítico social neutro? São perguntas que remetem ao que não foi dito diretamente no discurso. A quem fala? Fala para um determinado setor do público leitor, uma vez que *The Guardian* segmenta o público, como podemos ver da Tabela 3. *Dados referentes ao público leitor*. O facto de o *The Guardian* segmentar o seu público leitor permite que as peças sejam voltadas mais para o interesse do recetor que sabe o que quer ler e que está sempre à procura de satisfazer o seu interesse pela informação.

Por que se fala? O conteúdo oferecido pelo discurso é de caráter informativo, trata-se de dizer aos leitores O que se passou? Por que motivos? Como? Por quem? E quais são as consequências, mas também desperta outros temas, como por exemplo o debate sobre multiculturalismo [T5I] “Calls for a debate on multiculturalism [...]”, sobre o extremismo de direita, colado sempre ao nome do sujeito passivo Anders Behring Breivik: “rightwinger”; “Norwegian extremist”; “far right extremist”.

Os 5 títulos analisados apresentam um padrão comum – são títulos verbais/oracionais. Quanto aos títulos, van Dijk chama a atenção para a importância das escolhas lexicais “quando uma palavra é escolhida em detrimento de outra, para expressar quase a mesma coisa [...], o escritor está indicando as suas opiniões, posições políticas ou sociais e não apenas sumarizar o evento”. (Van Dijk *apud* Travassos, 2003:66). Os títulos são declarativos, claros e diretos.

Relativamente aos atores sociais, que representam, conforme van Dijk (2005), categorias constituintes das situações sociais como parte das situações comunicativas observamos que Anders Behring Breivik aparece como ator passivo, sem voz própria, ocupa posição tópica só no T4I e no T5I. É representado através da nomeação semiformal, através do nome próprio completo, também aparece determinado através da identificação disfórica [T2I] “Norwegian mass murderer”, [T3I] “suspect”, “rightwing extremist” e através do pronome relativo “who”. Outros atores presentes estão identificados através da indeterminação, ou seja, não são devidamente especificados dentro do discurso, ficando anónimos para os leitores, como por exemplo “police”; “relatives of victims”; “Café Teatret”; “authorities”; “intelligent services”. A voz dos especialistas também é ouvida, como podemos ver dos seguintes exemplo: “[...] police name[...]”; “[...] according to na psychiatric assesment [...]”; “[...]Norway government comission [...]”; “[...] judges [...]”.

Como falam? Como podemos observar da Tabela 8. Léxico Disfórico *The Guardian*, predominam os substantivos negativos que criam o tom do discurso, neste caso o tom negativo. O léxico corresponde ao tema do Terrorismo e é importante referir que todos os substantivos negativos se atribuem ao Anders Behring Breivik, a ideologia presente nesta específica escolha lexical classifica Anders Behring Breivik como o inimigo da Noruega, tanto como o causador que desperta questões vastas como o multiculturalismo, como podemos ver do superlead do [T5I]: “*Calls for debate on multiculturalismo as far right extremist is sentenced for killing 77 in twin attacks on Utoya island and Oslo.*”

|              |   |
|--------------|---|
| Substantivos | Massacre, atrocities, attacks, gunman, mass murderer, victims, rightwing extremist, terrorist, bomb, rampage, terror charges, prison, gun, blunders, jail term, judges, sentence, court, assaults |
| Verbos       | Bombing, died, criticized, killing, shooting, sentenced, perpetrated, killed  |
| Advérbios    | Indefinitely, not   |
| Adjetivos    | Worst, psychotic, criminally insane, psychiatric, darkest, harrowing  |

Tabela 10. Léxico disfórico *The Guardian*

Em relação aos processos, enumerados na Tabela 11. Processos *The Guardian*, observamos a predominância dos processos materiais, ou seja, o discurso está virado para a ação, para o mundo físico, para o resultado. Observamos que os jornalistas de *The Guardian* implicam no discurso o sentido conotativo das palavras. A metáfora “*Norway’s darkest chapter*” descreve a forma como foi visto o acontecimento e o impacto que teve sobre a sociedade Norueguesa ou a maneira como se desejou transmitir para o leitor. A perífrase “*Norway government commission concludes authorities could have prevented or at least interrupted bomb and gun killings [...]*” remete para a ineficiência das autoridades e para a falta de preparação para uma reação rápida em situação de crise, neste caso de ataque terrorista. Este momento é usado para fazer uma crítica no endereço das forças que deveriam proteger e assegurar a segurança dos cidadãos. Neste caso o jornalista não é um simples mediador entre o acontecimento e o leitor, pelo contrário, atua como um crítico da sociedade.

Uma marca cultural-linguística é a presença de *Idioms* (expressões idiomáticas) como: “*coming to terms with*”, “*come to a close*”; “*read out*”, “*confess to*” e *Phrasal Verbs* como: “*cal for*”, “*to go on*”. Tanto a referente marca cultural e linguística como as figuras de estilo acima analisadas fazem parte do estilo empregado pelo jornalista. De acordo com van Dijk

(2005:68) “o estilo é o resultado textual de escolhas entre modos alternativos de dizer mais ou menos a mesma coisa usando palavras diferentes ou uma estrutura sintática diferente.” O mesmo autor afirma que essas escolhas estilísticas também têm implicações sociais e ideológicas, uma vez que frequentemente indicam a opinião do jornalista sobre os atores da notícia.

| <b>Tipo de Processo</b> | <b>Verbo</b>   |
|-------------------------|--|
| Material                | Died, to perform, to stage, comes, to go, serve, halted, prevented, interrupted, killed, made, closes, delivered, spend, perpetrated, found, |
| Mental                  | To see, wanted   |
| Verbal                  | To name, revealed, adapts, confessed, contradicts, suggests, concludes, sentenced, read  |
| Relacional              | Is, was  |

**Tabela 11. Processos *The Guardian***

Os topónimos, presentes tanto nos títulos como nos lead são específicos e de maior precisam, o jornalista preocupa-se em acentuar que os ataques aconteceram na Noruega, em Oslo e na ilha de Utoya. Estes três topónimos repetem-se treze vezes dentro dos títulos e lead das cinco notícias.

Como conclusão referimos que *DN* atua como uma voz informativa e como uma ponte de ligação entre o texto e o leitor, traduzindo a informação e a realidade de uma cultura estrangeira para o leitor português, enquanto *The Guardian* vocifera a sua posição através dos jornalistas devidamente identificados que têm o papel de intermediários e críticos da sociedade. Tanto no *DN* como no *The Guardian* predomina o tom negativo, contudo as escolhas lexicais identificadas no *The Guardian* são mais técnicas, mais apropriadas para o tema do Terrorismo. Em relação aos títulos, nos dois diários persiste a voz passiva; os títulos de *DN* são nominais, enquanto do *The Guardian* são verbais. A passivização é também característica para o principal ator social, Anders Behring Breivik, sem voz própria, apresentado como paciente. A presença de *Idioms* e *Phrasal Verbs* indicam uma marca linguística da cultura inglesa.



### 3.3.3 - Macroproposições

De acordo com o autor van Dijk (2005:65) a narrativa das notícias consiste de macroproposições ou tópicos. Dentro do mesmo discurso podemos encontrar vários tópicos ou temas que são formulados através de macro regras, tal como a redução, a generalização e a construção. Os tópicos sumarizam a informação complexa do texto permitindo aos utentes da linguagem perceber globalmente o texto. Na tabela seguinte apresentamos as principais macroproposições presentes nos dois diários.

| <b>Macroproposições<br/>Diário de Notícias</b>   | <b>Macroproposições<br/><i>The Guardian</i></b>  |
|--|--|
| Anders Behring Breivik é identificado como suspeito dos ataques de Oslo que provocaram a morte de 17 pessoas                             | Anders Behring Breivik é identificado como suspeito dos ataques na Noruega que provocaram a morte de 92 pessoas.                     |
| Breivik é identificado como o autor dos ataques de Oslo e Utoya.<br>Breivik escreveu um manifesto que se vai tornar numa peça de teatro. | Café Teatret transforma o manifesto de Breivik numa peça de teatro.  |
| Breivik é declarado criminalmente responsável.   | Anders Behring Breivik foi suposto a uma avaliação psiquiátrica.<br>Breivik é declarado são.   |
| A polícia foi considerada ineficiente no seu trabalho.   | As autoridades podiam ter previsto os ataques.   |
| Breivik foi condenado a 21 anos de prisão.   | Os ataques de 22 de julho de 2011 foram os mais graves da história recente da Noruega.<br>Breivik foi condenado a 21 anos de prisão. |

Tabela 12. Macroproposições

Numa redução ainda maior podemos generalizar estas macroproposições numa macroproposição global, de nível mais alto:

Anders Behring Breivik, o autor dos ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega, foi condenado a 21 anos de prisão.

Portanto observamos que a informação mais importante, que pode ser considerada como o desfecho da narrativa, está incorporada no título e no lead da notícia com o número 5 dos dois diários. O acompanhamento dos acontecimentos realizado pelos dois diários parece corresponder ao que Adam *apud* Silva (2007:54) considere de construção narrativa, isto é, a presença da intriga que venha perturbar uma situação inicial chamada também de introdução, provocar um processo de ações, novos contornos da história que, posteriormente levem a resolução do problema e, por fim, a conclusão, que pode ser positiva ou negativa. Observando as macroproposições, deduzimos que a situação inicial/introdução é a identificação do suspeito dos ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega, na pessoa de Anders Behring Breivik. A intriga, ao nosso ver está presente na notícia com o número 3 dos dois diários, onde descobrimos que o ator, Anders Behring Breivik foi submetido a uma avaliação psiquiátrica e que foi declarado são, portanto, criminalmente responsável. Seguem outros contornos da história, como a conclusão que os ataques podiam ter sido previstos se a polícia tivesse sido mais eficiente. E, finalmente, a resolução do problema, Anders Behring Breivik recebe a sentença de 21 anos de prisão. A conclusão é positiva, reforçada pelo sintagma do [T5I]: “... the verdict that he (Anders Behring Breivik) and most Norwegians had wanted.”

De acordo com o Dicionário de Narratologia a noção de macroestrutura justifica-se

*“do ponto de vista cognitivo, nomeadamente se tiver em conta o processo de produção e compreensão textuais: um texto resulta de uma programação complexa que reflete uma determinada intenção comunicativa e uma estratégia global de atuação; a compreensão de um texto pressupõe que se possam reduzir e organizar na memória grandes quantidades de informação, já que o leitor não consegue fixar todas as palavras e frases desse mesmo texto...”* (Reis, 2011:230)

Concluimos que as macroproposições convergem para formar uma macro narrativa que facilita a compreensão e a memorização dos factos para os leitores.

### **3.3.4 - Imagens e legendas**

Como tínhamos referido na parte introdutória desta análise, as fotografias e as legendas constituem o paratexto - elemento fundamental para a notícia no âmbito *on-line*. De

acordo com Sousa há determinados elementos que garantem o sentido informativo das imagens. Tais elementos são:

*“os textos que dão sentido à imagem, a pose, a presença de determinados objetos na fotografia, a utilização de várias imagens, a legenda usada. Outros recursos elementares da linguagem fotográfica merecem ser considerados, como a relação de espaço e tempo, a utilização de planos e profundidade de campo, a sensação de movimento na fotografia, etc.”*  
(2002:17)

Comparando o paratexto dos dois diários, observamos que o *DN* emprega menos visualidade, de cinco notícias só três apresentaram alguma fotografia, com a indicação da fonte (Reuters), mas sem legendas, enquanto *The Guardian* insere legendas que sumarizam, não só a imagem mas também alguns factos da notícia. As fontes das fotografias do *Guardian* são diversas, tal como Getty Images, Rex Features e Reuters. Uma notícia vem acompanhada de um vídeo, mas sem ter uma relação direta com os acontecimentos, no vídeo aparece a jornalista, na sede de *DN*, a falar sobre o conteúdo da notícia.

*The Guardian*, pelo contrário, mostra-se mais rico em material visual: quatro notícias estão acompanhadas de fotografias e uma notícia tem um breve vídeo que apresenta Anders Behring Breivik, algemado, a entrar na sala de audiências, tal como os dois advogados (um de sexo feminino e outro de sexo masculino) a falar sobre o seu cliente. O vídeo está acompanhado de legendas em Inglês, facto que atesta que se trata de um trabalho de tradução no ambiente jornalístico. Portanto, a informação, caso se trata da situação em que *Guardian* trabalha com tradutores, passa por dois filtros: o tradutor e o jornalista, ou por um único filtro: o jornalista; seja como for, podemos afirmar que o jornalista atua como um tradutor de factos e culturas.

As fotografias de *DN* focam Anders Behring Breivik, em primeiro plano, de cara sorridente, vestido de fato e gravata. Num segundo plano, desfocado podemos observar a uniforme de polícia que sugere o triunfo da justiça (o criminoso foi preso e está a ser julgado, encontrando-se separado dos bons cidadãos). Ao mesmo tempo, as imagens caracterizam o sujeito das fotografias como uma pessoa sem escrúpulos, sem remorsos, preocupado com a sua aparência física. Na imagem do [T2P], Breivik aparece vestido de vermelho, uma cor simbólica que parece representar o sangue derramado pelas suas mãos. As fotografias têm como objetivo enfatizar a tragicidade dos acontecimentos.

As imagens que acompanham as notícias do *Guardian* são mais variadas em conteúdo, por exemplo no [T1I] na fotografia são representados os polícias a beira de um rio. A imagem do [T2I] aparece tirada por uma câmara de vigilância, mostrando uma pessoa vestida de polícia (com capacete). Nas restantes imagens, Anders Behring Breivik aparece no primeiro plano, despreocupado, endireitando a gravata ou fazendo a saudação da extrema-direita. Achamos importante sublinhar que as imagens só ganham poder e significado junto do discurso da notícia, ou seja contextualizadas, uma vez que para quem desconhece quem é Anders Behring Breivik e quais as suas ações, é impossível perceber o verdadeiro sentido e poder das imagens, que à primeira leitura mostram um homem contente, sorridente, aparentemente inocente. Segundo Barthes (1961), um sétimo processo de significação reside na associação entre fotografia e texto. O texto, quando combinado com a fotografia, tende a ancorá-la a um determinado sentido. Só inseridas no contexto as fotografias carregam-se de simbolismo e mensagem. A contextualização contribui também para a definição do género da fotografia. Sousa (2002) exemplifica: “uma fotografia de notícias, se for individualmente considerada, poderá ser (ou parecer) um retrato ou uma *feature photo*. Mas, devidamente contextualizada, será sempre uma fotografia de notícias em geral. (Sousa, 2002:110).

Podemos concluir que as fotografias e as legendas possuem sentido ideológico só quando inseridas num contexto, acompanhadas por um texto informativo e factual. No caso do presente *corpus*, as escolhas fotográficas dos jornalistas denotam o propósito de relatar a verdadeira dimensão trágica dos acontecimentos através de imagens contrastantes com a natureza dos crimes da autoria de Anders Behring Breivik. Despertando desta forma, indignação e choque nos leitores, aumentando o impacto sobre a sociedade.

## 4 – CONCLUSÕES

A elaboração deste trabalho, tanto na sua faceta teórica como na empírica, foi orientada pela preocupação de averiguar que marcas culturais aparecem nos textos jornalísticos que tratam acontecimentos do âmbito internacional. Para cumprir esse objetivo, foi seguido um modelo de análise que se fundamentou num conjunto de conceitos extraídos da revisão teórica, na aplicação do modelo funcionalista elaborado por C. Nord para a tradução e do modelo funcionalista de F. Esser para o jornalismo, tanto como a aplicação da análise de discurso. O campo de observação desta pesquisa incidiu sobre dois jornais nas suas versões digitais, o *Diário de Notícias* e o *The Guardian*. Foram analisadas, no total, dez notícias com a intenção de determinar que marcas culturais estão presentes em cada um dos dois jornais e como é que estas marcas influenciam a leitura do discurso jornalístico.

A análise e a discussão dos resultados estão apresentadas no capítulo terceiro da presente dissertação, que por sua vez, está dividido em duas secções. A primeira secção situa-se na análise da aplicação da tabela elaborada por C. Nord, que apresenta a influência dos fatores internos e externos ao texto sobre o *skopos* do discurso, enquanto a segunda parte do terceiro capítulo está dedicada à análise do discurso, onde tentamos determinar a presença de marcas culturais através do estudo dos títulos e dos lead, das macroproposições e das imagens e legendas. Portanto, após analisarmos o nosso *corpus* da perspectiva dos modelos de C. Nord e F. Esser, e da aplicação da análise do discurso chegamos às seguintes conclusões.

O tema central das notícias analisadas – os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega – representa características e valores em comum ao contexto português e inglês. O emissor no caso do *DN* é caracterizado pelo anonimato, a maior parte das peças jornalísticas analisadas sendo assinadas por *DN.pt* ou *Lusa*, este facto remete para a ideia de o veículo da comunicação social ter uma voz mais forte e no mesmo tempo mais anónima. Esta marca do sujeito que cita fontes e que fala para um leitor “sem opinião” remete para a alegoria *Lusa/DN.pt* = voz informativa da nação portuguesa/ o grande jornalista de Portugal. No caso de *Guardian*, notamos a presença de assinatura pelo jornalista, o que dá à notícia um tom personalizado, ou seja, o leitor associa o discurso apresentado ao nome do jornalista. Portanto, os textos de *DN* do presente *corpus* não são originais, não são fruto de uma investigação própria, mas de uma consulta das agências noticiosas, ou de veículos de comunicação estrangeiros. *DN* atua como uma voz informativa e como uma ponte de ligação entre o texto e

o leitor, traduzindo a informação e a realidade de uma cultura estrangeira para o leitor português, enquanto *The Guardian* afirma a sua posição através dos jornalistas devidamente identificados que têm o papel de intermediários e críticos da sociedade.

Os principais valores notícias detetados nos dois diários são: a morte, o inesperado, a novidade e a visualidade. O facto de os dois diários terem em comum os valores acima mencionados sugere uma tendência unificadora e globalizante no jornalismo, contudo, não descarta a possibilidade de encontrar pontos de enfoque de carácter cultural ou ligados ao veículo de imprensa que noticia o facto. No caso do tratamento de fontes internacionais, que funciona como uma tradução do acontecimento, concluímos que há sempre um enfoque dado aos dados, determinado pelo carácter do público leitor e pelo estilo do jornalista e do veículo a que pertence. Após a confrontação dos textos, observamos que a principal intenção do jornalista é a de informar. Contudo, no caso do diário *The Guardian*, observamos que, além do objetivo de informar sobre o desenvolvimento dos acontecimentos relacionados com os ataques de 22 de julho de 2011, existe a intenção de questionar e de investigar mais profundamente os factos, para construir uma narrativa mais complexa da notícia. Este facto está influenciado pela natureza do jornal, ou seja, pelo facto de *The Guardian* ser um jornal segmentado, enquanto o *DN* se apresenta como um jornal de massas.

O *skopos* do discurso está influenciado pelo propósito e pelo recetor e, de acordo com Lage (2003), os conteúdos devem ser compreensíveis, atraentes e pensados para um público extenso e disperso. Observamos a atuação e a influência das três esferas, a subjetiva, a social e a institucional, presentes na “Metáfora da Cebola” de Esser, que influenciam a forma como o jornalista percebe, estrutura e lança o texto. Portanto, o Propósito do *DN* e de *The Guardian* é o de informar os seus leitores sobre a forma como a Noruega lidou com os ataques terroristas e de mostrar que o ataques dirigidos por Anders Breivik representam um ponto de exclamação que devia despertar as atenções em relação ao crescente movimento de extrema-direita.

Como sabemos a principal função do texto jornalístico é de narrar de forma objetivada os acontecimentos de uma certa importância que precisam ser partilhados. Notamos que os textos analisados são informativos, procurando informar o leitor sem opinião. Como podemos observar da nossa pesquisa tanto os textos de *DN* como os textos de *The Guardian* apresentam duas funções em comum: a função referencial e a função apelativa. Contudo, temos de sublinhar que um texto pode incluir todas as três funções principais combinadas, mas há sempre uma ou outra função que atua como dominante. Nord (2006:138-139) afirma

que normalmente, os textos não têm o propósito de revelar uma única função e que no contexto intercultural é muito importante para o tradutor perceber a função do texto fonte e encontrar formas adequadas para transmitir esta função para a cultura alvo.

Em relação à estrutura interna do discurso, concluímos que os 10 textos apresentam temas em comum, com algumas diferenças, nomeadamente no *The Guardian* que inclui subtemas adicionais que completam o tópico principal e oferecem aos leitores um quadro informativo mais amplo. Conforme Nord (1991) o tema, revela pistas ao tradutor sobre o conteúdo e terminologia do texto e também proporciona informação sobre a função do título e do subtítulo que varia de cultura para cultura. Aqui podemos fazer um paralelismo tradutor-jornalista, uma vez que o tema do acontecimento influencia diretamente a escolha do título, da terminologia a usar, da estrutura do corpo etc. O conteúdo do nosso *corpus* revela informação factual, baseada na realidade imediata do acontecimento descrito nos textos, que tem como propósito informar e reproduzir as verdades, do ponto de vista do jornalista, sobre os principais temas abordados.

Quando falamos de notícias temos de ter em conta que o jornalista, visto como o tradutor de factos e culturas pode tomar a decisão de incluir, explicitar ou eliminar certos factos dependendo de múltiplos fatores, entre eles o perfil do público leitor. Este tipo de ajustamento acontece especialmente quando se noticia eventos estrangeiros, situação idêntica ao nosso *corpus*, em que os fenómenos e os objetos da cultura fonte diferem dos objetos e dos fenómenos da cultura alvo, sendo necessário, conforme Nord (1991:98) ajustar o nível de explicitação ao conhecimento (pressuposto) do público leitor. A presença das pressuposições tem como principal objetivo criar uma conexão entre o *background* do leitor e a nova informação captada através do texto lido. Podemos afirmar que o jornalista atua como uma ponte entre culturas da mesma forma como acontece com o tradutor quando transcodifica os textos.

Em relação ao léxico, e a forma como o jornalista escolhe as palavras que vão construir um discurso lógico e informativo, Van Dijk (2005:125) afirma que está influenciado pelo género do discurso, contexto pessoal, contexto social ou contexto sociocultural. A este nível atua a esfera estrutural dos *media* e a esfera subjetiva do modelo de Esser. De acordo com a análise, o vocabulário do *corpus* é relativamente simples, uso constante de substantivos, nomes próprios, verbos transitivos e linguagem indireta intercalada com linguagem direta. As escolhas lexicais de *DN* são influenciadas pela natureza de jornal de

massas, facto sublinhado também pelo número reduzido das palavras por notícia, e pela intenção de informar o leitor através do resumo dos acontecimentos. Portanto, o campo lexical é mais reduzido do que o campo lexical do *The Guardian*, que usa mais palavras para oferecer uma informação exaustiva. Observamos que *The Guardian* tem uma lexicalização polarizada em relação ao terrorismo. Tanto no *DN* como no *The Guardian* predomina o tom negativo, contudo as escolhas lexicais identificadas no *The Guardian* são mais técnicas, mais apropriadas ao tema do Terrorismo.

Em relação aos títulos, os dois diários apresentam a voz passiva; os títulos de *DN* são nominais, enquanto do *The Guardian* são verbais. A passivização é também característica para o principal ator social, Anders Behring Breivik, sem voz própria, apresentado como paciente. A presença de expressões idiomáticas e *Phrasal Verbs* indicam uma marca linguística da cultura inglesa, enquanto a referência num dos textos de *The Guardian* à Grã-Bretanha e à sua luta contra o terrorismo é uma clara marca cultural que tem o objetivo de aproximar o leitor inglês da situação social da Noruega. Observamos que os textos de *The Guardian* apresentam mais marcas culturais do que os textos de *DN*. Isto reforça outra vez a ideia que *The Guardian* é um jornal orientado para um determinado público leitor e que tende oferecer um discurso com um toque mais pessoal, onde as escolhas do jornalista influenciam diretamente o efeito do texto e a forma como o recetor percebe a informação.

Como elementos não-verbais, concluímos que as fotografias possuem sentido ideológico só quando inseridas num contexto, acompanhadas por um texto informativo e factual. No caso do presente *corpus*, as escolhas fotográficas dos jornalistas denotam o propósito de relatar a verdadeira dimensão trágica dos acontecimentos através de imagens contrastantes com a natureza dos crimes da autoria de Anders Behring Breivik. Despertando desta forma, indignação e choque nos leitores, aumentando o impacto sobre a sociedade.

Em relação ao efeito do texto, *DN* cumpre o seu papel de informar e satisfazer a curiosidade do leitor em relação aos acontecimentos, *The Guardian* vai mais longe e desperta sentimentos de solidariedade através das várias declarações das vítimas inseridas no corpo das notícias e mostra o Anders Breivik como o “monstro” responsável pelas “cenas de horror e pânico”, pelo “caos total”, e pelo “capítulo mais negro da história recente da Noruega”. Observamos que a informação mais importante, que pode ser considerada como o desfecho da narrativa, está incorporada no título e no lead da notícia com o número 5 dos dois diários.



Concluimos que as macroproposições convergem para formar uma macro narrativa que facilita a compreensão e a memorização dos factos para os leitores.

Evidenciamos que os fatores externos e internos ao texto representam também uma marca cultural, uma vez que o jornalista percorre o caminho do emissor até ao efeito do texto para transmitir ao recetor a informação “filtrada” através da sua bagagem de conhecimentos, da sua visão do mundo, do seu domínio da língua que posteriormente influencia as escolhas lexicais. Concluimos que *The Guardian* apresenta mais marcas culturais do que *Diário de Notícias*, onde as marcas culturais parecem apagadas, com o objetivo de criar um discurso global e uniforme. A natureza das marcas culturais encontradas é linguística, como uma exceção, quando no corpo da notícia de *The Guardian* aparece uma referência a Grã-Bretanha. A aparente falta abundância de marcas culturais, não significa que os textos não são culturalmente marcados, ou que o jornalista não teve que traduzir (de um idioma para outro ou de uma cultura para outra) a informação, filtrando-a e focalizando-a.

Como consideração final, esperamos que a presente dissertação possa contribuir para a futura investigação da interface jornalismo-tradução, uma vez que consideramos que estas duas áreas aparentemente distintas, apresentam várias características comuns.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Bibliografia ativa

*Diário de Notícias on-line*

*The Guardian on-line*

### Bibliografia passiva

ALALI, A.O. & K. EKE. 1991. *Media Coverage of Terrorism: Methods of Diffusion*. Newbury Park. New Dehli: Sage

ALSINA, R. M. 1996. *La Construcción de la Noticia*. Barcelona: Ediciones Paidós

AGRA, K. L.O. 2007a. *A importância do sentido culturalmente construído na tecedura do texto jornalístico*. Acedido em: [04.04.2013]. Disponível em: [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-importancia-do-sentido.pdf>].

\_\_\_\_\_. 2007b. *A integração da língua e da cultura no processo de tradução*. Acedido em: [04.04.2013]. Disponível em: [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>].

AZENHA Jr. J.1999. *Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado*. Humanitas. FFLCH/USP

*A Military Guide to Terrorism in the Twenty-First Century* . 2007. [online] Acedido em: [16/04/2013]. Disponível em: [<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/army/guidterr/ch02.pdf>]

BARNHURST, K. 1991. *The Literature of Terrorism*. Em: Alali e Eke. 1991. Pp. 112-137

BAKER, M. 1999. *Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução*. In: Martins, Márcia A.P. *Tradução e Multidisciplinarietà*. Editora Lucerna, Puc-Rio-Departamento de Letras.

BAKHTIN, M. 2006. *Marxismo e filosofia da linguagem*, 12ª ed. HUCITEC

BIERNATZKI, W.E. 2002. *Terrorism and Mass Media, Centre for the Study of Communication and Culture*, [online] Volume 21, No1. Acedido em [14.04.2013] Disponível em: [[http://cscs.scu.edu/trends/v21/v21\\_1.pdf](http://cscs.scu.edu/trends/v21/v21_1.pdf)]

- BRUM G.D.K. 2008. *A Guerra do Iraque em Discursos Presidenciais: Um Estudo Discursivo*. Trabalho de Graduação Individual. Universidade de São Paulo.
- BUCCI, E. 2000. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras em POLCHLOPEK. 2005
- CANAVILHAS. J.M. 2006. *Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada*. Universidade da Beira Interior. Portugal.
- CAMACHO, J.G. 2005. El redactor-traductor en los grandes medios de comunicación con mercados multilingües: caso CNN. Em *Zer* [online],19, pp.77-87 Acedido em: [25.05.2013] Disponível em [<http://www.ehu.es/zer/hemeroteca/pdfs/zer19-04-gallardo.pdf>]
- CORNELSEN J.M. 2012. *Escrever Com Normas. Guia Prático Para Elaboração De Trabalhos Técnico-Científicos*. Coimbra University Press.
- CHOMSKY N. 1981. *The Culture of Terrorism*, Pluto Press. London.
- CRENSHAW M. 2005. Political Explanatios. *Addressing the Causes of Terrorism, The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*. [online] Volume I [acedido em 02.02.2013], pp. 13-19. Disponível em: [<http://media.clubmadrid.org/docs/CdM-Series-on-Terrorism-Vol-1.pdf>]
- DALMONTE, E. F. 2009. A Esfera Paratextual: O Lugar do Leitor-Participante no Webjornalismo. *Revista Galáxia*. [online] nº 18. Acedido em [14.06.2013] p. 113-124. Disponível em: [revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/2645/1685]
- \_\_\_\_\_. 2009. *Pensar o Discurso no Webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiencia*. EDUFBA. Salvador
- DAVIES, B. 2003. *Terrorism, Inside a World Phenomenon*. London. Virgin Books.
- DIJK van, T. A.1985. *Structure of the News in the Press* em: van Dijk T.A. (ed.) *Discourse and Communication. New Approaches to the Analysis of Mass Media Discourse and Communication*. Berlin: de Gruyter, p. 70-93. Disponível em: [<http://www.discourses.org/OldArticles/Structures%20of%20news%20in%20the%20press.pdf>]
- \_\_\_\_\_. 2005. *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Campo das Letras – Editores, S. A.
- DOMINGUEZ F. 1999 em ÉVORA LOPES S. *O discurso mediático sobre o terrorismo*.
- ECO, U. 1975. *Trattato di semiótica generale*. Milan:Bompiani. Versão em Inglês: *A Theory of Semiotics*.(1976) Bloomington: Indiana UP.
- ERBOLATO, M. L. 1978. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. Vozes, Petropolis, RJ em POLCHLOPEK. 2005.

- ÉVORA L. S. *O discurso mediático sobre o terrorismo*. Acedido em [05.02.2013] Disponível em: [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-discurso-mediatico-terrorismo.pdf>]
- FARIA, F. 2007. O Papel dos *Media* na Luta Contra o Terrorismo: que Cobertura Mediática dos Actos Terroristas? Em *Nação e Defesa* [online], Nº 117- 3ª Série, Acedido em [25.05.2013] pp. 155-177. Disponível em [<http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/1206>]
- FAREN, R. F. 1990. *Terrorism and the Mass Media: A Systematic Analysis of a Symbolic Process*. *Terrorism*. Vol. 13. pp. 99-143.
- FAIRCLOUGH, N. 1992. *Discourse and social change*. London: Polity Press
- FÉLIX, C.S. 2004. Breve Incursão Histórica, Social e Psicológica Sobre o Terrorismo. *Nação e Defesa*. Nº109. 2ª série. pp. 153-174
- FREITAS, A. F. R. de. 1999. *Palavra: Signo ideológico*. Universidade Federal de Alagoas. Acedido em [05.05.2013] Disponível em: [<http://www.bocc.ubi.pt/pag/freitas-antonio-palavra-signo.pdf/>]
- GARCÍA LUENGO, O. 2001. *Los Medios de Comunicación y las Nuevas Tendencias del Terrorismo Internacional*. Em Conferencia Internacional “La Seguridad Europea en el Siglo XXI”, Universidade de Granada. Em FARIA. 2007.
- GENETTE, G. 1995. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega Universidade.
- GEERTZ, C. 1980. *Transição para a Humanidade*. In: *O papel da Cultura nas Ciências Sociais*. Editorial Villa Martha. Porto Alegre
- GERHARDT L. B. 2009. A representação dos atores sociais e o processo de reformulação em notícia de popularização científica. *Discursos de popularização da ciência*. Volume I. [online] Acedido em [14.06.2013] pp.64-70. Disponível em [<http://w3.ufsm.br/hipersaberes/volumeI/textos/t4.pdf>]
- GISLENE S. da. 2002. *Jornalismo Científico: a prática jornalística como exercício de entendimento do mundo*. Monografia apresentada para o concurso de professor adjunto de departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina
- GOLDING, P. & ELLIOT P. 1979. *Making the News*. London. Longman.
- GOMES M.B. 2005. A cultura como dupla medição social e a tese de três mudanças estruturais na sociedade contemporânea. *Contrapontos, Itajaí (SC)*. 5( 1). pp.109-124.
- GRADIM A. 2000. *Manual de Jornalismo*. Estudos em Comunicação. Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- GRANADO, A. 2002. *Os media portugueses na Internet*. Acedido em [25/06/2013] Disponível em: [<http://ciberjornalismo.com/mediaportugueses.htm>]

- GURR T.R., A. ABADIE, T. BJORGO, G. SHEFFER, Y. CARMON, G. GUNNING, E. ZIMMERMANN. 2005. Economic Factors. *Addressing the Causes of Terrorism, The Club de Madrid Series on Democracy and Terrorism*. [online] Volume I [acesso em 02.02.2013], pp.20-25. Disponível em: [<http://media.clubmadrid.org/docs/CdM-Series-on-Terrorism-Vol-1.pdf>]
- HALL, S. 1998. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. DP&A, Rio de Janeiro, 2ªed.
- HOCKING, J. J. 1992. *Governments' Perspectives*. Em: Paletzand Schmid. 1992, pp.86-104.
- HOFFMAN, B. 1998. *Inside Terrorism*. New York. Columbia University Press.
- KOH, H. 2002. *Preserving American Values: The Challenge at Home and Abroad*.
- KOVAC, B. e R. T. 2004. *Os elementos do Jornalismo*. 2ª ed, trad: WladirDupont
- LAGE, N. 1993. *Estrutura da Notícia*. 3ª ed. Ática. São Paulo
- \_\_\_\_\_. 2003. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 3ª edição. Rio de Janeiro. Record
- LAPOUGE, G. (2001). *Terrorismo foi vencido mas não eliminado*. Estado de São Paulo.
- LARAIA, R. de B. 1995. *Cultura: Um conceito antropológico*. Jorge Zahar Editor, 10ªed. Rio de Janeiro
- LEAL A.B. 2007. *Funcionalismo alemão e tradução literária: quatro projetos para a tradução de The Years, de Virginia Woolf*. Dissertação de pós-graduação. Universidade Federal de Santa Catarina.
- LÉVY, P. 1999. *Cibercultura*. Rio de Janeiro-RJ: Editora 34. Disponível em: [<http://www.estadao.com.br>]
- LETRIA, J.J. 2001. *O Terrorismo e os Media: o tempo de antena do terror*; Hugin, Lisboa.
- MAINGUENEAU D.2001. *Análise de textos de Comunicação*. Editora Cortez, São Paulo
- MAMDANI M. 2002. Good Muslim, Bad Muslim. A Political Perspective on Culture and Terrorism. *AmericanAnthropologist*. **104**(3). pp.766-775
- MARX & ENGELS. 2004. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Martin Claret.
- MAZUTTI, S. 2011. *Marcas Culturais em Interface: Os Caminhos de Aproximação entre Tradução e Jornalismo*. Dissertação de Pós-Graduação. Florianópolis.

MAZETTO F. 2004. *O terrorismo na história*. Acedido em: [06.03.2013] Disponível em: <http://www.defesa.ufjf.br/fts/terrorismo.pdf>

MEDINA C. 1978. *Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 6ª edição. Summus Editorial, São Paulo, Brasil.

MUTUA M. 2002. *Terrorism and Human Rights: Power, Culture and Subordination*. Presented at: Council on Human Rights Policy annual meeting in Geneva, Switzerland.

NACOS, B.L. 1994. *Terrorism and the Media: From the Iran Hostage Crisis to the World Trade Center Bombing*. New York: Columbia University Press.

NORD, C. 2005. *Text analysis in translation theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis*. Rodopi B.V., Amsterdam-New York.

NORD C. 1991. *Text Analysis in Translation. Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Translated from the German by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam/Atlanta GA, Rodopi

NOGUEIRA C. 2001. A análise do discurso. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts) *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação*. Braga: CEEP

PEIXINHO, A. T. F. 2010. *A epistolaridade nos textos de imprensa de Eça de Queirós*. Tese de doutoramento. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Portugal

PEREIRA, A. M. 2005. *O 11 de Setembro na Imprensa Portuguesa. A Semana Seguinte*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

PIERRE, A. 1984. *The Politics of International Terrorism*. Em *The Global Agenda*, edited by C. Kegley and E. Wittkopt. New York: Random House.

POLCHLOPEK S. A. 2005. *A interface Tradução-Jornalismo, um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis das revistas Veja e Time*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil.

PONTE C. 2004. *Leituras das Notícias. Contributos para uma Análise do Discurso Jornalístico*. Livros Horizonte. Portugal

PONZIO, A. 2009. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. 1.ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

RECUERO: R. 2009. *Redes Sociais*. Em: SPYER. J. Para Entender a Internet- noções, práticas e desafios da comunicação em rede.

ROGEIRO, N. 2004. *O Novo Terrorismo Internacional como Desafio Emergente da Segurança*. Em PEREIRA. 2005.

- RUBELG, P. ROSMAN A. 2003. *Translating Cultures*, Oxford. New York.
- ROMANO, R. 2003. *A razão terrorista*. Artigo publicado pela Revista Mosaico, da Fundação João Pinheiro de Belo Horizonte, nº1. Disponível em: [[www.unicamp.br/ifch/romano/download/razao\\_terrorista.pdf](http://www.unicamp.br/ifch/romano/download/razao_terrorista.pdf)]
- TRAQUINA, N. 2001. *O estudo do Jornalismo no sec. XX*. Editora Unisinos.
- \_\_\_\_\_.2005. *Teorias do Jornalismo. Volume II: A Tribo Jornalística-uma Comunidade Interpretativa Transnacional*. Florianópolis:Insular.
- TRAVASSOS T. 2003. *Títulos, para que os quero?* Em: DIONÍSIO, Angela Paiva.
- SAMOVAROV L. A. & PORTER R. E. 2003. *Intercultural Communication. A reader.*, 10th Edition. New York
- SCHMID, A. 2005. Psychology. Em *Addressing the Causes of Terrorism. The Clud de Madrid Series on Democracy and Terrorism*. Volume 1. Disponível em [<http://media.clubmadrid.org/docs/CdM-Series-on-Terrorism-Vol-1.pdf>]
- SILVA L.M. 2010. *Análise da Configuração Argumental dos Verbos de Processos na Conversação*.
- SILVA A.F. 2007. *Um estudo da realização da sequência narrativa no gênero notícia*. Dissertação. Universidade do Ceará. Fortaleza. Acedido em: [23.08.2013]. Disponível em: [<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp106761.pdf>]
- SOUSA, J. P. 2002. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto Alegre.
- SPROAT. P. A. 1991. Can the State Be Terrorist. Em: *Terrorism and Mass Media, Centre for the Study of Communication and Culture*, pp.3.
- VENUTI, L. 2000. *The Translation Studies Reader Second edition*. Routledge. Taylor and Francis Group.
- WOLOSZYN, A. L. 2006. *Aspectos gerais e criminais do terrorismo e a situação do Brasil*. Dissertação. Disponível em [[http://www.defesanet.com.br/docs/aspectos\\_socio-criminais\\_do\\_terrorismo.pdf](http://www.defesanet.com.br/docs/aspectos_socio-criminais_do_terrorismo.pdf)]
- ZIPSER, M.E. 2002. *Do Fato à Reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural*. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo.

### Sites Consultados

- A ONU e o Terrorismo. Acedido em [25/04/2013]. Disponível em: [<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-terrorismo/>]
- Beaumont, Peter, perfil, disponível em: [<http://www.Guardian.co.uk/profile/peterbeaumont>]

Infopédia 2013. IRA [*online*]. Acedido em 11.04.2013. Disponível em [www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$ira](http://www.infopedia.pt/$ira)>]

Infopédia. 2013. ETA [*online*]. [acedido em 12/04/2013]. Disponível em: [www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$eta](http://www.infopedia.pt/$eta)>]

Declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional, Resolução 49/60 da Assembleia Geral, acedido em [25/04/2013]. Disponível em: [<http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-em-acao/a-onu-e-o-terrorismo/>]

Guardian User Profile.

Disponível em:

[<http://www.guardian.co.uk/advertising/advertising-demographic-guardian-user-profile>]

History of the Observer, disponível em:

[<http://www.Guardian.co.uk/gnm-archive/2002/jun/06/2>]

Pidd, Helen, perfil disponível em:

[<http://www.Guardian.co.uk/profile/helenpidd>]

Relatório Mundial da UNESCO, *Investir na Diversidade Cultural e no Diálogo Intercultural*.

[Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf> ]

Terrorism Watch and Warning.

Disponível em: <http://www.terrorism.com/2012/10/29/terrorism-faq/>

Townsend, Mark perfil, disponível em:

[<http://www.Guardian.co.uk/global/2008/oct/22/mark-townsend>]



## **ANEXOS**

**ANEXO 1**  
**TÍTULO E *LEAD***

| Título    | T1P   | T1I   |
|-----------|---|---|
| e<br>Lead | <p><b>Suspeito dos ataques de Oslo identificado como Anders Behring Breivik</b></p> <p>A NRK, televisão pública da Noruega, identificou hoje como Anders Behring Breivik o suspeito do atentado bombista e do tiroteio de sexta- feira em Oslo que provocou a morte a, pelo menos 17 pessoas.</p> | <p><b>Norway Attacks: at least 92 killed in Oslo and in Utoya</b></p> <p>Police name “rightwinger” Anders Behring Breivik, 32, as suspect behind Oslo bombing and youth camp massacre</p> <p><u>Norway</u> was today coming to terms with one of the worst atrocities in recent European history as police revealed that 92 people died in the attacks in the centre of Oslo and on a nearby island summer camp, apparently the work of a lone gunman.</p>  |
|           | <p><b>Manifesto de Breivik vai ser peça de teatro</b></p> <p>Um grupo de teatro da capital da Dinamarca, Copenhaga, vai encenar o texto escrito pelo autor do massacre de Oslo e de Utoya, a 22 de julho de 2011</p>  | <p><b>Danish Theatre adapts Anders Behring Breivik manifesto</b></p> <p>Café Teatret’s plans to perform 1,500-page document written by Norwegian mass murderer criticized by relatives of victims</p> <p>A Danish theatre is to stage a monologue based on the manifesto written by <u>Anders Behring Breivik</u>, the rightwing extremist responsible for last July’s terrorist attacks in Norway.</p>   |
|           | <p><b>Breivik considerado criminalmente responsável</b></p> <p>O autor dos ataques de julho de 2011 na Noruega, Anders Behring Breivik, não sofre de psicose e é criminalmente responsável, concluiu uma nova avaliação psiquiátrica divulgada hoje.</p>  | <p><b>Norway massacre suspect Anders Behring breivik is not “insane”</b></p> <p>Assessment concludes that rightwing extremist, who confessed to killing 77 people, was not psychotic during attacks.</p> <p><u>Anders Behring Breivik</u>, the Norwegian extremist who has confessed to killing 77 people in a bomb and shooting rampage, is not criminally insane, according to a psychiatric assessment issued on Tuesday which contradicts an earlier assessment.</p> <p>The conclusion comes six days before Breivik is scheduled to go on trial on terror charges for the massacre on 22 July 2011. Though not definitive, it suggests he could serve the maximum penalty of 21 years in prison rather than being detained indefinitely in a secure psychiatric institution.</p> |
|           | <p><b>Relatório diz que ataque de Breivik podia ser evitado</b></p> <p>Uma comissão independente criada para investigar os ataques de 22 de julho de 2011 em Oslo, criticou hoje o trabalho da polícia e afirma que os crimes podiam ter sido evitados e Anders Breivik travado mais cedo.</p>    | <p><b>Anders Behring Breivik could have been halted-report</b></p> <p>Norway government commission concludes authorities could have prevented or at least interrupted bomb and gun killings.</p> <p>The Norwegian terror attacks which killed 77 in July last year could have been prevented or interrupted had police and the intelligence services not made a catalogue of blunders, according to an official report.</p>   |

|  | <b>TSP</b>  | <b>TSI</b>  |
|--|---|---|
|  | <p><b>Breivik condenado à pena máxima de 21 anos de prisão</b></p> <p>Anders Behring Breivik foi considerado penalmente responsável pela morte de 77 pessoas em Oslo e na ilha de Utoya a 22 de julho de 2011 e condenado a cumprir pena de prisão numa cadeia de alta segurança, avançou o correspondente da TSF na Escandinávia Helder Fernandes.</p> | <p><b>Andres Behring Breivik's 21 year jail term closes Norway's darkest chapter</b></p> <p>Calls for debate on multiculturalism as far right extremist is sentenced for killing 77 in twin attacks on Utoya island and Oslo.</p> <p>The darkest chapter in Norway's recent history came to a close, as judges delivered a sentence that is likely to see Anders Behring Breivik spend the rest of his life in prison, before they read out harrowing accounts of the gun and bomb attacks he perpetrated last year. An Oslo court found that Breivik, whose twin assaults killed 77 people, was sane-the verdict that he and most Norwegians had wanted.</p> |

Tabela 13. Título e *Lead*

**ANEXO 2**  
**APLICAÇÃO DO MODELO DE CHRISTIANE NORD**

|   |  |
|---|--|
| <b>T1P – DN – Suspeito dos ataques de Oslo identificado como Anders Behring Breivik</b> |  |
| 120 palavras  |  |
| Notícia assinada por Lusa   |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>  |  |
| <b>Emissor</b>  | <i>DN online</i>   |
| <b>Intenção</b>   | Dar a conhecer ao público leitor o nome e o retrato do suspeito dos ataques de Oslo, tal como o número das vítimas mortais.  |
| <b>Recetor</b>  | Público leitor português do <i>DN online</i>   |
| <b>Meio</b>   | <i>DN.pt</i> , secção GLOBO  |
| <b>Lugar</b>  | Portugal   |
| <b>Tempo</b>  | 1 dia após os ataques – 23 de julho de 2011  |
| <b>Propósito (motivo)</b>   | Dar a conhecer o nome do suspeito / autor dos ataques na Noruega, tal como o retrato físico. Informar sobre o número das vítimas mortais.  |
| <b>Função textual</b>   | Referencial, Informativa   |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>  |  |
| <b>Tema</b>   | O suspeito dos ataques de Oslo Anders Behring Breivik  |
| <b>Conteúdo</b>   | Terrorismo;  |
| <b>Pressuposições</b>   | Conhecimento dos acontecimentos do dia anterior – 22 de julho de 2011;   |
| <b>Estruturação</b>   | Título, lead, um parágrafo.  |
| <b>Elementos não-verbais</b>  | Caixa para ferramentas: enviar por <i>email</i> , partilhar, imprimir, comentar; opção partilhar notícia para redes sociais; caixa para contabilizar as visualizações (1481), impressões (0), comentários (3), envios (0). |
| <b>Léxico</b>   | Vocabulário relativamente simples; uso constante de substantivos; nomes próprios; verbos transitivos; linguagem indireta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>  | Título com letras em fonte maior; Lead com letras em negrito.  |
| <b>Efeito do texto</b>  | Espanto com a dimensão dos ataques, desperta curiosidade em conhecer mais sobre o autor dos ataques; a necessidade de acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos.   |

|  |   |
|--|---|
| <b>T11 – The Guardian – Norway Attacks: at least 92 killed in Oslo and Utoya island</b><br>(Ataques na Noruega: pelo menos 92 mortos em Oslo e na ilha de Utoya) <sup>46</sup> |   |
| 969 palavras   |   |
| Notícia assinada por Peter Beaumont, The Observer  |   |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Emissor</b>   | <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Intenção</b>  | Dar a conhecer ao público leitor o nome e o retrato do suspeito dos ataques de Oslo, tal como o número das vítimas mortais, as declarações de alguns sobreviventes, identificar se existem ou não ligações com alguma organização terrorista.   |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Meio</b>  | <i>Guardian.co.uk</i> , secção The Observer   |
| <b>Lugar</b>   | Reino Unido   |
| <b>Tempo</b>   | 1 Dia após os ataques – 23 de julho de 2011, às 10h16 BST (Horário de verão Britânico)  |
| <b>Propósito (motivo)</b>  | Expor o nome do suspeito / autor dos ataques na Noruega, tal como traçar um retrato ideológico do suspeito. Informar sobre o número das vítimas mortais. Revelar depoimentos de sobreviventes.  |
| <b>Função textual</b>  | Referencial, Informativa e Expressiva – Emotiva (através do relato das emoções e experiências vividas pelos sobreviventes)  |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Tema</b>  | Os ataques na Noruega   |
| <b>Conteúdo</b>  | Terrorismo;   |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento dos acontecimentos do dia anterior – 22 de julho de 2011; dos ataques de 2004 em Madrid; do Fundamentalismo Cristão; do termo extrema – direita; das organizações terroristas internacionais; do tabloide Norueguês Verdens Gang.  |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia com legenda, notícia dividida em 27 parágrafos.   |
| <b>Elementos não-verbais</b>   | Fotografia da polícia de Oslo na ilha de Utoya com legenda. Opções partilhar (28), <i>email</i> ; opção partilhar notícia para redes sociais; opção contactar o diário, imprimir.   |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; nomes próprios; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>   | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor cinzenta em fonte menor. Palavras sublinhadas; palavras em azul que indicam hiperligações. Utilização de aspas para citações.   |
| <b>Efeito do texto</b>   | Espanto com a dimensão dos ataques e a frieza do atacante; desperta curiosidade em conhecer mais sobre o autor dos ataques; a necessidade de acompanhar o desenvolvimento dos acontecimentos; desperta perguntas sobre a ideologia da extrema direita e sobre os motivos dos ataques; espanto com as declarações dos sobreviventes. |

<sup>46</sup> Para cada título em inglês propomos uma tradução

|  |  |
|--|--|
| <b>T2P – DN– Manifesto de Breivik vai ser peça de teatro</b> |  |
| <b>323 palavras</b>  |  |
| <b>Notícia assinada por DN.pt</b>                            |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>                             |  |
| <b>Emissor</b>   | <i>DN online</i>   |
| <b>Intenção</b>  | Informar o público sobre os motivos e as reações surgidas em relação à intenção de transformar o manifesto de Breivik em peça de teatro.   |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>DN online</i>   |
| <b>Meio</b>  | <i>DN.pt</i> , secção Artes  |
| <b>Lugar</b>   | Portugal   |
| <b>Tempo</b>   | 27 de janeiro de 2012  |
| <b>Propósito (motivo)</b>                                    | Justificar o interesse do grupo de teatro de Copenhaga pelo manifesto de Breivik.  |
| <b>Função textual</b>  | Referencial, Informativa   |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>                             |  |
| <b>Tema</b>  | O manifesto de Breivik   |
| <b>Conteúdo</b>  | Trata da relação entre os ataques terroristas e a cultura; fala sobre as reações à decisão do grupo teatral de encenar o manifesto de Breivik; a opinião do diretor do Café Teatret sobre os ataques na Noruega e sobre o interesse no manifesto de Breivik. |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento do facto que Anders Breivik escreveu um Manifesto; do termo xenofobia; do fenómeno radicalismo de extrema-direita.  |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia com legenda que indica a fonte, notícia dividida em 7 parágrafos.  |
| <b>Elementos não-verbais</b>                                 | Fotografia de Breivik vestido de vermelho ao lado de um polícia, dentro do carro da polícia; caixa para visualizações (1438), impressões (15), comentário (3), envio (1); Caixa ferramentas com partilha para redes sociais, opção imprimir.                 |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; nomes próprios; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.   |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>                             | Título principal com letras em fonte maior de cor laranja; Lead com letras de cor preta em negrito; uso de aspas para citações e palavras com mais de um sentido; itálico para palavras em língua estrangeira;   |
| <b>Efeito do texto</b>                                       | Desperta curiosidade em relação as ideias do Manifesto de Breivik, tal como indignação perante o interesse do grupo de teatro em encenar o Manifesto.  |



|  |   |
|--|---|
| <b>T2I – The Guardian – Danish Theater adapts Anders Behring Breivik manifesto</b> |   |
| <b>(O teatro dinamarquês adapta o manifesto de Anders Behring Breivik)</b>         |   |
| 322 palavras   |   |
| Notícia assinada por Matt Trueman, <i>Guardian.co.uk</i>                           |   |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Emissor</b>   | <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Intenção</b>  | Informar o público sobre os motivos e as reações surgidas em relação à intenção de transformar o manifesto de Breivik em peça de teatro.  |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Meio</b>  | <i>Guardian.co.uk</i> , secção Cultura  |
| <b>Lugar</b>   | Inglaterra  |
| <b>Tempo</b>   | 24 de janeiro de 2012, 12h46 GMT (Greenwich Mean Time)  |
| <b>Propósito (motivo)</b>  | Justificar o interesse do grupo de teatro de Copenhaga pelo manifesto de Breivik.   |
| <b>Função textual</b>  | Referencial (relembra os acontecimentos de 22 de julho de 2011) Informativa   |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Tema</b>  | O manifesto de Breivik  |
| <b>Conteúdo</b>  | Trata da relação entre os ataques terroristas e a cultura; fala sobre as reações à decisão do grupo teatral de encenar o manifesto de Breivik; a opinião do diretor do Café Teatret sobre o aspeto ideológico e político das ações do Breivik e sobre o interesse no manifesto de Breivik. Relata as opiniões dos políticos acerca da decisão de encenar o manifesto. |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento do facto que Anders Breivik escreveu um Manifesto; do WW2 e do termo Nazi.   |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia com legenda, notícia dividida em 5 parágrafos.  |
| <b>Elementos não-verbais</b>   | Fotografia do Breivik vestido de polícia, feita por uma camara de vigilância na rua; Opções partilhar (18), <i>email</i> ; opção partilhar notícia para redes sociais; opção contactar o diário, imprimir.  |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; nomes próprios; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>   | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor cinzenta. Aspas para citações; palavras em azul que indicam hiperligações.  |
| <b>Efeito do texto</b>   | Desperta curiosidade em relação as ideias do Manifesto de Breivik, tal como indignação perante o interesse do grupo de teatro em encenar o Manifesto. Relembra os acontecimentos de 22 de julho de 2011 na Noruega.   |

|   |  |
|---|--|
| <b>T3P – DN – Breivik considerado criminalmente responsável</b> |  |
| <b>216 palavras</b>   |  |
| <b>Notícia assinada por Lusa</b>                                |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>                                |  |
| <b>Emissor</b>  | <i>DN online</i>   |
| <b>Intenção</b>   | Revelar o resultado da avaliação psiquiátrica de Breivik; e a data e duração do julgamento.  |
| <b>Recetor</b>  | Público leitor do <i>DN online</i>   |
| <b>Meio</b>   | <i>DN.pt</i> , secção GLOBO  |
| <b>Lugar</b>  | Inglaterra   |
| <b>Tempo</b>  | 10 de abril de 2012  |
| <b>Propósito (motivo)</b>                                       | Informar o público leitor sobre o resultado e o caráter da avaliação psiquiátrica de Anders Breivik. Informar sobre os possíveis resultados do julgamento. Dar a conhecer a data do início do julgamento.                            |
| <b>Função textual</b>   | Referencial (relembra o número de mortos do ataque) Informativa  |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>                                |  |
| <b>Tema</b>   | O resultado da avaliação psiquiátrica  |
| <b>Conteúdo</b>   | Trata do resultado e da natureza da avaliação psiquiátrica do Anders Breivik; da acusação do Ministério Público; da data e duração do julgamento.  |
| <b>Pressuposições</b>   | Conhecimento do facto que houve uma outra, primeira, avaliação psiquiátrica e dos resultados da mesma; conhecimento dos termos: esquizofrenia paranoide e ato de terrorismo; conhecimento dos acontecimentos de 22 de julho de 2011. |
| <b>Estruturação</b>   | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia de Anders Breivik com legenda que indica a fonte, notícia dividida em 5 parágrafos.  |
| <b>Elementos não-verbais</b>                                    | Fotografia retrato de Breivik na sala do tribunal; caixa para visualizações (2221), impressões (8), comentário (15), envio (0); Caixa ferramentas com partilha para redes sociais, opção imprimir.                                   |
| <b>Léxico</b>   | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; nomes próprios; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.   |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>                                | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor preta em negrito. Aspas para citações.   |
| <b>Efeito do texto</b>  | Induz um sentimento de satisfação pelo facto de Breivik ser considerado criminalmente responsável. Desperta curiosidade em relação aos resultados do julgamento.   |

|  |  |
|--|--|
| <b>T3I – The Guardian – Norway massacre suspect Anders Behring Breivik is “not insane”</b> |  |
| <b>(O suspeito pelo massacre na Noruega, Anders Behring Breivik, não está “maluco”)</b>    |  |
| 415 palavras   |  |
| Notícia assinada por Helen Pidd e agências   |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>   |  |
| <b>Emissor</b>   | <i>The Guardian online</i>   |
| <b>Intenção</b>  | Revelar o resultado da avaliação psiquiátrica de Breivik; a data e duração do julgamento; a opinião de alguns especialistas sobre a situação psiquiátrica de Breivik; revelar as declarações de Anders Breivik acerca dos motivos das suas ações; dar a conhecer as acusações da Justiça da Noruega.   |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>The Guardian online</i>   |
| <b>Meio</b>  | <i>Guardian.co.uk</i>  |
| <b>Lugar</b>   | Inglaterra   |
| <b>Tempo</b>   | 10 de abril de 2012, 12h39 BST   |
| <b>Propósito (motivo)</b>  | Informar o público leitor sobre o resultado e o caráter da avaliação psiquiátrica de Anders Breivik. Informar sobre a possível pena. Dar a conhecer a data do início do julgamento, os nomes dos psiquiatras, as declarações de Breivik acerca dos motivos dos seus atos, da opinião sobre as vítimas. |
| <b>Função textual</b>  | Referencial (relembra o número de mortos do ataque) Informativa; Apela ao conhecimento prévio do leitor; Expressiva-emotiva especialmente na parte onde Breivik fala das vítimas.  |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>   |  |
| <b>Tema</b>  | O resultado da avaliação psiquiátrica  |
| <b>Conteúdo</b>  | Trata do resultado e da natureza da avaliação psiquiátrica do Anders Breivik; da acusação da Justiça da Noruega; da data e duração do julgamento, das declarações do Breivik.  |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento do facto que houve uma outra, primeira, avaliação psiquiátrica, do termo esquizofrenia paranoide.   |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de um vídeo de dia 6 de fevereiro de 2012 da sala de audiências; legenda do vídeo com <i>link</i> para o vídeo; notícia dividida em 7 parágrafos.  |
| <b>Elementos não-verbais</b>   | Vídeo de sala de audiências do dia 6 de fevereiro de 2012; opção para partilhar nas redes sociais, opção imprimir, contactar o diário.   |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.   |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>   | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor cinzenta. Aspas para citações. Palavras em azul indicam hiperligações.   |
| <b>Efeito do texto</b>   | Induz um sentimento de satisfação pelo facto de Breivik ser considerado criminalmente responsável. Desperta curiosidade em relação aos resultados do julgamento. Desperta emoções de indignação perante as declarações de Breivik acerca das vítimas.  |

|  |  |
|--|--|
| <b>T4P – DN – Relatório diz que ataque de Breivik podia ser evitado</b>              |  |
| <b>231 palavras</b>  |  |
| <b>Notícia assinada por Leonor M. Ferreira com AFP, editada por Helena Tecedeiro</b> |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>   |  |
| <b>Emissor</b>   | <i>DN online</i>   |
| <b>Intenção</b>  | Revelar os resultados da comissão independente que investigou os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega; Indicar a data de encerramento do julgamento.  |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>DN online</i>   |
| <b>Meio</b>  | <i>DN.pt</i>   |
| <b>Lugar</b>   | Portugal   |
| <b>Tempo</b>   | 13 de agosto de 2012   |
| <b>Propósito (motivo)</b>  | Dar a conhecer ao público leitor porque é que os ataques podiam ter sido evitados; informar sobre outras declarações do Breivik acerca do motivo dos seus atos; relembrar a data do encerramento do julgamento.                        |
| <b>Função textual</b>  | Referencial (relembra o número de mortos do ataque) Informativa; Apelativa – apela ao público leitor a questionar-se em relação com a resposta da polícia aos ataques.   |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>   |  |
| <b>Tema</b>  | O resultado do relatório da comissão independente  |
| <b>Conteúdo</b>  | Trata das conclusões da comissão independente que investigou os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega; questiona as ações da polícia; indica a data do encerramento do julgamento.   |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento do facto que foi criada uma comissão independente para investigar os ataques terrorista de Breivik; conhecimento das declarações do governo do dia de 22 de julho de 2012.  |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia de primeiro plano que mostra o Breivik sorridente; sem legenda; notícia dividida em 4 parágrafos;  |
| <b>Elementos não-verbais</b>   | Fotografia sem legenda; caixa com contabilização de visualizações (2091), impressões (2), comentários (10), envios (0); caixa ferramentas para enviar por <i>email</i> , partilhar, imprimir, comentar, opções partilha redes sociais. |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.   |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>   | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor preta em negrito. Aspas para citações. Parentese para explicações.   |
| <b>Efeito do texto</b>   | Desperta sentimentos de indignação perante os resultados da investigação e perante o “mau” trabalho da polícia.  |

|  |   |
|--|---|
| <b>T4I – The Guardian – Anders Behring Breivik could have been halted - report</b> |   |
| <b>(Anders Behring Breivik poderia ter sido interrompido – relatório)</b>          |   |
| <b>606 palavras</b>  |   |
| <b>Notícia assinada por Mark Lewis</b>   |   |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Emissor</b>   | <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Intenção</b>  | Revelar os resultados da comissão que investigou os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega;  |
| <b>Recetor</b>   | Público leitor do <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Meio</b>  | <i>Guardian.co.uk</i>   |
| <b>Lugar</b>   | Inglaterra  |
| <b>Tempo</b>   | 13 de agosto de 2012, 18h15 BST   |
| <b>Propósito (motivo)</b>  | Dar a conhecer ao público leitor porque é que os ataques podiam ter sido evitados; informar sobre os erros da polícia e das forças de seguridade implicadas; lembrar um exercício de treino, de 2006, que improvisava um ataque com bomba; expor declarações do ministro da justiça da Noruega, do especialista em gestão de crises e do presidente da comissão de 22 de julho. |
| <b>Função textual</b>  | Referencial (relembra o o treino de 2006) Informativa; Apelativa – apela ao público leitor a questionar-se em relação com os erros da polícia.  |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>   |   |
| <b>Tema</b>  | O resultado do relatório da comissão independente   |
| <b>Conteúdo</b>  | Trata das conclusões da comissão que investigou os ataques de 22 de julho de 2011 na Noruega; questiona os erros da polícia; a opinião do ministra da justiça, do especialista em gestão de crises, do presidente da comissão de 22 de julho acerca de como podia ter sido parado antes o Breivik; um parágrafo com correções de alguns dados do texto.                         |
| <b>Pressuposições</b>  | Conhecimento do facto que foi criada uma comissão para investigar os ataques terroristas de 22 de julho na Noruega; conhecimento da data quando os ataques ocorreram;   |
| <b>Estruturação</b>  | Título e lead declarativos seguidos de uma fotografia de primeiro plano que mostra o Breivik a endireitar a gravata; legenda com indicação de fonte; notícia dividida em 13 parágrafos; ultimo paragrafo indica as correções feitas em relação a alguns dados do texto.   |
| <b>Elementos não-verbais</b>   | Fotografia com legenda; opção partilha para redes sociais; opção imprimir, contactar o diário, partilhar.   |
| <b>Léxico</b>  | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos; linguagem direta intercalada com linguagem indireta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>   | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor cinzenta. Aspas para citações. Travessão.   |
| <b>Efeito do texto</b>   | Satisfaz a curiosidade do leitor acerca dos resultados da investigação; Desperta sentimentos de indignação perante a atuação da polícia e os seus erros.  |

|   |  |
|---|--|
| <b>T5P – DN– Breivik condenado à pena máxima de 21 anos de prisão</b> |  |
| <b>300 palavras</b>   |  |
| <b>Notícia assinada por Patrícia Viegas e Susana Salvador</b>         |  |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>                                      |  |
| <b>Emissor</b>  | <i>DN online</i>   |
| <b>Intenção</b>   | Informar o público leitor sobre a pena a que foi condenado Anders Breivik.   |
| <b>Recetor</b>  | Público leitor do <i>DN online</i>   |
| <b>Meio</b>   | <i>DN.pt</i>   |
| <b>Lugar</b>  | Portugal   |
| <b>Tempo</b>  | 24 de agosto de 2012   |
| <b>Propósito (motivo)</b>   | Revelar o resultado do julgamento de Anders Breivik; Apresentar a reação dos noruegueses, especialmente dos sobreviventes à pena recebida por Breivik.   |
| <b>Função textual</b>   | Referencial (relembra o nº dos mortos); Informativa.   |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>                                      |  |
| <b>Tema</b>   | O veredito do tribunal de Oslo   |
| <b>Conteúdo</b>   | Trata do veredito avançado pelo tribunal de Oslo; a pena; a reação de Breivik; a reação dos noruegueses.   |
| <b>Pressuposições</b>   | Conhecimento de quem são os “traidores” da Noruega; do termo “multiculturalismo”.  |
| <b>Estruturação</b>   | Título e lead declarativos seguidos de um vídeo com mais detalhes sobre a notícia; notícia dividida em 3 parágrafos.   |
| <b>Elementos não-verbais</b>  | Vídeo com mais detalhes sobre a notícia; caixa com contagem de visualizações (5210); impressões (4); comentários (78); envios (0); caixa ferramentas partilhar; enviar por <i>email</i> , imprimir, comentar; opção partilha para redes sociais; link para página com fotografias da prisão. |
| <b>Léxico</b>   | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos avaliativos; predomina a linguagem indireta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>                                      | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor preta em negrito. Aspas para citações e ideias de Breivik.   |
| <b>Efeito do texto</b>  | Satisfaz a curiosidade do leitor acerca do veredito final do tribunal de Oslo. Desperta sentimentos de indignação perante a reação do Breivik. Desperta sentimentos de solidariedade para com os parentes das vítimas.   |

|   |   |
|---|---|
| <b>T51 – The Guardian –Anders Behring Breivik’s 21 year jail term closes Norway’s darkest chapter</b><br>(A pena de 21 anos de prisão do Anders Behring Breivik, fecha o capítulo mais escuro da Noruega)<br><b>1149 palavras</b><br>Notícia assinada por Mark Townsend em Oslo |   |
| <b>FATORES EXTERNOS AO TEXTO</b>  |   |
| <b>Emissor</b>  | <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Intenção</b>   | Informar o público leitor sobre a pena a que foi condenado Anders Breivik.  |
| <b>Recetor</b>  | Público leitor do <i>The Guardian online</i>  |
| <b>Meio</b>   | <i>Guardian.co.uk</i>   |
| <b>Lugar</b>  | Inglaterra  |
| <b>Tempo</b>  | 24 de agosto de 2012, 19h29 BST   |
| <b>Propósito (motivo)</b>   | Revelar o resultado do julgamento de Anders Breivik; a sua reação ao ouvir a sentença; as opiniões de várias pessoas; falar sobre a relação existente entre o país – Noruega – e o multiculturalismo, a imigração, o racismo e os adeptos da extrema-direita. |
| <b>Função textual</b>   | Referencial (relembra o que aconteceu na ilha de Utoya e em Oslo); Informativa; Avaliativa (avalia o impacto dos ataques sobre o país)  |
| <b>FATORES INTERNOS AO TEXTO</b>  |   |
| <b>Tema</b>   | O veredito do tribunal de Oslo e o debate sobre multiculturalismo   |
| <b>Conteúdo</b>   | Trata do veredito avançado pelo tribunal de Oslo; a pena; o comportamento de Breivik durante o processo; a reação dos noruegueses; cita as opiniões de várias pessoas; fala sobre multiculturalismo, imigração racismo e o impacto sobre o país.              |
| <b>Pressuposições</b>   | Conhecimento do Knights Templar.; conhecimento do número dos mortos pela bomba em Oslo; familiaridade para com o termo: marxistas culturais.  |
| <b>Estruturação</b>   | Título e lead declarativos seguidos; fotografia em primeiro plano de Anders Breivik; legenda com indicação de fonte; notícia dividida em 24 parágrafos.   |
| <b>Elementos não-verbais</b>  | Fotografia; opção partilhar nas redes sociais; opção imprimir, partilhar, contactar o diário.   |
| <b>Léxico</b>   | Vocabulário relativamente simples; Uso constante de substantivos e adjetivos avaliativos e expressivos; linguagem indireta intercalada com linguagem direta.  |
| <b>Elementos suprasegmentais</b>  | Título principal com letras em fonte maior de cor preta. Lead com letras de cor cinzenta. Aspas para citações. Travessão. Palavras em azul que indicam hiperligações.   |
| <b>Efeito do texto</b>  | Satisfaz a curiosidade do leitor acerca do veredito final do tribunal de Oslo. Desperta sentimentos de indignação perante o comportamento de Breivik durante o processo. Desperta sentimentos de solidariedade para com os parentes das vítimas.              |

**ANEXO 3**  
***CORPUS DIÁRIO DE NOTÍCIAS***



## 1. Suspeito dos ataques de Oslo identificado como Anders Behring Breivik

por Lusa 23 julho 2011 3 comentários

**A NRK, televisão pública da Noruega, identificou hoje como Anders Behring Breivik o suspeito do atentado bombista e do tiroteio de sexta-feira em Oslo que provocou a morte a, pelo menos 17 pessoas.**

Além da estação de televisão, outros meios de comunicação social noruegueses divulgaram fotografias do suspeito, um loiro de olhos azuis, de 32 anos e cujo apartamento já foi revistado pela polícia de Oslo durante a madrugada.

Entretanto, as autoridades norueguesas confirmaram, pelo menos, 17 mortes no ataque, mas explicam que o número de vítimas mortais poderá aumentar no acampamento de verão onde o homem armado abriu fogo depois de fazer explodir a bomba no centro de Oslo.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=1926013&seccao=Europa](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1926013&seccao=Europa)

## 2. Manifesto de Breivik vai ser peça de teatro

por DN.pt 27 janeiro 2012 3 comentários



Fotografia © Scanpix Pictures-Reuters

**Um grupo de teatro da capital da Dinamarca, Copenhaga, vai encenar o texto escrito pelo autor do massacre de Oslo e de Utoya, a 22 julho de 2011.**

Quando o grupo Café Teatret anunciou a intenção de levar a palco uma encenação de *Manifesto 2083*, escrito por Anders Behring Breivik, as reações não se fizeram esperar na Noruega e na Dinamarca.

A generalidade dos partidos políticos noruegueses pronunciou-se contra a ideia e muitos familiares consideraram um "escândalo" o projeto de Christian Lollike, o diretor do Café Teatret.

A tragédia de 22 de julho de 2011 está "muito próxima", dizem alguns. Neste dia, Breivik fez explodir uma bomba no centro de Oslo e atacou em seguida um acampamento da juventude trabalhista, do partido no poder, na ilha de Utoya. No total, perderam a vida 77 pessoas.

Lollike responde que "nunca terá passado tempo suficiente" porque a vida dos familiares das vítimas "ficou marcada para sempre". As pessoas "têm de viver com a dor, emoções e pensamentos que nós, que não fomos diretamente tocados pela tragédia, mal conseguimos entender", escreveu o encenador num texto publicado no diário *Politiken*, de Copenhaga.

Mas Lollike mantém a intenção de adaptar as 1518 páginas do texto de Breivik, em que o assassino de Utoya advoga uma série de ideias comuns à extrema-direita europeia.

O objetivo, assegura o responsável do Café Teatret, "não é servir de porta-voz de Breivik". Pelo contrário, a peça "quer demonstra que o quadro mental e cultural em que Breivik se movimenta é comum a muitos outros". E dá como exemplo o recrudescimento da xenofobia.

O que se passou "não foi o ato de um idiota, foi um ato político", e a peça pode ajudar a entender a motivação de Breivik.

Em paralelo com o trabalho de palco, o projeto integra uma série de conferências com estudiosos pelo fenómeno do radicalismo de extrema-direita. O "objetivo é compreender o que se passou e partilharmos esse conhecimento", defende Lollike.<sup>48</sup>

---

---

<sup>48</sup> [http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content\\_id=2269018&seccao=Teatro&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/artes/interior.aspx?content_id=2269018&seccao=Teatro&page=-1)

### 3. Breivik considerado criminalmente responsável

por Lusa 10 abril 2012 15 comentários



Fotografia © REUTERS/Lise Aserud

**O autor dos ataques de julho de 2011 na Noruega, Anders Behring Breivik, não sofre de psicose e é criminalmente responsável, concluiu uma nova avaliação psiquiátrica divulgada hoje.**

Esta avaliação contradiz os resultados de uma primeira avaliação psiquiátrica oficial, feita no ano passado, segundo a qual Breivik sofria de "esquizofrenia paranoide", pelo que devia ser internado num estabelecimento psiquiátrico e não julgado num tribunal.

Breivik, que matou 77 pessoas ao abrir fogo contra jovens que participavam num encontro do Partido Trabalhista na ilha de Utoya, perto de Oslo, "não estava psicótico no momento dos factos", anunciou hoje o tribunal de Oslo num comunicado em que resume os resultados da nova avaliação.

Tal como a primeira, esta avaliação tem carácter provisório e exclusivamente consultivo, cabendo aos juízes determinar se Breivik é ou não criminalmente responsável.

Em março, o Ministério Público norueguês acusou formalmente Breivik de "ato de terrorismo" e de "homicídios voluntários".

Se for considerado culpado, o acusado incorre numa pena de 21 anos prisão ou de retenção de segurança -- uma pena renovável enquanto o preso for considerado perigoso. Caso seja considerado inimputável, pode ser condenado a internamento psiquiátrico, potencialmente para toda a vida.

O julgamento de Breivik, de 33 anos, começa na próxima segunda-feira e deverá prolongar-se por dez semanas.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=2410950&seccao=Europa&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2410950&seccao=Europa&page=-1)

#### 4. Relatório diz que ataque de Breivik podia ser evitado

por Leonor M. Ferreira com AFP, editado por Helena Tecedeiro **13 agosto 2012** **10 comentários**



**Uma comissão independente criada para investigar os ataques de 22 de julho de 2011 em Oslo, criticou hoje o trabalho da polícia e afirma que os crimes podiam ter sido evitados e Anders Breivik travado mais cedo.**

"O ataque contra a sede de ministérios a 22 de julho poderia ter sido evitado através da implementação efetiva das medidas de segurança existentes", concluiu o relatório apresentado pelo primeiro-ministro Jens Stoltenberg. "A intervenção policial era possível. O autor dos ataques podia ter sido parado antes", acrescentou.

No rescaldo dos ataques, a polícia foi criticada pela sua lentidão (passaram três horas entre o atentado e a detenção) e incapacidade em usar meios aéreos quando foi alertada para o tiroteio na ilha e a tentativa fracassada de chegar lá num barco insuflável. O relatório elogia ainda as comunicações do governo para o público naquele dia.

Anders Behring Breivik, de 33 anos, confessou ter assassinado 69 pessoas num campo de juventude de verão na ilha de Utoya e outras oito pessoas num ataque à bomba no centro da capital, mas pediu para ser ilibado das acusações de terrorismo, alegando que estava a defender a Noruega do multiculturalismo e da imigração.

A sentença do julgamento deve ser conhecida a 24 de agosto e Breivik poderá passar o resto da vida num hospital psiquiátrico se for considerado mentalmente doente.<sup>50</sup>

#### 5. Breivik condenado à pena máxima de 21 anos de prisão

por Patrícia Viegas e Susana Salvador **24 agosto 2012** **78 comentários**

---

<sup>50</sup> [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=2718029&seccao=Europa](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2718029&seccao=Europa)

**Anders Behring Breivik foi considerado penalmente responsável pela morte de 77 pessoas em Oslo e na ilha de Utoya a 22 de julho de 2011 e condenado a cumprir pena de prisão numa cadeia de alta segurança, avançou o correspondente da TSF na Escandinávia Helder Fernandes.**

O tribunal de Oslo decidiu assim que Breivik teve plena consciência do massacre que cometeu e rejeitou a segunda opção, a de declará-lo inimputável por ser alegadamente louco. O extremista foi condenado à pena máxima, mas esta poderá ser prolongada indefinidamente, caso a justiça considere que continua a representar um risco para o país.

O assassino, de 33 anos, não deverá recorrer, pois ontem tinha avançado, através do seu advogado, que queria ser declarado penalmente responsável pelo que tinha feito. Ao conhecer a sentença, Breivik sorriu. Um dos seus advogados, Odd Ivar Goen, confirmou ao site do tabloide Vederens Gang, durante uma pausa na audiência, que Breivik não ficou surpreendido com a decisão do tribunal.

A culpabilidade do extremista de direita nunca foi a questão central, mas sim o estado da sua saúde mental. Breivik sempre reconheceu a autoria dos ataques, mas nunca se declarou culpado por considerar que estava a defender a Noruega dos "traidores" e do "multiculturalismo".

Os cinco juízes do tribunal de primeira instância de Oslo condenaram Breivik à pena máxima possível, 21 anos de prisão, que serão cumpridos na cadeia de Ila, dando-lhe a possibilidade de ser revista após 10 anos.

Neste momento, após ter anunciado o veredicto, o tribunal encontra-se a ler as explicações que sustentam o mesmo

A decisão foi recebida com satisfação pelos noruegueses, especialmente os sobreviventes da tragédia. "Foi feita justiça, isso é o principal", indicou um dos sobreviventes de Utoya, Tore Sinding Bekkedal, aos jornalistas.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> [http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content\\_id=2733846&seccao=Europa&page=-1](http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2733846&seccao=Europa&page=-1)

**ANEXO 4**  
***CORPUS THE GUARDIAN***

## 1. Norway attacks: at least 92 killed in Oslo and Utøya island

Police name 'rightwinger' Anders Behring Breivik, 32, as suspect behind Oslo bombing and youth camp massacre

---

- [Peter Beaumont](#)
  - [The Observer](#), Saturday 23 July 2011 10.16 BST
- 



Oslo police trawl the waters off Utøya island for more victims of the Norway attacks. Police arrested Anders Behring Breivik, 32, over the twin attacks that have left at least 92 people dead. Photograph: Odd Andersen/AFP/Getty Images

[Norway](#) was today coming to terms with one of the worst atrocities in recent European history as police revealed that 92 people died in the attacks in the centre of Oslo and on a nearby island summer camp, apparently the work of a lone gunman.

The killings, it now seems clear, were carried out by a 32-year old Norwegian, named by local *media* as [Anders Behring Breivik](#), who had expressed far-right views, and had dressed as a policeman to carry out his bomb attack on government buildings in central Oslo before heading to the island of Utøya, where he shot at least 85 people.

Survivors of the island attack, which took place barely two hours after a huge bomb was detonated close to the offices of Norway's prime minister, Jens Stoltenberg, described how the gunman moved across the small, wooded Utøya holiday island on Friday firing at random as young people scattered in fear.

Teenagers at the lakeside camp organised by Stoltenberg's ruling Labour party fled screaming in panic, many leaping into the water or climbing trees to save themselves, when the attacker began spraying them with gunfire.

"A paradise island has been transformed into a hell," Stoltenberg told a news conference on Saturday morning.

He said he did not want to speculate on the motives of the attacks, but added: "Compared to other countries I wouldn't say we have a big problem with rightwing extremists in Norway. But we have had some groups, we have followed them before, and our police is aware that there are some rightwing groups."

Police spokesman Roger Andresen said of Behring Breivik, who was arrested by anti-terrorism officers at the scene of the shooting: "He is clear on the point that he wants to explain himself."



Andersen said the suspect also posted on websites with Christian fundamentalist tendencies. He did not describe the websites in any more details.

Norway's national police chief, Sveinung Sponheim, told the national broadcaster NRK that the suspected gunman's internet postings "suggest he has some political traits directed towards the right, and anti-Muslim views, but whether that was a motivation for the actual act remains to be seen".

A police official said the suspect appears to have acted alone in both attacks, and that "it seems like this is not linked to any international terrorist organisations at all." The official spoke on condition of anonymity because that information had not been officially released by Norway's police.

"It seems it's not Islamic-terror related," the official said. "This seems like a madman's work."

The attacks are the worst in [Europe](#) since the 2004 Madrid train bombings when 191 people were killed.

Police initially said about 10 people were killed at the camp on the island of Utøya, but some survivors said they thought the toll was much higher. Police director Øystein Mæland told reporters early on Saturday they had discovered many more victims.

"It's taken time to search the area. What we know now is that we can say that there are at least 80 killed at Utøya," Mæland said. "It goes without saying that this gives dimensions to this incident that are exceptional."

Mæland said the death toll could rise even more. He said others were severely injured, but police did not know how many were hurt.

Witnesses and survivors of the island attack described scenes of horror and panic.

"I just saw people jumping into the water, about 50 people swimming towards the shore. People were crying, shaking, they were terrified," said Anita Lien, 42, who lives by Tyrifjord lake, a few hundred metres from Utøya. "They were so young, between 14 and 19 years old."

Survivor Jorgen Benone said: "It was total chaos ... I think several lost their lives as they tried to get over to the mainland.

"I saw people being shot. I tried to sit as quietly as possible. I was hiding behind some stones. I saw him once, just 20, 30 metres away from me. I thought, 'I'm terrified for my life,' I thought of all the people I love.

"I saw some boats but I wasn't sure if I could trust them. I didn't know who I could trust any more."

Another survivor, a 16-year-old called Hana, told Norway's Aftenposten: "We had all gathered in the main house to talk about what had happened in Oslo. Suddenly we heard shots. First we thought it was nonsense. Then everyone started running.

"I saw a policeman stand there with earplugs. He said, 'I'd like to gather everyone.' Then he ran in and started shooting at people. We ran down towards the beach and began to swim."

Hana said the gunman fired at people in the water.

Police seized the gunman, named by local *media* as Anders Behring Breivik, and later found undetonated explosives on the island, a pine-clad strip of land about 500 metres long.

Breivik's Facebook page appeared to have been blocked by late evening.

Earlier, it had listed interests including bodybuilding, conservative politics and freemasonry.

Norwegian *media* said he had set up a Twitter account a few days ago and posted a single message on 17 July saying: "One person with a belief is equal to the force of 100,000 who have only interests."

About 10 police officers were outside the address registered to his name in a four-storey red brick building in the west of Oslo.

The Norwegian daily *Verdens Gang* quoted a friend as saying he became a rightwing extremist in his late 20s. It said he expressed strong nationalistic views in *online* debates and had been a strong opponent of the idea that people of different cultural backgrounds can live alongside each other.<sup>52</sup>

---

<sup>52</sup> <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jul/23/norway-attacks?intcmp=239>

## 2. Danish theatre adapts Anders Behring Breivik manifesto

Cafe Teatret's plans to perform 1,500-page document written by Norwegian mass murderer criticised by relatives of victims

---

- **Matt Trueman**
  - [guardian.co.uk](http://guardian.co.uk), Tuesday 24 January 2012 12.46 GMT
- 



A Danish theatre plans to stage a monologue based on mass killer Anders Behring Breivik's 1,500-page manifesto. Photograph: [www.abcnyheter.no](http://www.abcnyheter.no) /Rex Features

A Danish theatre is to stage a monologue based on the manifesto written by [Anders Behring Breivik](#), the rightwing extremist responsible for last July's terrorist attacks in Norway. In an interview with Danish newspaper Politiken, [Cafe Teatret's](#) artistic director Christian Lollike laid out the plan to adapt the 1,500-page document for the stage. The piece, called Manifesto 2083, is set for a three-week run in August.

Lollike explained that he hoped the play would help to understand Breivik's mindset, describing last July's attacks, in which 77 people were killed, as "a terrible tragedy."

"What I'm afraid of is that Breivik's way of thinking will be left alone and will not be probed and reflected on," he continued. "The reasoning behind his actions are not unique. They express a political and ideological point of view. This can happen again."

The decision, perhaps inevitably, has been criticised by relatives of the victims. Per Balch Soerensen, whose daughter Hanne Annette was killed in Breivik's attack at Utøya, described the play as "an acceptance of his [Breivik's] acts."

Danish politicians have condemned the play, but, citing the importance of freedom of speech, have declined to get involved. Flemming Moeller Mortenson, the Social Democratic party's cultural affairs spokesman, [told the Associated Press](#) that news of the play "had left some deep, deep scars, and we're still shaken."

On 22 July 2011, [Breivik set off a car bomb outside government buildings in Oslo](#), killing eight people, before travelling to Utøya Island, where a Labour party youth camp was taking place, and killing a further 69 people, most of whom were teenagers.

In the manifesto, entitled 2083 – A European Declaration of Independence, Breivik refers to himself as the "Marxist Hunter," and states his hope to "be labelled as the biggest (Nazi-)monster ever witnessed since WW2."<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> <http://www.guardian.co.uk/stage/2012/jan/24/danish-theatre-anders-behring-breivik-manifesto>

### 3. Norway massacre suspect Anders Behring Breivik is 'not insane'

Assessment concludes that rightwing extremist, who confessed to killing 77 people, was not psychotic during attacks

**Helen Pidd** and agencies

---

- [guardian.co.uk](http://guardian.co.uk), Tuesday 10 April 2012 12.39 BST
- 

Psychiatrist assessment finds Anders Breivik is not criminally insane [Link to video: Anders Breivik 'not criminally insane'](#)

Anders Behring Breivik, the Norwegian extremist who has confessed to killing 77 people in a bomb and shooting rampage, is not criminally insane, according to a psychiatric assessment issued on Tuesday which contradicts an earlier assessment.

The conclusion comes six days before Breivik is scheduled to go on trial on terror charges for the massacre on 22 July 2011. Though not definitive, it suggests he could serve the maximum penalty of 21 years in prison rather than being detained indefinitely in a secure psychiatric institution.

The statement conflicts with an examination that diagnosed Breivik as psychotic, and therefore unfit for prison. The first, much criticised review concluded he had paranoid schizophrenia.

Some experts questioned whether someone with a grave mental illness would be capable of carrying out attacks requiring such meticulous preparation.

The new assessment was made by Terje Toerrissen and Agnar Aspaas, both psychiatrists, following a court request after the criticism of the first diagnosis. "The main conclusion of the experts is that Anders Behring Breivik is found to [have not been] psychotic during the time of his actions on 22 July 2011," the Oslo court said in a statement.

Breivik has admitted setting off the bomb at government offices in Oslo, killing eight people, and [opening fire at a youth camp outside the Norwegian capital, killing 69 others](#). But he denies criminal guilt, saying the attacks were necessary for a "civil war against Islam in Europe".

This latest psychiatric report is not definitive; only at the end of the 10-week trial will mental health experts decide once and for all whether Breivik is fit to serve his sentence in prison or whether he should go to a psychiatric hospital. [Last month](#) prosecutors said that they considered the 33-year-old to be psychotic and that they would seek a sentence of involuntary commitment to psychiatric care instead of imprisonment unless new information about his mental health emerged during the trial.

Breivik has portrayed his victims as "traitors" for embracing immigration policies he claims will result in an Islamic colonisation of [Norway](#). The attack on the camp was where the youth wing of the governing Labour party was holding its annual summer get-together.

He has been charged under a paragraph in Norway's anti-terror law that refers to violent acts intended to disrupt key government functions or spread fears in the population.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> <http://www.guardian.co.uk/world/2012/apr/10/norway-massacre-suspect-not-insane>

#### 4. Anders Behring Breivik could have been halted – report

Norway government commission concludes authorities could have prevented or at least interrupted bomb and gun killings

---

- Mark Lewis in Stavanger
  - [The Guardian](#), Monday 13 August 2012 18.15 BST
- 



Authorities could have done more to stop last year's killings by Anders Behring Breivik, who awaits sentencing in Oslo, according to a commission appointed by the Norwegian government. Photograph: Scanpix Norway/Reuters

The Norwegian terror attacks which killed 77 in July last year could have been prevented or interrupted had police and the intelligence services not made a catalogue of blunders, according to an official report.

Despite receiving a detailed description of [Anders Behring Breivik](#) 10 minutes after he let off a car bomb in the centre of Oslo, a catastrophic breakdown in police communications meant the rightwing terrorist was able to make the two-hour car journey to Utøya Island, passing two police cars, before boarding a boat with several assault rifles and going on to murder 69 children and young people.

According to a 500-page report into the atrocity, the communications blunder – resulting in a note containing the description of Breivik being left on a table in the police operations room – was one of a series of failures which added to the death toll.

Alexandra Bech Gjørvi, chairman the 22 July Commission, said a failure to mobilise helicopters, share information or accept help from private individuals prepared to drive boats to Utøya contributed to "the most inconceivable brutality".

With better communication and individual decision making, police near Utøya could have got to the island by 6pm, preventing an additional 25 minutes of slaughter, she said.

Breivik might even have been stopped seven months before the attacks, had [Norway's](#) internal intelligence service, the PST, acted on a tip from customs officials who flagged a suspicious purchase of potential bomb-making chemicals from Poland.

By December 2010, Breivik had already bought several semi-automatic assault rifles and was, said Gjørvi, "highly visible on websites which must be called extreme".

The prime minister, Jens Stoltenberg, said he deeply regretted the security and police blunders, and pledged to learn from the mistakes.

Several of the heads of departments have already resigned, including the justice minister, Knut Storberget, and PST chief, Janne Kristiansen, but Sissel Hammer, head of the Nordre Buskerud Police District which covers Utøya, says she will remain while she retains the trust of her superiors.

The current justice minister, Grete Faremo, said she would look closely at recommendations from the report before making any decisions, including calls for bans on semi-automatic weapons and improvements in shift patterns for police officers, too many of whom were just working office hours.

Bjørn Ivar Kruke, a crisis management specialist and associate professor at Stavanger University, who contributed to the report, said it would have been difficult to predict the shootings on Utøya, but the bomb in Oslo, which killed eight, had already been predicted.

"It shouldn't be possible to drive a car up to the main entrance and walk away with a pistol in your hand. That should be expected," he said.

A training exercise from 2006 had created the scenario of a car bomb attack on government buildings but a recommendation to close the roads around the central district had been snarled up in bureaucracy for five years, said the report.

Gjørv said the commission had "become fascinated" with the way Britain concentrated much of its counter-terrorism expertise and prevention strategies in the office of the prime minister, but concluded that Norway would do better to improve leadership in its existing institutions.

- This article was amended on 15 August 2012. The original said that Sissel Hammer is Oslo's police chief rather than head of the Nordre Buskerud Police District which covers Utøya. Bjørn Ivar Kruke, a crisis management specialist, who contributed to the report, is an associate professor at Stavanger University, not a Professor. This has been corrected.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> <http://www.guardian.co.uk/world/2012/aug/13/anders-behring-breivik-attacks-halted-report>



## 5. Anders Behring Breivik's 21-year jail term closes Norway's darkest chapter

Calls for debate on multiculturalism as far right extremist is sentenced for killing 77 in twin attacks on Utøya island and Oslo

[Mark Townsend](#) in Oslo

---

- [The Guardian](#), Friday 24 August 2012 19.29 BST
- 



Anders Behring Breivik was declared sane and found guilty of mass murder by an Oslo court. Photograph: Frank Augstein/AP

The darkest chapter in [Norway's](#) recent history came to a close, as judges delivered a sentence that is likely to see [Anders Behring Breivik](#) spend the rest of his life in prison, before they read out harrowing accounts of the gun and bomb attacks he perpetrated last year.

An Oslo court found that Breivik, whose twin assaults killed 77 people, was sane – the verdict that he and most Norwegians had wanted.

The conclusion of Norway's most high-profile judicial case for decades provoked *immediate* calls for the country to engage in a more rounded and open debate on multiculturalism.

Survivors and relatives welcomed the court's decision, saying they were now able to move on with their lives, 13 months after Breivik detonated a bomb in Oslo and embarked on a shooting rampage on Utøya island. More than half of those shot were teenagers.

The 33-year-old, who had earlier admitted the attacks that traumatised the peaceful country, smirked as the court's verdict was delivered. He was given the maximum sentence of 21 years, but with a "preventive detention" clause that means his time in jail can be extended as long as he is deemed a threat to society. It is unlikely he will ever be released.

In a final parting shot, clearly designed to offend, Breivik used his chance to address the court by apologising to "militant nationalists" across [Europe](#), apparently for not killing more people during his two attacks.

More than 60 relatives and survivors of the attacks nodded silently in the Oslo courtroom as the verdict was delivered by Judge Wenche Elisabeth Arntzen. Later they could be seen embracing one another. Most of the Norwegian public had hoped for a "sanity" verdict, eager that the killer should be made accountable for what they viewed as a political crime. Breivik sought the same outcome, believing it would legitimise the ideology that inspired his attacks.

Away from the courthouse, a feeling of closure was soon evident throughout the nation. Bjørn Kasper Ilaug, a rescue worker at Utøya, said: "The verdict is positive toward a situation where we can start moving forward. That is very important. This has been a heavy burden for many people for 13 months."

Breivik had targeted a summer camp of the youth wing of the country's ruling Labour party, which was taking place on the island. Another Utøya survivor, Frida Holm Skoglund, 20, said: "I'm going to fully live the first day of the rest of my life." Skoglund had remained so shaken by her ordeal that, in May, she requested that Breivik leave the courtroom before she could deliver her witness testimony.

Others described a sense of instant calm. Per Balch Sørensen, whose daughter was killed on Utøya, said: "Now we can have peace and quiet. He doesn't mean anything to me. He is just air."

Within moments of the verdict, lawyers for the victims were being inundated with celebratory emails. Mette Yvonne Larsen, who represented some of those affected, said: "This is what we hoped for. I have already received many messages from clients telling me this is justice served and they are happy it's over and will never have to see him [Breivik] again."

The killings induced a period of introspection for a nation of 5 million which had prided itself as a safe and stable society, and also raised questions about the prevalence of far-right views in a country where oil wealth has encouraged one of the fastest immigration rates in Europe.

Many Norwegians believe their country must use the verdict as a platform to instigate an examination of the virtues or otherwise of mass immigration for its society.

Breivik said that he had deliberately targeted those he felt encouraged multiculturalism, and that he wanted to overcome an "invasion of Muslims". Jo Stigen, professor at the department for public and international law at the University of Oslo, said: "It was a political attack. Now we can focus on how to avoid this in the future."

Mads Andenæs, a lawyer and professor at the university, who lost a student during Breivik's killing spree, said: "Everybody is happy with this as the end of the process. Discussion about immigration and racism and how [Breivik's] attitude was possible to develop can now start."

Chief among the issues to be explored will be how Breivik could emerge in a society with one of the lowest homicide rates in the world. Utøya survivor Eivind Rindal was among those who warned that Breivik's ideological, far-right discourse was far from unique. "There are many who shared his extreme views in our society," she said. The judges agreed, noting that Breivik's anti-immigration views were shared by a nexus of like-minded individuals and disparate groups.

However, they found no evidence that the Knights Templar, the modern-day crusader network that Breivik claimed to belong to, exists. The killer appeared to blush each time the organisation was mentioned during the court hearing.

One aspect of the judgment was seemingly to make sure Breivik's actions were not forgotten, with the judges delivering a harrowing reminder of his attacks as they documented, over several hours, each of the gunshot and bomb-blast injuries suffered by those killed and the 242 wounded. The court heard some women were shot up to eight times, many cold-bloodedly with bullets to the head. As the details were described, Breivik could sometimes be seen frantically writing notes; at other times, he looked flustered.



Legal experts said the detailing of his crimes was intended to provide a final, graphic reminder of his actions, should he ever appeal to be released.

One of the judges, Arne Lyng, revealed that the 950kg fertiliser bomb Breivik detonated outside the government headquarters could have been significantly more devastating. "It was pure luck that not many more were killed," he said.

The killer refused to express remorse, arguing that his victims were brainwashed "cultural Marxists" whose political activism would adulterate pure Norwegian blood, and stating that he would commit his attacks again.

The court's verdict signalled closure for Norway in another way: its finding of sanity means that Breivik will not appeal against his jail term. Geir Lippestad, his lawyer, was unequivocal: "He told me he will accept this verdict."

As the hearing continued, some felt the mood of the proceedings tangibly lift as it sank home that it might be Breivik's last public appearance.

Ali Esbati, Swedish survivor on Utøya remarked that the courtroom did not feel as "oppressive" as it usually had throughout the 10-week trial.

"Many must feel that today marks a certain end to the process," he said.

- This article was amended on 28 August 2012. The original referred to [Arne Lyng](#) and [Ali Esbati](#) as "she" rather than "he". This has been corrected.<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> <http://www.theguardian.com/world/2012/aug/24/anders-behring-breivik-verdict-norway-utoya>